



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

GUSTAVO HENRIQUE VIANA LOPES

**A CONCORDÂNCIA VERBAL COM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL EM
TEXTOS ESCRITOS DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE
ENSINO**

FORTALEZA – CEARÁ

2019

GUSTAVO HENRIQUE VIANA LOPES

A CONCORDÂNCIA VERBAL COM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEXTOS
ESCRITOS DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Lopes, Gustavo Henrique Viana.

A concordância verbal com terceira pessoa do plural em textos escritos do 8º ano do fundamental: uma proposta de ensino. [recurso eletrônico] / Gustavo Henrique Viana Lopes. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 216 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientação: Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho.

1. Concordância verbal. 2. Ensino de gramática. 3. Variação linguística. I. Título.

GUSTAVO HENRIQUE VIANA LOPES

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEXTOS
ESCRITOS DO 8º ANO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 25 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA



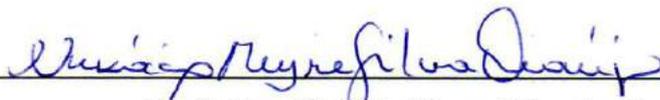
Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Prof. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Às duas pessoas às quais devo tudo o que
tenho: Norma Célia (mãe) e Francisco Lopes
(pai).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos que me concedeu.

A meus pais, pelo incentivo e por terem batalhado para me dar uma educação de qualidade.

A meu abraço-casa, Hugo Leandro, por ter acompanhado de perto a produção deste trabalho e por sempre enxergar em mim o talento que nem sei se tenho.

À UECE, por ter me dado não só formação intelectual, mas também humana.

À professora Aluiza Alves de Araújo, por ter me mostrado o mundo da Sociolinguística e por ter me inserido na ciência.

Ao Mestrado Profissional em Letras, por ter me dado a oportunidade de atuar como professor-pesquisador, permitindo-me trabalhar com algo que me dá prazer.

À Turma IV do Profletras UECE, principalmente, à Talita, à Amanda Alencar e ao Fernando, pelos abraços e sorrisos que me lançavam para frente.

Ao corpo docente do Profletras UECE, principalmente, à professora Suelene Oliveira e ao professor Lucineudo Irineu, por me nutrirem intelectual e espiritualmente.

À Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles, por ter sido o campo em que esta pesquisa foi realizada.

À turma do 8º ano do ensino fundamental do ano de 2018 da Escola Professora Maria da Conceição Porfírio Teles, por ter me dado a honra de ser seu professor e por ter deixado esta jornada mais alegre.

Aos professores Cássio Rubio e Germana Pontes, pelas valiosas contribuições na qualificação do projeto desta dissertação.

Aos professores Fábio Torres e Nukácia Araújo, por aceitarem fazer parte da banca de defesa desta dissertação e pelas contribuições necessárias ao aprimoramento da versão final deste trabalho.

Em especial, ao meu orientador, Professor Dr. Valdinar Custódio Filho, dono de minha imensa admiração, por ter acreditado em meu trabalho, por me ajudar não só a encontrar respostas mas também a encontrar minhas próprias perguntas e, enfim, por ter me dado a honra de construir esta pesquisa junto dele, que é um amigo responsável por esses dois últimos anos terem sido muito mais leves e fáceis.

*Olha, eu sou filho do mato / Eu venho da roça
/ Meu pai é vaqueiro / Minhas mãos é grossa.
(Saia Rodada)*

*Só línguas mortas são retratáveis num corpus
fechado de regras.
(GERALDI, 1997, p. 118)*

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de propor uma intervenção pedagógica que contribua para o aprendizado mais eficaz de concordância verbal, especificamente de 3ª pessoa do plural, em textos formais escritos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública situada na periferia da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Buscou-se promover, a partir de uma abordagem mais inclusiva, a ressignificação dos assuntos abordados nas aulas de língua portuguesa. Para isso, analisamos os comportamentos dos fatores linguísticos (posição do sujeito, realização do sujeito, saliência fônica e distância entre o sintagma nominal e verbal) e dos fatores sociais (sexo e escolaridade do indivíduo com quem o informante mais convive) sobre a regra analisada, cuja não realização é estigmatizada tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, o que gera o preconceito linguístico. O *corpus* inicial de análise foi constituído por 36 produções textuais dos alunos, que tinham entre 13 e 16 anos, sendo 23 alunos e 13 alunas. Os resultados obtidos, a partir de uma análise quantitativa e qualitativa, sob a ótica da Sociolinguística Laboviana, revelam que a posição do sujeito, a realização do sujeito e a saliência fônica são os fatores que mais interferem na concordância verbal com terceira pessoa do plural. Sendo assim, foi elaborada uma série de atividades de natureza epilinguística, pautadas na Pedagogia da Variação, as quais abordaram o fenômeno, levando em consideração os fatores que mais motivaram a escolha dos alunos pela variante desprestigiada. Após a intervenção, aplicada em 20 horas/aula, os alunos escreveram uma nova produção textual. Atesta-se que as atividades se mostraram eficientes, já que, após sua aplicação, houve redução no uso da variante estigmatizada nos textos escritos formais dos alunos.

Palavras-chave: Concordância verbal. Ensino de gramática. Variação linguística.

ABSTRACT

This research aims to propose a pedagogical intervention that contributes for a more effective learning of verbal agreement, specifically of third person plural, in formal written texts produced by 8th grade students of a public school located in the outskirts of the city of Fortaleza, in the state of Ceará. We tried to promote, from a more inclusive approach, the resignification of the grammar topics addressed in Portuguese classes. For achieving it, we analyze the behavior of linguistic factors (subject position, subject realization, phonemic salience and distance between the nominal and verbal syntagm) and social factors (sex and education of the individual with whom the informant most lives with) about the rule analyzed, whose non-fulfillment is stigmatized in both written and oral modality, which generates linguistic prejudice. The initial corpus of analysis consisted of 36 text productions of the students, who were between 13 and 16 years old, being 23 male and 13 female. The results obtained, from a quantitative and qualitative analysis, based on the perspective of the Labovian Sociolinguistics, reveal that the position of the subject, the realization of the subject and the phonemic salience are the factors that interfere more in verbal agreement with third person plural. Thus, a series of activities of epilingual nature, based on the Pedagogy of Variation, were elaborated, which approached the phenomenon taking into account the factors that motivated the students' choice for the discredited variant. After the intervention, applied in 20 hours, the students wrote a new text production. It is proved that the activities were efficient, since, after its application, there was a reduction in the use of the stigmatized variant in the students' formal written texts.

Keywords: Verbal agreement. Grammar teaching. Linguistic variation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sujeitos da pesquisa – Variável sexo	42
Tabela 2 – Atuação da variável posição do sujeito sobre a CV	48
Tabela 3 – Atuação da variável realização do sujeito sobre a CV.....	49
Tabela 4 – Atuação da variável saliência fônica sobre a CV.....	50
Tabela 5 – Atuação da variável sexo sobre a CV	51
Tabela 6 – Atuação da variável escolaridade do indivíduo com quem o informante mais convive sobre a CV.....	52
Tabela 7 – Atuação da variável posição do sujeito no sobre a CV após a intervenção ...	89
Tabela 8 – Atuação da variável realização do sujeito no sobre a CV após a intervenção.....	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	ENSINO DE GRAMÁTICA	17
2.2	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	22
2.3	PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS DIFERENTES TIPOS DE NORMA .	26
2.4	PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	30
2.5	CONCORDÂNCIA VERBAL	52
3	METODOLOGIA	38
3.1	TIPO DE PESQUISA	38
3.2	A PESQUISA AÇÃO	39
3.3	CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA	41
3.4	<i>CORPUS</i>	42
3.5	DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	43
3.5.1	Variável dependente	43
3.5.2	Variáveis independentes	43
3.5.2.1	Variáveis linguísticas	43
3.5.2.2	Variáveis sociais	44
3.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	45
3.6.1	Coleta de dados	45
3.6.2	Tratamentos dos dados	46
3.6.3	Proposta de intervenção	46
4	ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1	ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	48
4.1.1	Variáveis linguísticas	48
4.1.2	Variáveis sociais	51
4.2	RELATÓRIO DA INTERVENÇÃO	53
4.2.1	Atividade 1- Linguagem formal e linguagem informal	54
4.2.2	Atividade 2 - Sujeito e concordância verbal	66
4.2.3	Atividade 3 - Concordância verbal de acordo com a posição do sujeito	74
4.2.4	Atividade 4 – Concordância do verbo com sujeito oculto	80
4.3	RESULTADO DA INTERVENÇÃO	88

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	95
	APÊNDICE.....	99
	APÊNDICE A – MANUAL DIDÁTICO.....	100
	ANEXOS	140
	ANEXO A – TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO	141
	ANEXO B – CARTA E TERMO DE ANUÊNCIA	143
	ANEXO C – PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS	145

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2011 trouxe aos profissionais da educação brasileira, principalmente aos professores de língua portuguesa, a necessidade de se posicionarem frente à publicação de um livro didático que propunha uma diferente abordagem de um dos principais meios de distinção social no Brasil: a língua. Tratava-se do livro *Por uma vida melhor*, cuja autoria é de Heloísa Campos. O material, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático da época, trouxe a discussão sobre o ensino de alguns fenômenos gramaticais que, segundo a gramática normativa do português brasileiro, têm apenas uma maneira de se manifestarem, sendo “erro” qualquer variação desse fenômeno.

A autora propunha aos professores uma abordagem que rompia com a cultura de que se deve ensinar aos alunos uma língua única e modelar que é entendida como variedade padrão. Em sua obra, Campos (2011) nos convida a refletir sobre o ensino de língua portuguesa relembando, por exemplo, que

A língua portuguesa apresenta muitas variantes, ou seja, pode se manifestar de diferentes formas. Há variantes regionais, próprias de cada região do país. Elas são perceptíveis na pronúncia, no vocabulário (fala-se “pernilongo” no Sul e “muriçoca” no Nordeste, por exemplo) e na construção de frases. Essas variantes também podem ser de origem social. As classes sociais menos escolarizadas usam uma variante da língua diferente da usada pelas classes sociais que têm mais escolarização. Por uma questão de prestígio — vale lembrar que a língua é um instrumento de poder —, essa segunda variante é chamada de variedade culta ou norma culta, enquanto a primeira é denominada variedade popular ou norma popular. Contudo, é importante saber o seguinte: as duas variantes são eficientes como meios de comunicação. A classe dominante utiliza a norma culta principalmente por ter maior acesso à escolaridade e por seu uso ser um sinal de prestígio. (CAMPOS, 2011, p. 12)

Ao apresentar uma postura menos conservadora, que vê a variação linguística não como erro, mas como um fato natural da língua que configura “um outro meio eficiente de comunicação”, a autora desvela o imenso preconceito que se tem no que diz respeito às variantes que se afastam da norma-padrão. Esse preconceito pode ser percebido na medida em que ainda se acredita na existência de uma maneira única, exemplar de falar e de escrever em português.

Podemos perceber, então, a concorrência de, pelo menos, duas posturas frente ao fenômeno da variação linguística. De um lado, temos aquela que rejeita o processo de variação e mudança linguística, acreditando serem erros quaisquer desvios da norma-padrão da língua, que atribui a quem a utiliza o *status* de bom falante da língua. De outro lado, podemos aceitar a variação linguística como um processo natural e inerente não só ao português, mas a qualquer língua existente no mundo. O que se percebe é que, nas salas de

aula brasileiras, ainda prevalece a primeira maneira de enxergar os fatos da língua, dando a entender que, mesmo hoje, a obra citada há pouco seria, como foi em 2011, amplamente rejeitada.

Como consequência disso, temos aulas com baixo grau de reflexão sobre a língua, pautadas apenas na exposição de regras e nomenclaturas, na mera reprodução de um conhecimento que jamais partiu dos alunos, mas que foi imposto a eles, sem lhes dar a oportunidade de questionar ou participar de maneira mais ativa da construção do conhecimento relacionado ao idioma. Além disso, como os alunos estão sujeitos a produzirem enunciados conforme a variante linguística adquirida na comunidade a que eles pertencem, que difere da que é ensinada na escola, os professores devem estar aptos a lidar com essa diferença, pois, como adverte Bortoni-Ricardo (2004, p. 42), “o trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança ou até mesmo o desinteresse ou a revolta do aluno.”

É evidente, pois, a necessidade da inserção de novas teorias e novos métodos nas escolas brasileiras, para que sirvam de auxílio a professores e a professoras de língua portuguesa na busca de uma formação mais eficiente de leitores, escritores e falantes da língua. Para isso, temos como um dos aliados a Sociolinguística, que nos dá subsídios para abordar os fenômenos variáveis da língua de maneira sistêmica e não excludente, possibilitando aos alunos, como defende Bagno (2004, p. 8), o acesso à cultura letrada e, com isso, a chance de lutar pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas.

Este trabalho surge como uma tentativa de dar aos professores de língua materna a oportunidade de perceberem um modo de trabalhar a gramática que tem como ponto de partida as variantes linguísticas dominadas pelos alunos, conferindo às aulas de língua portuguesa um caráter democrático e, conseqüentemente, mais eficaz. O fenômeno variável explorado por nós nesta pesquisa é a concordância verbal com 3ª pessoa do plural, conteúdo que tem considerável espaço e visibilidade nos materiais didáticos e nas aulas de língua portuguesa no Brasil.

A ausência da marca de plural na concordância verbal (doravante CV) é um fenômeno que, além de ser muito facilmente percebido no que se entende por português brasileiro, é estigmatizado tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral da nossa língua. Tal fenômeno pode ser percebido nos mais diversos contextos: desde as situações menos monitoradas, como numa conversa entre amigos, até aquelas que exigem um monitoramento mais aguçado, como uma apresentação de trabalho acadêmico, por exemplo.

A não realização da concordância do verbo com o sujeito, diferente do que preveem as inúmeras gramáticas normativas brasileiras, pode ser percebida na fala de um sujeito com um alto nível de escolaridade, bem como naquela proferida por um sujeito com baixo nível de escolaridade e, por isso, marginalizado; ou seja, tal variação faz parte da realidade linguística dos falantes brasileiros.

As atividades disponíveis aos professores de português são muitas vezes as que são sugeridas pelos livros didáticos, que contêm questões limitadas à memorização e à mera consulta à parte teórica do conteúdo em questão, inviabilizando a problematização do que é ensinado em sala, tornando a gramática uma disciplina estanque, alheia à realidade linguística do aluno. Os materiais disponíveis no mercado editorial didático brasileiro, grosso modo, por serem pautados numa exposição de língua homogênea, sem possibilidade de transformação, muitas vezes deixam de considerar outras regras presentes na língua contemporânea.

A análise do fenômeno da CV, se considerarmos que se trata de um evento linguístico extremamente complexo, não está limitada ao que trazem os livros. Esta pesquisa parte do pressuposto de que os professores de língua devem explorar mais os episódios em que se percebe a variação a fim de que seja discutida a legitimidade de diferentes variantes linguísticas, para que, assim, ocorra uma reflexão produtiva sobre a norma prestigiada da língua. Intentamos, por meio da análise de textos escritos por alunos de ensino fundamental, identificar fatores linguísticos e sociais que condicionam a ausência da marca de plural na CV, para, em seguida, propor atividades pedagógicas focadas nos elementos que geram a inadequação e, conseqüentemente, a exclusão do indivíduo que se comportou linguisticamente de modo não condizente com a variante prestigiada pelas camadas sociais mais favorecidas.

Assim, pretendemos que os professores de língua portuguesa tenham subsídios para propor uma abordagem pedagógica respaldada por uma teoria que os ajudará a realizar um trabalho mais eficiente, que leve em consideração o que de fato se encontra no repertório linguístico dos alunos. Isso pode auxiliar os estudantes a aprimorarem seu processo de aquisição da escrita formal. O presente trabalho é realizado, ainda, com o intuito de viabilizar a interferência positiva dos estudos linguísticos nos hábitos percebidos nas salas de aula, assegurando a mediação entre a pesquisa linguística e o ensino de língua materna, que pouco têm dialogado.

Nosso objetivo principal é, portanto, propor uma intervenção pedagógica que contribua para o aprendizado mais eficaz de CV em textos formais escritos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública situada na periferia da cidade

de Fortaleza, no estado do Ceará, promovendo, a partir de uma abordagem mais inclusiva, a ressignificação dos assuntos abordados nas aulas de língua portuguesa. Para alcançar isso, propomos analisar a atuação dos fatores linguísticos no fenômeno de não marcação de CV em textos formais escritos dos alunos, como a posição do sujeito, a saliência fônica, a distância entre sintagma nominal e sintagma verbal; além dos fatores extralinguísticos, como sexo e grau de escolaridade do responsável com quem o aluno mais convive. Buscamos também analisar a eficácia das propostas de atividades pedagógicas que trabalhem o domínio da concordância verbal com base nas dificuldades apresentadas pelos alunos e, finalmente, refletir sobre o processo de aprendizagem deles no que concerne ao domínio de competências gramaticais relacionadas à estrutura do sistema gramatical.

Além desta introdução, este trabalho possui mais quatro capítulos.

No capítulo a seguir, tecemos considerações sobre as principais ideias que nortearam esta pesquisa: falamos sobre o ensino de gramática do português brasileiro, a partir de uma reflexão sobre o que e como essa prática pode/deve ser mudada a fim de alcançarmos nosso objetivo enquanto professores. Discutimos também os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, bem como suas contribuições para o ensino de língua materna. Ainda no segundo capítulo, tratamos das normas linguísticas que constituem o português brasileiro e problematizamos o fato de apenas uma delas ser legitimada na sociedade, o que traz como consequência o preconceito linguístico. São expostas algumas ideias que se têm acerca do fenômeno da concordância verbal, levando em consideração diferentes abordagens. Finalmente, abordamos a Pedagogia da Variação, vertente que orientou nossa intervenção, ponto alto deste trabalho.

No terceiro capítulo, falamos sobre os aspectos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Inicialmente, apresentamos as características gerais e, em seguida, definimos o *corpus* utilizado para análise. São expostas as variáveis trabalhadas, bem como nossas hipóteses em relação a elas. Falamos, ainda, dos procedimentos de análise e da sequência de ações que foram realizadas.

O quarto capítulo contém as análises quantitativas e qualitativas dos dados coletados com os estudantes. Além disso, compõem o capítulo o detalhamento das atividades aplicadas aos alunos durante a intervenção e o relatório das atividades aplicadas durante este período, e, ainda, a análise do impacto por elas provocado nas avaliações finais dos estudantes.

Nas considerações finais, tecemos algumas conclusões sobre o trabalho realizado a fim de promover a ideia de que o ensino de gramática, ao considerar qualquer fenômeno da língua, deve se dar uma maneira reflexiva e produtiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentados os pressupostos teóricos que consideramos relevantes para a configuração de nossa proposta de intervenção. O objetivo desta seção é propor uma reflexão sobre como se vê o ensino de gramática na contemporaneidade e, em seguida, aliá-lo a vertentes que dialogam com a realidade linguística encontrada nas salas de aula da educação básica. Tais vertentes motivaram as propostas provenientes desta pesquisa.

Primeiro, tratamos do ensino de gramática; procuramos justificar a necessidade de se ensinar gramática e como isso vem sendo praticado, tecendo algumas considerações sobre as atividades epilinguísticas, a fim de expor o modelo que será seguido para elaborar as propostas pedagógicas que deram corpo a este trabalho. Advogamos, logo após, a favor de uma abordagem mais eficaz dos conteúdos relativos à língua: a Sociolinguística Variacionista, por meio da pedagogia da variação. Falamos, ainda, dos conceitos de norma linguística e do preconceito linguístico que pode estar por trás da discussão sobre norma, o qual prejudica o processo de ensino da língua nas escolas brasileiras. Finalmente, falamos do fenômeno específico que analisamos neste trabalho; mostramos como a concordância verbal (CV) é definida por alguns gramáticos brasileiros, com o objetivo de elucidar o que contribui e o que não contribui para o bom rendimento do alunado nas aulas que abordam este conteúdo.

2.1 ENSINO DE GRAMÁTICA

Quando se fala em ensino de português nas escolas brasileiras, uma das questões levantadas diz respeito à finalidade dos professores ao realizarem tal prática. Travaglia (2009) faz um levantamento dos porquês que justificam o fato de se ensinar português para falantes nativos de Língua Portuguesa, doravante LP. De acordo com o autor, é possível elencar algumas respostas: primeiro, pensa-se na ideia de que o ensino de língua possibilita para o aluno o desenvolvimento de sua competência comunicativa, isto é, “a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2009, p. 17). Em seguida, expõem-se alguns objetivos que preocupam os professores de português, como auxiliar o aluno no domínio da norma-padrão, que é reconhecida pela Sociolinguística, sobre a qual falaremos posteriormente, como apenas um modelo de língua que não corresponde aos usos sociais reais do português, mas que confere aos indivíduos que dela se aproximam o prestígio social. Afirma-se também que ensinar a variedade escrita da língua e levar o aluno a conhecer a instituição linguística, como ela é constituída e como ela

funciona, assim como se sabe acerca das demais instituições sociais também se configuram como objetivos do ensino de gramática. Por último, o autor assevera que o conhecimento gramatical propõe ao aluno o modo de pensar científico, relacionado ao desenvolvimento das habilidades de observação acerca da linguagem.

Tradicionalmente, as aulas de LP apresentam uma avaliação mais negativa para a maioria dos alunos se compararmos às expectativas que eles têm em relação às aulas referentes às demais disciplinas. São criadas, com o passar do tempo, falsas ideias de que “não se sabe português” ou de que “português é difícil”, o que é facilmente explicado trazendo à luz a maneira como o assunto é abordado: a partir de uma gramática normativa (GN), que visa à norma-padrão como a maneira ideal e única de o aluno se expressar em suas interações rotineiras, deixando de lado a tese de que tal norma não representa a realidade linguística do aluno, que já é consolidada quando este chega à escola.

Fortalecendo essa ideia, Scherre (2005) aponta um grande equívoco das escolas brasileiras. Para a autora, reforça-se o ato de “confundir língua (sistema natural de comunicação humana) com gramática normativa (um livro feito por falantes-pesquisadores, com ênfase especial na modalidade escrita de prestígio, uma das muitas faces do exercício de poder” (SCHERRE, 2005, p. 84), o que sugere que os professores de língua portuguesa consideram que as aulas de GN dizem respeito a apenas uma variante e não à língua em si. Portanto, “quando um falante nativo de uma língua explicita o sentimento de que não sabe falar a sua própria língua, ele, de fato, está confundindo a sua língua com a gramática normativa de parte da sua língua” (SCHERRE, 2005, p. 90). Soma-se a esse equívoco, de confundir o ensino de língua com ensino de gramática, a desvinculação entre o trabalho com outras dimensões da língua – notadamente, a compreensão e a produção textual – e o trabalho com o conhecimento gramatical.

É de imensa necessidade o ensino de gramática nas escolas brasileiras, como justificado por Travaglia (2009), contudo deve-se pensar no modo de trabalhar essa frente da disciplina de língua portuguesa em sala de aula. Primeiramente, devemos parar de tratar o ensino de gramática como ensino simplório de nomenclaturas gramaticais, enxergando essa vertente apenas como o conjunto de estruturas sintáticas, sem considerar suas outras e mais importantes dimensões, como a pragmática, por exemplo. Oliveira (2010) salienta que não se deve deixar de atribuir à gramática da língua sua devida importância, entretanto é necessário que o professor esteja consciente de que, por meio dela, os alunos podem passar a produzir textos adequados a contextos de interação social específicos e que a nomenclatura deve ser utilizada apenas quando necessário, uma vez que tal viés, quando predominante, trabalha

apenas com memorizações inseridas em um mar permeado de inconsistências, sendo fonte de desestímulo para os alunos. Para Oliveira (2010, p. 237), é necessário “conceber a gramática de uma língua como sendo o conjunto de regras e elementos sintáticos e morfológicos à disposição dos usuários da língua para expressarem significados em interações sociais”. Assim, é possível vislumbrar uma abordagem pedagógica muito mais positiva e condizente com o que se espera das aulas de língua materna.

Outro passo importante, já que estamos tratando de ensino de gramática, é pôr em prática a ideia de que a totalidade do que vem sendo descrito nos manuais da referida disciplina não faz parte – e nunca vai fazer – da realidade dos alunos presentes em nossas salas de aula. A título de exemplificação, pensemos no pronome relativo “cujo”, sempre abordado nas aulas, mas cada vez menos encontrado, nem mesmo na fala/escrita de professores. É preciso, pois, apresentar sugestões de como ensinar gramática condizentes com as experiências reais dos alunos no que concerne à língua, ou seja, deve-se reconhecer, sobretudo, que a heterogeneidade linguística é um fato e que exige uma postura específica dos professores, só assim o alunado terá desenvolvida a tão necessária competência comunicativa. As palavras de Faraco (2015), nesse sentido, são esclarecedoras:

uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprenderam em casa das variedades cultas, e possam trabalhar sistematicamente, ao longo da escolaridade básica, para dominar estas últimas. (FARACO, 2015, p. 27)

Temos, pois, dois caminhos: um deles é dar continuidade à imposição de regras baseadas em nomenclaturas e apenas em um modelo de fala, que não contempla de maneira integral todos os usuários durante suas mais diversas situações comunicativas; e o outro caminho demanda explorar a realidade linguística da comunidade em que se insere o falante, a fim de que se possam discutir e perceber, de fato, os fenômenos que caracterizam a língua em estudo. O primeiro, por ser o modelo ainda vigente, colaborará para uma perpetuação da ideia de que existe uma língua difícil de aprender e, portanto, inatingível. O segundo, por não ser excludente e impositivo, poderá levar, com menos dificuldade, os aprendizes ao domínio da variante linguística exigida nas situações mais formais de fala.

Indo ao encontro de uma abordagem que valorize a inclusão dos fatos linguísticos reais nas aulas de língua portuguesa, concordamos que devem vir à tona atividades que promovam discussão sobre os fenômenos linguísticos, isto é, atividades de natureza epilinguística. Tais atividades são reconhecidas quando, em sala de aula, o professor adota

uma metodologia que permite aos alunos, nas palavras de Bezerra; Semeghini-Siqueira (2007), pensarem sobre os diferentes recursos linguísticos e, conseqüentemente, potencializarem o domínio da língua nas esferas pessoais e/ou sociais, que demandam o uso eficiente dessa importante ferramenta de interação. A partir de tal prática, os alunos passarão a compreender melhor o funcionamento linguístico já que, por meio de raciocínios, de questionamentos, agirão como responsáveis pela construção de seus conhecimentos, que, dessa forma, se efetua de maneira mais autônoma e significativa. As atividades epilinguísticas partem da premissa de que o aprendiz deve manipular a língua, percebendo os mecanismos que ele utiliza e pode utilizar, para, desse modo, atuar como ser pensante e apto a externar sua visão frente às situações cotidianas.

Franchi (2006, p. 63-64) define atividade epilinguística como “uma prática que opera sobre a própria linguagem, compara expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações” ou seja, são atividades que promovem a reflexão sobre a linguagem, deixando de lado a abordagem que valoriza a tradição gramatical, que perpetua o conceito de boa língua¹, além da transmissão de regras gramaticais. Esta última abordagem contribui apenas para o insucesso do ensino de língua, já que, segundo Geraldini (1996), planejam-se aulas que se propõem a responder perguntas que os alunos em momento algum formularam.

Buscam-se, pois, métodos que contribuam para a viabilização da reflexão acerca da língua, utilizada e analisada em contextos reais de interação. Isso permite que venham à tona situações-problema, que valorizam a construção de novos saberes, pois são desenvolvidos o senso e a capacidade crítico-argumentativa do aluno. Tais medidas, por levantarem questionamentos, podem contribuir de maneira significativa para a participação dos alunos na construção do conhecimento linguístico e, principalmente, deixam claro que os resultados de um ensino pautado na nomenclatura ou na classificação são irrisórios frente aos que partem de um reconhecimento das funções das muitas escolhas linguísticas realizadas no momento da enunciação.

¹ O conceito de boa língua está atrelado, de maneira errônea, à variante representada pela norma-padrão, que, por sua vez, dando continuidade à sequência de visões erradas sobre a língua, é tida como o modelo para se atingir a “maneira correta” de falar. Para Othero (2017, p. 48), “o português ‘correto’ é o ‘português gramatical’, ou seja, o português que aparece como modelo exemplar numa GN de língua portuguesa, o português tal como é – ou deveria ser – escrito por grandes escritores em sua produção literária.” Contudo, o autor nos lembra que essa maneira de falar não é efetivamente praticada pelos sujeitos, ou seja, ninguém fala o português corretamente, se levarmos em consideração esse critério. Desse modo, é inviável e prejudicial considerar o uso da categoria boa língua, usada por gramáticos, escritores, por exemplo, já que isso pressupõe a existência de uma outra língua ruim, utilizada por todo o restante da população.

As atividades realizadas em sala passam, então, de mera reprodução à criação de novas perspectivas, pois ficam de lado as repetições propostas pela maioria dos livros didáticos e pelos métodos de ensino praticados ao longo da educação básica. O conhecimento é, a partir desse método, construído, e o aluno se vê como sujeito ativo, já que ele “intervém espontaneamente no curso dos fenômenos, estabelece relações novas, define novos modos de estruturação do real” (FRANCHI, 1991, p. 9). Os conteúdos passam, pois, a se apresentar com valor funcional, tirando da linguagem o aspecto de “objeto morto para as biópsias e autópsias da segmentação, da análise, da classificação” (FRANCHI, 1991, p. 24).

Não significa, contudo, que serão deixadas de lado as atividades metalinguísticas, consideradas por Geraldi (1997, p. 190) como “uma reflexão analítica sobre os recursos expressivos, que levam à construção de noções com as quais se torna possível categorizar tais recursos”. Há de se considerar apenas que a gramática bem como a conhecemos e trabalhamos não dá conta do útil e intenso trabalho que podemos fazer, o que para o autor é um motivo a mais para desistirmos da reprodução do conhecimento e, por meio das atividades epilinguísticas, buscarmos a construção do conhecimento.

Geraldi (1997, p. 192-193) acrescenta:

elas [atividades epilinguísticas] podem servir e servem para uma outra finalidade: a do domínio de certos recursos expressivos que não fazem parte daqueles já usados pelos alunos. Toda reflexão feita deve estar no horizonte: o confronto entre diferentes formas de expressão e mesmo a aprendizagem de novas formas de expressão, incorporadas àquelas já dominadas pelos alunos, levam à produção e ao movimento de produção da variedade padrão contemporânea. (GERALDI, 1997, p. 192-193)

Somos alertados, pois, a ter a consciência de que o aluno pode ter sua experiência linguística ampliada a partir da orientação do professor, o qual dirige seus ensinamentos.

Sobre essa questão, a *Base nacional comum curricular* (doravante BNCC) é bem clara, tornado ultrapassado, inclusive, o que dizem documentos anteriores como os *Parâmetros curriculares nacionais* (PCN) (BRASIL, 1997). Sobre o ensino de gramática no nível fundamental, A BNCC diz:

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem. (BRASIL, 2017, p. 67)

A pedagogia da variação, sobre a qual teceremos algumas considerações adiante, pode ser considerada uma grande aliada das atividades epilinguísticas no processo de desconstrução de um ensino estanque da gramática. Isso porque a simplória análise dos fenômenos em certo ou errado não permite que o professor reconheça a maneira de o aluno se expressar como o meio para identificar o nível do entendimento que este possui da língua. Quando se identifica esse nível, é possível promover um trabalho de apreensão das regras de funcionamento da língua, além de um trabalho de reflexão sobre suas peculiaridades (SILVA; SUASSUNA, 2011).

É de responsabilidade do professor conhecer o sistema, sua nomenclatura e organização para que domine com eficácia os conteúdos de sua disciplina e, assim, construa aulas que estabeleçam uma ponte entre o que está presente no aluno real, percebido por meio da consciência sociolinguística, e o que é ensinado na escola. Tal ponte viabilizará a interação do aluno nas mais diversas situações comunicativas. Assim procedendo, o aprendiz conquistará diversas possibilidades de expressão, cujas descobertas não se darão por reflexões de terceiros, mas por suas próprias indagações e análises. A teoria gramatical será, dessa maneira, consciente e operada pelos seus falantes, que enxergarão sua relação com a língua como sendo de cumplicidade e não, como afirma Saviato-Silva (2008), de inimizade, cheia de armadilhas.

É inquestionável que estudar a gramática de uma língua é de grande importância para os indivíduos que a utilizam. Entretanto, é conveniente que seja pensada uma abordagem que atenda à demanda dos espaços que vão além do ambiente escolar. As atividades de natureza epilinguística podem ser uma saída para que os estudos gramaticais saiam da estagnação e sejam mais significativos para os estudantes de língua materna. Pensar a língua de maneira dinâmica evoca instantaneamente a teoria da variação, que traz consigo a consciência de que o estudo da língua não deve ser dogmático nem repressivo, mas aberto às diversas manifestações linguísticas que nem sempre condizem com o que está exposto nas gramáticas normativas.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O estruturalismo e o gerativismo, abordagens teóricas nascidas a partir de Ferdinand de Saussure e de Noam Chomsky, respectivamente, contribuíram, em ampla medida, na primeira metade do século XX, para a configuração de uma ciência linguística, promovendo um conjunto de condições que atestaram o caráter formalista da língua(gem). De

um lado, temos uma concepção a qual concebe a língua como uma estrutura que, por si só, explica e motiva tudo o que nela acontece; de outro, uma concepção que concebe a presença de um falante-ouvinte ideal, inserido numa comunidade de fala homogênea, capaz de julgar intuitivamente aquilo que é ou não gramatical. O que há de comum entre tais pensamentos é que ambos desprestigiam a relação intrínseca entre língua e sociedade, cena que mudará a partir dos estudos de William Labov, por exemplo, cujo ponto fundamental “é a presença do componente social na análise linguística” (GORSKI, 2010, p. 22).

Estudando a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts (EUA), Labov (2008) buscou perceber a frequência da distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ (como em *bright* e *mouse*), nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos que poderiam ser encontrados na ilha. Além desses fatores de natureza extralinguística, utilizaram-se para a análise alguns fatores linguísticos também, como o contexto fonológico subsequente e a tonicidade da palavra que continha o encontro vocálico em estudo. Percebeu-se com a pesquisa que uma mudança linguística estava em curso, sendo conclusão do autor que a identidade e o sentimento de pertencimento dos falantes à ilha estudada, fatores de natureza psicossocial, representam os traços que interferiam na maneira que os sujeitos tinham de falar. Deu-se então início a estudos que procuram comprovar que fatores externos à língua, como idade, gênero, profissão, origem étnica, entre outros, têm papel decisivo no processo de variação linguística, o que causou, assim, grande impacto nos estudos relacionados à língua na contemporaneidade. Alkmin (2012, p. 33) salienta que, após esse trabalho, “a realidade diversificada, tanto linguística como cultural, nos Estados Unidos – e, mais tarde, no mundo – torna-se um ponto de reflexão básico para um contingente significativo de estudiosos”.

Os estudos sociolinguísticos buscam, dentre outros objetivos, retratar a realidade linguística de uma comunidade a fim de encontrar soluções para, por exemplo, o insucesso escolar nas aulas de língua materna, que são voltadas muitas vezes para uma variedade apenas, desconsiderando as que os alunos trazem consigo, transformando a sala de aula em um ambiente de opressão e preconceito.

O interesse pela linguagem em uso no contexto social passou a crescer a partir de então, e a Sociolinguística serviu para abrigar diversas abordagens que, de acordo com Camacho (2012), abrangem diversos assuntos. Há, por exemplo, a Sociologia da Linguagem, cujo principal representante é Joshua Fishman. Aqui, encontramos um ramo das ciências sociais, já que encara os sistemas linguísticos como instrumentais em relação às instituições sociais mais amplas (CAMACHO, 2012). Tem-se também a Etnografia da Comunicação de

Hymes, que se interessa “em descrever e analisar as formas dos eventos de fala, especificamente as regras que dirigem a seleção que o falante opera em função da relação que ele contrai com o interlocutor, com o assunto da conversa e outras circunstâncias do processo de comunicação.” (CAMACHO, 2012, p. 53)

Temos, também, a área à qual nos filiamos para a realização deste trabalho: a Sociolinguística Variacionista, ligada a Labov. Esse autor afirma que a única maneira de se entender a língua é relacionando-a com a sociedade. Assim, problemas próprios da teoria da linguagem podem ser solucionados, e respostas para esses problemas, provenientes da variação presente em quaisquer línguas, podem ser encontradas.

Nas palavras de Mollica (2010, p. 9), a Sociolinguística

é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala. Voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais, esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2010, p. 9)

É a valorização da heterogeneidade linguística que fará grande diferença nessa área de estudo. Nas diversas instâncias da língua – fonológica, sintática, morfossintática etc. –, percebe-se que a variação se faz presente; isso ocorre também a partir do momento em que se analisa o comportamento linguístico dos diversos estratos sociais, divididos de acordo com o gênero do falante, sua escolaridade, a faixa etária em que ele se encontra etc. A variação é inerente à língua, e o Brasil, por exemplo, é um país que está repleto de provas de que as realizações da língua estão distantes de serem homogêneas, como defendia Saussure (2012).

É importante ressaltar que toda essa diversidade não ocorre ao acaso; fatores internos e externos à língua agem constantemente, e cada um deles explica a língua em sua concretude. Para ficar mais claro, basta perceber, por exemplo, que dois usuários da mesma língua dificilmente se expressarão de maneira idêntica. As situações às quais cada um deles está sujeito provocarão interferências em seu modo de falar (ou escrever), situações que vão desde o acesso à mídia em sua casa, até mesmo a escolarização de seus pais. Isso, contudo, não implica uma “desordem” generalizada. Talvez uma das grandes contribuições que a Sociolinguística Variacionista dê é a assunção do princípio de que, muito embora cada falante possa se manifestar linguisticamente à sua maneira, não se deve perceber a língua como um caos, já que, por meio do fazer sociolinguístico, todos esses fenômenos podem ser sistematizados e explicados, e essa construção científica tem reflexo direto no que se faz (ou, pelo menos, se deveria fazer) nas salas de aula da educação básica.

A variedade linguística se faz presente quando percebemos, grosso modo, diversas maneiras de se falar um mesmo conteúdo. Por exemplo, nos enunciados “Eles fazem” e “Eles faz”, percebem-se, para o mesmo conteúdo proferido, duas maneiras de marcar a concordância verbal (CV): na primeira, há a terminação padrão *-em*, enquanto, na segunda, há o morfema zero. Embora sejam faladas ou grafadas de maneiras diferentes, as duas realizações mantêm o que Labov (2008) chama de significado referencial/representacional. Já sabendo que não é ao acaso que se dá tal distinção, inferimos que, levando em consideração os fatores sociais, alguns grupos estão mais propícios a realizarem com mais frequência o primeiro enunciado.

Variedade é, pois, a maneira de usar a língua que distingue cada grupo social que usa determinada língua. Para essa distinção, são considerados diversos fatores. Ao pôr em evidência, por exemplo, a localização geográfica do falando, perceberemos a diferença entre a maneira de falar dos sujeitos cearenses e os cariocas; se pretendemos analisar a língua a partir de critérios sociais, perceberemos a diferença entre a maneira de falar dos mais jovens e dos mais idosos, dos homens e das mulheres, dos sujeitos mais escolarizados e menos escolarizados, dentre muitos outros aspectos. Variedade, então, “representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar.” (COELHO, *et. al.*, 2010, p. 26)

Vale ressaltar que não são todos os fatos da língua que podem variar, o que dá força à ideia de que a variação é sistematizada. No português brasileiro, por exemplo, há um padrão que envolve a posição dos artigos definido e indefinidos. Não encontramos falante ou escritor que, em suas comunicações, posponham o artigo ao substantivo. Outro exemplo disso diz respeito à concordância: podemos facilmente encontrar expressões como *Eles Faz* ou *Nós faz*, contudo, é praticamente impossível encontrarmos *Eles fazemos* ou *Nós fiz*, a não ser que, por traz disso, haja uma intenção do autor. Monteiro (2000, p. 58) nos diz: “Todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de invariante.” Entretanto, continua o autor, “além das regras categóricas ou invariantes, existem e, sem dúvida, em maior abundância, as regras variáveis” (MONTEIRO, 2000, p. 58)

Nas palavras de Gorski (2010), variável linguística corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação. Ao tomar por base os exemplos de variação “*Eles fazem*” e “*Eles faz*”, teríamos como variável a realização da concordância do verbo com a 3PP [terceira pessoa do plural]. Essa variável comporta diferentes realizações: são o que

chamamos de variantes, que podem, no contexto, ser permutáveis sem que se corra o risco de alterar o significado referencial/representacional dos enunciados pretendidos pelos falantes. As variantes podem estar relacionadas às variedades cultas² da língua ou podem se afastar dela. No primeiro caso, temos as variantes-padrão, geralmente prestigiadas, conservadoras, por estarem no repertório linguístico da comunidade há mais tempo; já no segundo, temos a variante não padrão, muitas vezes estigmatizada e inovadora, já que podem romper com a manifestação que detém prestígio social.

Quando se fala de variáveis, podemos ter as dependentes e as independentes. Em uma pesquisa sociolinguística, as variáveis dependentes constituem o fenômeno a ser estudado. Ainda utilizando o exemplo dado acima, teríamos como variável dependente a realização da concordância do verbo com a 3PP. As independentes são as variáveis às quais a CV está sujeita, que podem ser de natureza linguística ou extralinguística: posição do sujeito (anteposto ou posposto ao verbo), gênero ou escolaridade do falante, dentre muitos outros exemplos.

A partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, por meio dos quais se reconhece a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, este trabalho se propõe a abordar o fenômeno da concordância do verbo com sujeito em 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do ensino fundamental, objetivando sugerir soluções para um ensino mais eficaz e humanizado. Mapear as variantes de uma comunidade e os fatores que as condicionam permitirá ao professor de língua materna o uso de estratégias para permitir ao aluno o acesso à norma prestigiada, sem desvalorizar seu repertório linguístico, que muitas vezes é marca de estigma e de exclusão social.

2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS DIFERENTES TIPOS DE NORMA

Já vimos que a heterogeneidade é uma característica inerente a todas as línguas naturais. Não se tem como imaginar uma língua em que seus falantes a usem de maneira totalmente unitária, considerando que, como já foi discutido, há diversos fatores externos ao sistema linguístico que interferem na maneira como usamos tão importante recurso. Contrasta com essa realidade o fato de, tradicionalmente, reconhecer-se a língua como uma entidade que deve seguir um modelo, ressaltando-se que esse modelo não foi eleito a partir de critérios

² Na próxima seção, serão discutidos os diferentes tipos de norma.

propriamente linguísticos, mas sim, como adverte Faraco (2008), a partir de critérios políticos e culturais.

A temática do modelo ideal para uma dada língua remete à reflexão sobre o conceito de *norma*. Numa perspectiva ainda muito inicial, podemos encontrar nos dicionários que *norma* (no que diz respeito à linguagem) é o conjunto de regras determinadas sobre o que deve ou sobre o que não deve ser utilizado em uma língua ou, ainda, aspectos que são determinados pelo uso corrente da língua. Bagno (2003) questiona como é possível, num mesmo campo de investigação, falarmos em “aquilo que deve ou não deve ser utilizado” e em “uso corrente”. Podemos resgatar, então, com o autor, a dupla natureza do conceito de *norma*: ora relacionada àquilo que é normativo (conjunto de regras), ora ao que é normal (uso corrente); este relacionado com o que observamos; aquele, com o que se elabora a partir dos juízos de valor. Autores como Lucchesi (2002) trazem à luz da realidade linguística brasileira o que devemos conhecer como norma-culta e norma-padrão, respectivamente, que, embora distintas, são tratadas, por muitos leigos e também por professores de língua materna, como iguais.

A primeira norma da qual vamos falar é a norma-padrão, atrelada a uma visão mais tradicional da língua, baseada em como ela deve ser e não em como ela é de verdade. Tal visão está presente na história das línguas há muito tempo, passando a ser contestada somente com os avanços dos estudos linguísticos iniciados no século XX. Bagno (2007) conta que o surgimento de uma norma-padrão se fez necessário na Europa Renascentista, quando, com a decadência do sistema feudal, novos estados começaram a surgir, trazendo consigo diversas línguas com suas diversas variedades. Precisou-se, assim, de uma norma-padrão, vista pelo autor como uma seleção, já que era necessário escolher uma única língua para ser a língua oficial do povo.

É fácil deduzir que essa escolha de forma alguma seria aleatória e que a variedade escolhida seria aquela proveniente “do centro de poder, da zona geográfica mais influente, mais rica economicamente” (BAGNO, 2007, p. 89). Com a imposição da língua oficial, viria a produção das primeiras gramáticas normativas, que tinham a missão de expor, de acordo com os teóricos da época, “o modo certo e justo de falar e escrever, colhido do uso de autoridades” (BAGNO, 2007, p. 88) ou uma língua modelar, que era aquela que se fazia presente “na parte mais sadia da corte” (BAGNO, 2007, p. 88).

A norma-padrão, porém, está longe de ser a manifestação da língua em sua face concreta. Temos nela uma manifestação abstrata, que não é percebida em sua totalidade em nenhuma situação comunicativa, isso por se tratar de uma atividade prescritiva, que

desconsidera a língua como ela é de verdade, seguindo padrões que não fazem – e nunca fizeram, nem vão fazer – parte da realidade linguística de diversos falantes de uma dada língua.

O caráter mais inerentemente político-social de uma língua se faz presente em uma outra norma, a dita culta, que apenas se aproxima do que é previsto pela norma-padrão, já que está relacionada com os falantes das classes dominantes de uma comunidade de fala. Um grande problema é o fato de muitas pessoas tratarem a norma padrão como sendo a norma-culta. Bagno (2003, p. 52) adverte:

As pessoas que usam a expressão norma culta como um pré-conceito tentam encontrar em todas as manifestações linguísticas, faladas e escritas, esse ideal de língua, esse padrão preestabelecido que, como uma espécie de lei, todos teriam a obrigação de conhecer e de respeitar. Como é virtualmente impossível encontrar esse modelo abstrato na realidade da vida social, os defensores dessa noção de norma culta consideram que praticamente todas as pessoas, de todas as classes sociais, falam “errado”. (BAGNO, 2003, p. 52)

Enquanto a norma-padrão é de natureza abstrata, a norma-culta é mais concreta, é aquela que seria o normal, observado por nós, nas situações em que se comunicam sujeitos que gozam de prestígio social, em situações formais de fala/escrita.

Vejamus um exemplo para entendermos a diferença entre os dois tipos de norma. De acordo com a primeira, o verbo relacionado ao sujeito de segunda pessoa do singular (2PS), quando se encontra no presente do indicativo, deve ser flexionado de modo que receba a terminação *-s*, desinência número-pessoal, referente à 2PS. Ex.: Tu não concordas. Em contrapartida, os falantes cultos, aqueles que apresentam alta escolaridade, vivência mais urbana, por exemplo, não usam tal variante. Para estes, é totalmente aceitável o enunciado “Tu não concorda.”, sendo o verbo flexionado na terceira pessoa do singular (3PS).

Percebe-se, assim, que, diferentemente da norma padrão, a norma culta é essencialmente heterogênea, socialmente variável e sujeita a transformações ao longo do tempo, condizendo mais com a realidade linguística da comunidade que dela se utiliza. Faraco traz esta concepção de norma quando a ela se refere como sendo um “conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa determinada comunidade de fala” (FARACO, 2008, p. 74). Aqui temos, pois, uma discussão que envolve dois objetos diferentes, que causam divergências não só para os leigos, de fato, que se propõem a falar sobre norma, mas também para pessoas que deveriam ter tal conhecimento.

Há ainda uma terceira norma: a norma popular. Muitas pessoas se deixam levar pelo senso comum e tratam norma-padrão como sinônimo de norma culta e norma culta como

antônimo de norma popular, como atesta Bagno (2003). O primeiro caso é percebido quando se imagina que os falantes cultos são aqueles que respeitam acima de qualquer coisa aquilo que está prescrito nas gramáticas normativas. O segundo caso traz consigo uma preocupação, pois, já que vem à tona um falante culto, presume-se que venha também aquele que é inculto, por se afastar da norma gramatical. Mas isso não se sustenta.

O falante que utiliza a norma popular apresenta uma menor aproximação com o que está prescrito nas gramáticas normativas. A norma popular é aquela que “tenta designar as variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades” (BAGNO, 2009 p. 77). Esses indivíduos, embora marginalizados, são capazes de se comunicar com eficácia, e seus modos de falar/escrever devem ser valorizados no ambiente escolar, servindo de ponto de partida para que, por meio de reflexões, o aluno adquira o domínio da escrita formal.

Percebem-se alguns avanços no que diz respeito às propostas do que deve ser ensinado nas aulas de língua portuguesa com a BNCC. Uma das competências específicas pretendidas pelo ensino na área de linguagens é “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.” (BRASIL, 2017, p. 63). Dentre as habilidades a serem desenvolvidas relacionadas ao nível fundamental, podemos encontrar o seguinte: “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.” (BRASIL, 2017, p. 161) e, também, “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.” (BRASIL, 2017, p. 161). Não se pode, por isso, abordar a língua como apresentando uma faceta apenas:

O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma língua estrangeira (norma-padrão) para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade do português não padrão. (BAGNO, 2015, p. 33)

É necessário desconstruir tais ideias, e, para isso, um dos primeiros passos, ainda com Bagno (2003), é trazer novas nomenclaturas para designar a norma culta e a norma popular. Deve-se antes de tudo reconhecer a natureza abstrata da norma-padrão da Língua Portuguesa, reconhecer que os falantes, devido a todas as influências sociais, não a usam em sua totalidade. Sendo assim, para o termo norma culta, devemos atribuir nada mais que a ideia

de uma manifestação linguística prestigiada, já que ela contempla os falantes provenientes de uma elite socioeconômica. É necessário, todavia, atentar para a ideia de que

O prestígio social das variedades linguísticas nada tem a ver com qualidades intrínsecas com algum tipo de “beleza”, “lógica” ou “elegância” inerente ou natural a essas maneiras de falar a língua. Esse prestígio social é uma construção ideológica: por razões históricas, políticas e econômicas é que determinadas classes sociais assumiram o poder, ganharam prestígio, ou melhor, atribuíram prestígio a si mesmas” (BAGNO, 2003, p. 66)

Já a norma popular, por ir de encontro ao que é prescrito pelos gramáticos, sofre preconceito e é, por isso, a variedade a qual chamamos de estigmatizada. Essa terminologia pode corresponder, como já vimos, à não-cultura, ao que é errado e não aceito. Faraco (2008, p. 36) nos lembra que, “se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de outra norma.” Seria muito fácil para o linguista eliminar a descrição de outros dados da língua, colocando o termo erro em cima de todos eles.

Além disso, vale ressaltar que toda norma, seja ela prestigiada, seja ela estigmatizada, é estruturalmente organizada; o que pode acontecer é simplesmente existirem outras normas, com outras lógicas e outras regras. Sendo assim, na busca pelo poder atingido por meio da língua, o que realmente faz diferença é o prestígio ou falta de prestígio social do falante, sendo os elementos linguísticos propriamente ditos, de fato, triviais nesse processo.

2.4 PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Zilles e Faraco (2015) propõem uma pedagogia que envolva a variação linguística no ensino de LP de forma que se faça presente uma perspectiva integradora das várias dimensões da prática pedagógica. Trata-se de um ensino que integre o domínio das variedades linguísticas ao domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala no espaço público. Isso não quer dizer que os professores devem buscar apenas a garantia do domínio dessas práticas socioculturais, sendo que o que os desafia deve ser “a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 9). Para tanto, professores e alunos devem compreender que a língua é constituída de heterogeneidade, que possui uma história social, além de buscar caracterizá-la na contemporaneidade.

Tal abordagem vai – de maneira interessante – de encontro a uma pedagogia tradicional, que faz com que o professor se sinta na obrigação de “coibir severamente os usos

da língua que se desviassem da norma considerada culta” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37). É possível pensar em uma aula de língua materna que enxerga o “erro” do aluno não como uma deficiência, mas como nada mais que uma diferença entre as variantes. A partir dessa perspectiva, ao nos depararmos com a realização de uma regra que não condiz com a norma-padrão, devemos conduzir o aluno a primeiro, identificar a diferença, para, em seguida, conscientizar-se dessa diferença sem que haja prejuízos ao processo de ensino/aprendizagem, ou seja, sem causar interrupções inoportunas, que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), provocam insegurança, desinteresse ou a revolta do aluno, justificando, assim, o fracasso das aulas de português.

A pedagogia proposta por Zilles e Faraco (2015) faz-nos refletir sobre a noção de erro e, mais uma vez, retomando o conceito de norma, mostra-nos que esse julgamento não se faz pautado em elementos linguísticos, mas sociais. Isto é, o certo ou errado, de acordo com a perspectiva tradicional, acaba dependendo de qual grupo social está fazendo uso da língua. Campos (2014, p. 25) adverte:

É claro que dificuldades maiores surgem na interação linguística quando os falantes utilizam variedades distintas e se referem a coisas do mundo que o outro interlocutor não conhece. Isso é o que em linha geral se dá na escola. O aluno que ali chega quer melhorar seu desempenho como falante de língua portuguesa, sobretudo na modalidade escrita da língua, mas pode ser originário de um grupo social cuja variedade coloquial se distancia bastante daquela que é utilizada nos livros. O mundo que se abre diante dele é amplo e desafiador. (CAMPOS, 2014, p. 25)

Por esse motivo, faz-se necessária uma abordagem pedagógica da gramática que seja mais sensível ao que se encontra na sala de aula, visando à colaboração com a formação de um aluno capaz de interagir socialmente por meio de sua língua. Por isso,

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. [...] Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Cabe aos professores e pesquisadores buscarem maneiras mais adequadas e menos opressoras de contribuir com o aprendizado dos alunos. A Sociolinguística muito tem a contribuir com o ensino do PB nas escolas do país. Dentre as contribuições, Martins; Vieira; Tavares (2014) elencam três: podemos definir de maneira apurada os conceitos básicos para o tratamento adequado dos fenômenos variáveis; podemos reconhecer a pluralidade das normas brasileiras, não nos restringindo ao que nos é imposto pelas classes dominantes, e as

reconhecendo como um complexo tecido de variedades e convivência; podemos estabelecer diversas semelhanças entre o que se convencionou chamar “norma culta” e “norma popular”, além dos estereótipos linguísticos facilmente identificados pela maioria dos falantes.

Ao proceder dessa forma, professores e professoras estarão indo ao encontro do que prevê a BNCC, ao afirmar que ao ensino de gramática da língua portuguesa

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 79)

Unindo a Sociolinguística Variacionista às ideias sobre uma abordagem mais criativa da gramática, proporemos uma série de atividades de intervenção que farão com que professores analisem e trabalhem o fenômeno da CV a partir de concepções diferentes que podem se complementar. Além disso, a consciência adquirida devido ao que pressupõem os estudos sociolinguísticos auxiliarão no estreitamento das relações entre alunos e aulas de língua materna, trazendo mais significado a esses momentos.

2.5 CONCORDÂNCIA VERBAL

Nas aulas de língua portuguesa, um dos assuntos mais presentes é a concordância verbal. Para Vieira (2011, p. 85), isso tem uma relação íntima com a caracterização sociolinguística do fenômeno, já que a não realização da regra “constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social, de cunho estigmatizante, que se revela, com mais nitidez, no âmbito escolar”. Pautadas nas variantes relacionadas à variedade culta, muitas vezes mal utilizadas pelos alunos, as aulas vêm com um turbilhão de regras que, prontas para serem apenas decoradas, pouco contribuem para a ampliação do repertório linguístico do alunado, já que muitas dessas regras pouco ou nunca são utilizadas por eles. Acrescenta-se a isso a maneira como o assunto é ensinado: a partir de “verdades prontas dos livros didáticos ou das gramáticas, que são despejadas sobre nossos alunos, sem refletir sobre o real funcionamento dos fatos e sem ensinar, obviamente, nossos alunos a refletirem” (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 99).

A CV pode ser definida como “um fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença [verbo] é determinada pela forma de outra palavra [ocupando a categoria de sujeito] com a qual tem alguma ligação gramatical”. (CARDOSO; COBUCCI,

2014, p. 74) Veremos como tratam o fenômeno da CV alguns autores brasileiros: Bueno (2014), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013) e Perini (2010).

Bueno (2014, p. 451) define a regra geral de CV como o fenômeno por meio do qual “o verbo, termo essencial da oração, concorda com o sujeito em número e em pessoa”. De acordo com o autor, no exemplo a seguir:

a) Os alunos **foram** ao zoológico ontem.

Vemos um sujeito – “alunos” – flexionado no plural, marcado pela 3ª pessoa (“eles”). Isso faz com que o verbo, de acordo com a regra, tenha a sua concordância explicitada também na 3PP, ou seja, para o autor, não há, para este caso, uma outra forma do verbo “ir” senão “foram”.

Bechara (2009), por sua vez, se preocupa em dividir a exposição sobre CV da seguinte maneira: primeiro, o autor explica como se dá a concordância “de palavra para palavra”, ou seja, mostra que um sujeito simples e singular exige um verbo no singular; caso o sujeito esteja no plural, o verbo assume esta forma. Para sujeito composto, aquele em que há mais de um núcleo, a forma aceitável é que mostra o verbo no plural independentemente da posição do sujeito em relação ao verbo.

Em seguida, o autor traz a concordância de “palavra para sentido”: o autor fala de sujeitos simples que se referem a grupos ou coleção, como “a gente” ou “o povo”. Bechara reconhece a variação em terceira pessoa do plural, realizando-se como “a gente vamos” ou “o povo trabalham”, entretanto afirma que a língua moderna condena, do ponto de vista estético, essas realizações, visto que soam desagradável ao ouvido. Por último, o autor se dispõe a verificar “outros casos de concordância verbal”, somando 22 regras.

Para Cunha e Cintra (2013, p. 510), “a solidariedade entre o verbo e sujeito, que ele [o verbo] faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”. Indo ao encontro dos autores já listados, para estes estudiosos, o verbo concorda em número e em pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido. Caso o sujeito seja composto, o verbo deve ser flexionado no plural, podendo receber a flexão de primeira, segunda ou terceira pessoa, dependendo das pessoas que o sujeito figurar. É possível inferir, pois, que quaisquer formas que não se realizem conforme as regras acima citadas são rejeitadas pela GN.

Perini (2010) tem uma abordagem diferente da dos demais autores já apresentados. Em primeiro lugar, o autor discorda dos demais teóricos ao afirmar que

enxergar a CV como o ato de o verbo assumir certa forma conforme o sintagma nominal que preenche a função de sujeito é inadequado, sendo, ainda, necessário trazer à tona uma nova visão desse fenômeno. O autor sugere, então, que se deve reconhecer a presença da variação e mudança linguística, mostrando que faz parte da realidade do PB a tendência das formas verbais de 3PP cederem às formas de 3PS, mostrando que a gramática tradicional deve ser contestada em prol de uma descrição linguística (e, conseqüentemente, de um comportamento linguístico) que considere o uso efetivo da língua por seus falantes.

Para ir mais além, o fenômeno da CV, que, como já foi mencionado, é potencialmente variável, nos é imposto de maneira tradicional da seguinte forma: trata-se da flexão do verbo conforme o sujeito com o qual apresenta ligação. Aprende-se e ensina-se, pois, que, no PB, o verbo concorda em número e em pessoa com o sujeito do enunciado de que faz parte. Entretanto, tal verdade poder ser contestada. Vejamos os enunciados abaixo:

b) Pelo menos 10% do total de recursos arrecadados deverá ser investido em ações de saúde.³

c) O preço dos imóveis nos Estados Unidos tiveram a maior queda desde 1968.⁴

Os trechos transcritos acima foram produzidos em situações formais de fala, o que não impediu o afastamento daquilo que prescreve a GN. Nos dois exemplos, o verbo concorda não com o sujeito, mas com os adjuntos adnominais do enunciado, então trata-se de uma ilusão acreditar e impor que o verbo tem sua flexão subjugada à forma apenas do sujeito. Sendo assim, não se pode reduzir a CV a uma mera regra geral e seus casos especiais.

Scherre (2005, p. 134) afirma que não é o sujeito o responsável pela flexão do verbo, mas a existência de traços, presentes, algumas vezes, em outras funções sintáticas. Normalmente, tais traços aparecem no núcleo do sujeito, o que traz à luz a falsa ideia de que é apenas o sujeito o controlador da concordância.

Em se tratando da concordância do verbo com o sujeito propriamente dita, devemos considerar que, no uso real da língua, não basta estar o sujeito correspondendo à terceira pessoa do plural para que o verbo assim se flexione. Pesquisas na área nos ajudam a perceber não só os fatores que condicionam a CV conforme prescreve a GN como também os fatores que possibilitam a variante desprestigiada. É o que nos mostra o exemplo seguinte:

³ Disponível em <http://www.leiaja.com/politica/2018/11/22/senador-quer-10-do-valor-das-multas-aplicados-na-saude/>. Acesso em 12 fev. 2019.

⁴ Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,queda-de-precos-nos-imoveis-nos-eua-e-recorde,298227>. Acesso em 12 fev. 2019.

d) “Chuva vai continuar na região como **prevê** os meteorologistas.”⁵

Extraído de uma notícia da internet, gênero que requer um certo grau de formalidade e, portanto, o uso das normas de prestígio, o enunciado acima se afasta da GN a partir do momento em que a forma verbal “prevê”, ligada a um termo que representa a terceira pessoa do plural, encontra-se na 3PS, não marcando, pois, a concordância do verbo com o sujeito. Acontece que, quando o sujeito está posposto ao verbo, há uma tendência a não haver concordância entre esses termos, sendo a posição do sujeito um fator que interfere na aplicação da regra aqui discutida.

A posição do sujeito não é o único fator ao qual devemos dar atenção. A concordância pode variar dependendo, ainda, de diversos outros fatores: distância entre o núcleo do sujeito e o verbo; saliência fônica das formas verbais referentes ao plural e ao singular; presença ou ausência de um sujeito explícito, dentre outros. Facilmente concluímos que o trabalho com esse fenômeno linguístico é bem mais complexo do que simplesmente expor regras.

Muitos são os estudos amparados pela sociolinguística que tratam da CV de 3PP no PB, a partir dos quais se percebem os fatores sociais e linguísticos que atuam nesse fenômeno. O trabalho de Rubio (2012)⁶, por exemplo, é um deles, que tinha o objetivo de estabelecer uma comparação de fenômenos relacionados à CV de 3PP no PB e no português europeu, com o objetivo de explicar a origem dos fenômenos de variação na CV e de alternância pronominal em língua portuguesa. Ao comparar o PB com o português europeu no que diz respeito ao fenômeno aqui estudado, o autor constata que “a amostra do PB apresenta frequências menores de uso da 3PP junto de sujeitos de 3PP” (RUBIO, 2012, p. 314-315).

O autor atesta que há diversos fatores linguísticos⁷ relevantes no processo variável da 3PP. Destaca-se, primeiro, a posição do sujeito em relação ao verbo, já que a marcação da concordância mostra-se mais elevada nos casos em que o sujeito se encontra anteposto ao verbo e mais próximo, sendo a posposição e a distância entre sujeito e verbo fatores que

⁵ Disponível em <https://onorte.net/montes-claros/chuva-vai-continuar-na-regi%C3%A3o-como-prev%C3%AA-os-meteorologistas-1.527271>. Acesso em 14/02/2019

⁶ Buscando reunir mais evidências para discussão da origem das variedades de língua portuguesa hoje presentes no Brasil e utilizadas amostras de fala da região Noroeste do estado de São Paulo, oriundas do *Banco de Dados Iboruna*, e amostras de fala de diversas regiões do território português, que integram o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, o autor, amparado pela Sociolinguística quantitativa, estabeleceu uma análise comparativa de fenômenos relacionados à CV e à alternância pronominal de 1PS, 1PP, 2PS, 3PS e 3PP no PB e português europeu.

⁷ O estudo também selecionou fatores sociais que se mostraram relevantes no processo variável da CV. Destacam-se a escolaridade, a faixa-etária e gênero.

enfraquecem a CV. Em seguida, ao analisar o papel do traço semântico do sujeito, percebeu-se que os sujeitos que apresentam os traços [+ animado] são mais propensos ao uso da 3PS, contrariando a hipótese inicial, que espera ser esse fator um indicativo de marcação de plural; já os sujeitos com traços [+ humano] favorecem concordância do verbo, como prevê a GN. No que concerne ao paralelismo linguístico discursivo, verbos antecidos por verbos com marca de 3PP apresentam alta frequência de marcação de plural. A saliência fônica, por sua vez, também é fator preponderante na aplicação do fenômeno em estudo: o autor constata que “o aumento do nível da saliência fônica acompanha o aumento do percentual de uso de verbos com desinência de 3PP” (RUBIO, 2012, p. 331). Finalmente, analisando o paralelismo linguístico oracional, chegou-se à conclusão de que a presença de marcas de plural no último elemento de SN-sujeito favorece a marcação da 3PP.

Desse modo, a fim de atribuir às aulas sobre CV uma caráter mais produtivo, fica clara a necessidade de deixar de lado o que diz a norma-padrão, que, como já discutimos, não se manifesta em sua totalidade, e observar os fatores que motivam a escolha do falante pela aplicação ou não da regra, já que a CV não é homogênea no PB.

Busca-se, portanto, uma abordagem do fenômeno da CV que não desconsidera a realidade linguística dos alunos e reconhece que nenhuma variante deve ser rejeitada. A eficácia linguística se faz presente a partir do momento em que o falante é capaz de escolher, dentre diversas opções, a variante mais adequada à situação de comunicação na qual se encontra. Assim, é necessário que o indivíduo tenha acesso às diversas maneiras de se manifestar, mas sem precisar ser vítima de estigmatização e exclusão devido a sua fala ou escrita.

A CV é um fenômeno que tem seu destaque tanto na fala quanto na escrita e é um fenômeno variável no português falado e, conseqüentemente, no escrito também. Quando não é realizada, abre-se o caminho para o preconceito linguístico e outras formas de discriminação. Conceber a gramática como objeto de reflexão e não como um conjunto de regras que devem ser replicadas, além de permitir entender que a realidade linguística de quem frequenta a escola não deve ser desconsiderada no momento em que se trata de um fenômeno variável, é um fator basilar não só para a realização da presente pesquisa, mas também para a formulação da intervenção que deve contribuir para o ensino da concordância nas turmas de ensino fundamental.

Neste capítulo, comentamos as ideias teóricas que embasaram este trabalho. Reafirmou-se a importância do ensino de gramática da língua portuguesa nas escolas brasileiras, o qual deve, porém, afastar-se da tese de que impera uma língua homogênea não

sujeita à variação. Ensinar a norma-padrão desconsiderando-se as diversas faces do português brasileiro deturpa a visão dos sujeitos sobre sua própria língua e, conseqüentemente, prejudica o acesso dos estudantes ao que se tem como norma de prestígio.

O conhecimento sobre a variação linguística pode auxiliar professores e professoras a reverterem essa situação. Por meio de uma pedagogia que promova a aquisição de uma nova variante, e não a mera substituição do que o aluno já possui em seu repertório linguístico, podemos mostrar a ele uma justificativa concreta e convincente para as aulas de LP, que é torná-lo competente no que diz respeito ao uso da língua em suas interações. Além de constituirmos uma aula que tem sua razão de ser, deixaremos de lado a visão preconceituosa que se tem acerca da variedade linguística brasileira.

Para contribuir ainda mais com o ensino de gramática, há a necessidade de haver uma prática que parta da reflexão e não da simples reprodução de regras e conceitos impostos pela gramática normativa. O conhecimento sobre a variação da língua atrelado ao uso das atividades epilinguísticas criarão um ambiente de reflexão e aprendizagem significativa, já que os alunos passarão, com isso, a serem agentes no processo de ensino-aprendizagem,

Construir esse ambiente é desafiador, contudo, as possibilidades são inúmeras. Mostramos, no capítulo seguinte, como pode se dar o trabalho para o ensino de CV com 3PP em textos escritos de alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola de Fortaleza. Nessa experiência aplicamos os pressupostos da Pedagogia da Variação atrelados ao trabalho com as atividades epilinguísticas.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, que investiga o uso da concordância verbal com 3ª pessoa do plural em textos formais produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual situada em Fortaleza, no estado do Ceará. Este capítulo está dividido em cinco partes: primeiro, falamos sobre o tipo de pesquisa que será realizada; em seguida, dissertamos sobre a pesquisa-ação, apresentando seu conceito e o modo como se trabalha; tratamos, ainda, do corpus e os sujeitos participantes da pesquisa, bem como sobre o espaço em que se realizou nossos estudos. Dando sequência a este capítulo, apresentamos as variáveis linguísticas e sociais que interferem na aplicação do fenômeno de CV de 3PP em textos formais produzidos pelos alunos participantes da pesquisa. Finalmente, trazemos os procedimentos de análise que dão corpo a este trabalho.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa proposta para este trabalho é pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que estabelece os parâmetros para a descrição de fenômenos linguísticos que apresentam variação. Coan e Freitag (2010) afirmam que tais pressupostos trouxeram à tona propostas pedagógicas baseadas na correlação entre língua e sociedade, na análise linguística de regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e sociais e na redução de preconceitos vigentes na sociedade. Silva (2011, p. 51) explica que o modelo de análise sociolinguística aqui adotado

é o que se convencionou chamar de “teoria da variação linguística”, modelo teórico-metodológico que tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social, que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes. (SILVA, 2011, p. 51)

Aderimos também aos mecanismos propostos pela Pedagogia da Variação, que legitima a variação linguística na escola, julgando necessário o seu uso em sala de aula, sendo necessário aos professores saberem “tratá-las pedagogicamente” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 8). Espera-se, pois, uma intervenção apoiada em atividades que valorizam as variantes que já fazem parte do repertório linguístico do aluno, não as tratando como inferiores àquela que é apresentada pela GN. A Pedagogia da Variação alimentará este trabalho já que é compartilhada por pesquisadores que “têm se dedicado a entender melhor a problemática da

variação linguística no ensino de português e, ao mesmo tempo, a construir alternativas concretas para sua inclusão nas nossas práticas de ensino.” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 10).

Serão investigados e expostos os padrões de CV de 3PP nas produções escritas formais de alunos de uma escola pública de Fortaleza, configurando, desse modo, uma pesquisa descritiva, já que esse tipo de pesquisa tem como principal finalidade a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

No que diz respeito à análise dos dados, a pesquisa se classifica, primordialmente, como qualitativa, levando em consideração o tamanho do *corpus* estudado.

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY, 1995, p. 62)

Nesta pesquisa, trabalhamos também com um viés quantitativo⁸, já que foram contabilizadas ocorrências e foram levantadas estatísticas sobre as variáveis que influenciam no fenômeno aqui estudado, dando uma visão geral do nosso objeto de estudo. Este trabalho buscou diagnosticar e interpretar o fenômeno da CV de 3PP na escrita de textos formais de alunos de uma escola pública de Fortaleza. Com isso, virá à tona uma proposta de mudança para o ensino de LP.

Além disso, os procedimentos adotados vão ao encontro de métodos da pesquisa-ação, sobre a qual tecemos alguns comentários na seção seguinte, sendo o instrumento de coleta de dados uma atividade que diagnosticou como se manifesta a concordância verbal em textos produzidos por alunos da 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública da rede estadual de ensino. Tais informações foram utilizadas para a formulação de uma proposta de intervenção, ao término da qual foi aplicada outra atividade que tornou possível a avaliação da eficácia da proposta elaborada.

3.2 A PESQUISA-AÇÃO

Nesta investigação, foi proposto um trabalho diretamente com os alunos do 8º ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles. Isso nos permitiu perceber as necessidades dos alunos no que diz respeito à aquisição da língua

⁸ É importante ressaltar que, nas pesquisas sociolinguísticas, utilizam-se programas que facilitam a contabilização dos dados estatísticos, como o GoldVarb. Contudo, devido à limitação do Corpus e pouca quantidade de dados, não foi necessário nem possível a utilização de tais recursos

formal no que concerne à CV de 3PP e atuar de maneira mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem desta mesma variante, buscando mudanças que favoreçam o ensino de gramática na escola em questão. Esse processo, pautado, grosso modo, na observação, no diagnóstico e na intervenção, configura o que chamamos de pesquisa-ação. Isso surge da interpretação de Barbier (2002, p. 113) ao dizer que, na pesquisa-ação, “o pesquisador passa e repassa seu olhar sobre o objeto, isto é, sobre o que vai em direção ao fim de um processo realizando uma ação de mudança permanente.”

Dentre as características da pesquisa-ação, podemos citar, de acordo com Engel (2000, p. 184) o fim da delimitação estrita entre sujeito e objeto estudado. Como benefício disso, temos o fato de haver utilidade do produto resultante da pesquisa para os sujeitos que dela participaram. Dessa forma, a pesquisa-ação mostra-se um importante recurso para a escola, que, por sua vez, é permeada por práticas que devem ser revisadas e, conseqüentemente, transformadas.

Em se tratando do meio escolar, Engel (2000, p. 184) afirma que,

No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática. Já a situação problemática é interpretada a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, baseando-se, portanto, sobre as representações que os diversos atores (professores, alunos, diretores etc.) têm da situação. (ENGEL, 2000, p. 184)

Ao falar em aspectos que são passíveis de mudança na escola, complementamos a fala do autor com a fala de Bortoni-Ricardo (2008, p. 42), ao dizer que “é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42)

Nesse caso, foi percebida a predisposição dos alunos, em suas produções de textos formais, a utilizarem a variante estigmatizada da LP no que diz respeito à aplicação da regra de CV de 3PP conforme prevê a GN. Percebendo que a abordagem tradicional da gramática não dava conta do processo de aquisição da norma de prestígio, buscamos propor uma nova maneira de trabalhar o fenômeno, que é um forte marcador de prestígio ou estigma social. Desse modo, ao reconhecer a natureza variável da CV, questionamo-nos sobre os fatores linguísticos e sociais que interferiam nas escolhas linguísticas dos alunos durante a escrita. Realizamos o diagnóstico e propusemos uma intervenção, o que será detalhado logo adiante.

Nossa pesquisa-ação ocorreu nos meses de novembro e dezembro do ano de 2018, totalizando 20 horas/aula, nas quais estão inseridos o processo de diagnóstico, a intervenção e a avaliação, cujo resultado contrastou com aquele obtido antes das atividades interventivas.

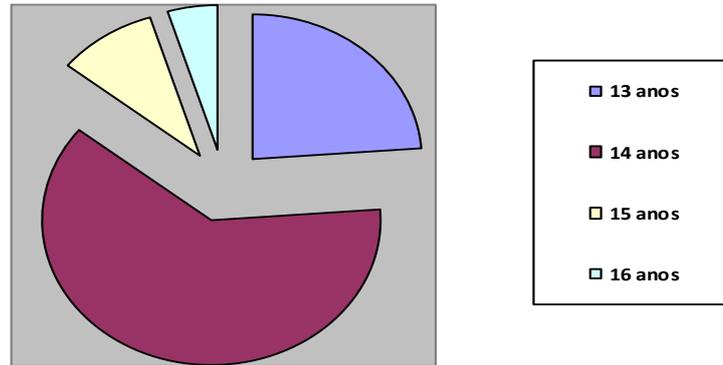
3.3 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles, localizada na rua Monte Cristo, número 177, no bairro Aerolândia, periferia da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Pertencente à rede pública estadual de ensino, a instituição, fundada no dia vinte e dois de novembro de 1993, atualmente funciona nos turnos da manhã e da tarde, ofertando educação básica do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

Considerando os dados do ano de 2018, ano em que a pesquisa foi realizada, a escola prestava serviços a 193 alunos, divididos em 11 turmas, distribuídas da seguinte forma: três turmas de 6º ano, três turmas de 7º ano, duas turmas de 8º ano, duas turmas de 9º ano, duas turmas de 1º ano, uma turma de 2º ano e uma turma de 3º ano. Para o trabalho com o alunado, contava-se com a atuação de 22 professores de todas as áreas de conhecimento, uma regente da sala de multimeios, um professor regente do laboratório de ciências e uma professora regente do laboratório de informática. A escola dispõe também de uma psicopedagoga, que atua na sala para atendimento educacional especializado. O núcleo gestor da escola é formado por uma diretora, uma coordenadora, uma secretária, uma assessora financeira e um auxiliar administrativo. Além desses profissionais, conta-se também com quatro auxiliares de serviços gerais, um porteiro, quatro vigilantes.

No que diz respeito à infraestrutura, a escola conta com 12 salas de aula, uma diretoria, uma secretaria, uma sala para os professores, uma sala de leitura, uma sala de vídeo, dois laboratórios, um para informática e outro para ciências. Há uma área para recreação, quatro banheiros, sendo dois para os alunos, um para garotos e outro para garotas e dois para os professores seguindo a mesma divisão. Há uma cozinha e um depósito de alimentos. A área da escola é de 5000 m².

Os alunos que contribuíram com a presente pesquisa pertenciam ao 8º ano do ensino fundamental e estudavam no turno da manhã. A sala era composta por 36 alunos, pertencentes à faixa etária que vai de 13 (treze) a 16 (dezesseis) anos de idade, sendo a maioria jovens de 14 (catorze) anos de idade, como se pode observar no gráfico que segue:

Gráfico 1 – Sujeitos da pesquisa – Faixa etária

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito ao gênero, os sujeitos ficam assim distribuídos:

Tabela 1 – Sujeitos da pesquisa – Variável sexo

Variável sexo	
Masculino	Feminino
23	13

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os alunos estavam cientes, por meio do termo de consentimento⁹, de que o material produzido por eles constituiria o *corpus* da pesquisa. Além disso, o projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual do Ceará.

3.4 CORPUS

Os alunos realizaram duas produções textuais (doravante PT), sendo as primeiras 36 aplicadas como avaliações diagnósticas, a fim de que fossem identificados os fatores que condicionam a não realização da CV. Posteriormente, após as atividades elaboradas a partir dos resultados da pesquisa realizada, os alunos mostraram seu desempenho, produzindo outros 36 textos, que testaram a eficácia dos trabalhos propostos. O *corpus* utilizado nessa pesquisa foi constituído, portanto, por 72 (setenta e duas) PT.

⁹ Este termo tem seu modelo exposto nos anexos referentes a esta pesquisa.

As redações foram numeradas de 1 a 72 e, para serem utilizadas, foi necessário que apresentassem pelo menos uma ocorrência de CV com 3PP. As ocorrências de CV com 3PS não foram contabilizadas.

3.5 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

3.5.1 Variável dependente

A variável dependente desta pesquisa é a realização variável da concordância verbal na terceira pessoa do plural, que comporta as seguintes variantes:

a) a presença da marca de concordância do verbo com o sujeito que se encontra na terceira pessoa do plural.

Ex.: Os alunos *chegaram* cedo.

b) a ausência da marca de concordância do verbo com o sujeito que se encontra na terceira pessoa do plural.

Ex.: Os alunos *chegou* cedo.

3.5.2 Variáveis independentes

3.5.2.1 Variáveis linguísticas

a) **Posição do sujeito:** na pesquisa de Fonseca; Silva e Souza (2015), verificou-se que a anteposição do sujeito favoreceu a manutenção da concordância verbal; quando o sujeito vem posposto ao verbo, há mais casos de não flexão do verbo com o verbo em terceira pessoa. Assim, neste trabalho, serão controladas as seguintes posições do sujeito: se ele vem anteposto ou posposto ao verbo.

Ex.: Muitas belezas naturais existem naquele país. (Sujeito anteposto)

Existem muitas belezas naturais naquele país. (Sujeito posposto)

b) **Distância entre o sintagma nominal e verbal:** em sua dissertação, Sousa (2015) verificou que a presença de termos acessórios entre o sujeito e o verbo não viabiliza a concordância entre verbo e sujeito. Segundo a autora, trata-se de uma ação significativa para a não realização do fenômeno. Por isso, neste trabalho, será

controlado se, há entre o sujeito e o verbo, outros termos, como adjuntos adnominais, apostos, adjuntos adverbiais etc.

Ex.: As caixas enviadas pela livraria paulista chegaram com atraso. (Sujeito distante do verbo)

As caixas chegaram com atraso. (Sujeito próximo ao verbo).

- c) **Saliência fônica:** Castilho (2014, p. 412) afirma que, quando a forma verbal empregada na terceira pessoa do plural for muito diferente da sua forma na terceira pessoa do singular, há mais possibilidade de a concordância ser respeitada. Conforme Naro e Scherre (2006, p. 113) os itens nominais de traço [- saliente] exibem apenas a inserção de uma marca explícita de plural. Nesse caso, será verificado se há diferença considerável entre as formas singular e plural.

Ex.: Eles sabem o que devem fazer. (- Saliente)

Eles encontraram o que estavam procurando. (+ Saliente)

- d) **Realização do sujeito:** Almeida e Antonino (2011), ao estudarem a CV na escrita de alunos universitários, constataram que o sujeito oculto condiciona a não realização da regra prevista pelos manuais de gramática, já que a não realização do sujeito contribui com a perda de noção de plural que ficaria evidente caso o sujeito estivesse presente na oração.

Ex.: Os alunos *chegaram cedo*. (Sujeito realizado)

Os alunos chegaram cedo e *brincaram* no pátio até a aula começar. (sujeito oculto)

3.5.2.2 Variáveis sociais

- a) **Sexo:** Paiva (2010, p. 34) assevera que, nos mais diversos níveis (fonológico, morfossintático e semântico), há “um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”. Assim, presume-se que a presença do fenômeno da concordância caracteriza o falar feminino. Isso pode ser observado tanto na fala quanto na escrita, uma vez que o fator gênero mostrou-se relevante na pesquisa de Silva (2005), na qual foi verificado que indivíduos do sexo feminino tendem a empregar a forma

pluralizada, ou seja, aplicam a regra estabelecida pela norma culta. Levando em consideração o sexo, serão controladas as seguintes variáveis: masculino e feminino.

- b) **Escolaridade do indivíduo com quem o estudante mais convive:** Barbosa (2015) verificou que, quanto maior é o grau de escolaridade da mãe do indivíduo, mais propenso ele estará à obediência à regra de concordância aqui trabalhada. Levando em consideração que alguns alunos não convivem com suas mães, esta pesquisa levará em consideração o responsável mais próximo de cada um deles. Serão verificados três níveis de escolarização: alfabetizada – ensino fundamental; alfabetizada – ensino médio; não alfabetizada.

3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

3.6.1 Coleta de dados

A coleta de dados se deu a partir da produção de textos formais do gênero artigo de opinião. Tal atividade funcionou como uma avaliação diagnóstica das quais foram extraídas as ocorrências de CV de 3PP. O gênero artigo de opinião foi escolhido por ser essencialmente formal. Além disso, como se verá na proposta a seguir, colocamos como um elemento chave na realização de ações um referente pluralizado – os deputados federais. Julgamos que isso serviria de estímulo para que os alunos construíssem enunciados em que o sujeito de 3PP fosse frequente.

A proposta de produção de texto utilizada para este primeiro momento foi a seguinte:

Imagine que, no jornal de sua cidade, foi publicada uma notícia da qual foi extraído o trecho a seguir:

Os deputados federais aprovaram ontem uma lei que define que a venda de ovos de chocolate na Páscoa será proibida durante os próximos cinco anos. A assessoria da Câmara dos deputados alegou que o índice de obesidade das crianças e adolescentes está aumentando muito e, com o consumo de chocolate, vai aumentar ainda mais. Como alternativa, os técnicos do Ministério da Saúde sugeriram a criação de ovos de verdura, que fortificam e ajudam as crianças e adolescentes a se alimentarem mais adequadamente. A partir da próxima Páscoa, já estarão à venda os ovos de tomate, de repolho e de alface.

Texto adaptado a partir de proposta criada pelo professor Valdinar Custódio Filho.

Considere que a notícia acima foi realmente publicada nos jornais, algumas semanas antes do período de Páscoa. Escreva um texto dando sua opinião a respeito desse assunto.

Deixe claro se você é contra ou a favor da decisão dos deputados, e procure explicar sua opinião de maneira convincente.

Com os resultados dessa atividade, pudemos identificar o caminho a ser percorrido na intervenção, já que esses materiais apontaram as variáveis que merecem atenção do pesquisador para a confecção das atividades que foram propostas.

3.6.2 Tratamento dos dados

Nesta etapa, realizada após todas as produções textuais dos alunos ficarem prontas, foram buscadas todas as realizações de CV, sendo regidas por sujeito em terceira pessoa do plural.

Ex.: “Os deputados estão fazendo a coisa errada.” (ALUNO18PT01)

Depois de codificadas e digitadas as ocorrências, foram levantados dados percentuais a fim de que os fatores relevantes para análise em questão fossem identificados. Baseados nos dados identificados a partir das porcentagens, foram construídos gráficos e tabelas que serão discutidos no capítulo posterior, levando em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. A partir dessas informações, foram produzidos materiais que facilitaram a exposição do conteúdo referente à concordância verbal em sala de aula.

3.6.3 Proposta de intervenção

Considerando que a gramática da língua portuguesa ocupa um espaço importante na sala de aula, é necessário que inovações sempre venham à tona a fim de otimizar e, principalmente, justificar a sua persistência no currículo das escolas brasileiras. Após o levantamento dos dados, materiais didáticos foram produzidos com base nas necessidades demonstradas pelos alunos.

A partir disso, preparou-se uma sequência de aulas explosivas e dialogadas, que ocorreram no mês de dezembro de 2018, última etapa do ano letivo dos alunos, totalizando 20 horas/aula, contando com a avaliações diagnóstica (2 h/a), atividades sobre linguagem formal

e informal (4 h/a), CV com sujeito de 3PP (12 h/a) e avaliação final para averiguar a eficiência da proposta realizada (2 h/a).

Expostas as questões metodológicas, realizamos, no capítulo seguinte, a análise dos dados e apresentamos o relatório da proposta de intervenção com os alunos, avaliando a adesão dos aprendizes às atividades sugeridas e expondo os resultados alcançados por meio delas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises qualitativa e quantitativa dos dados encontrados durante a pesquisa. Mostramos os fatores que mais interferiram no processo de concordância verbal com 3ª pessoa do plural e realizamos discussões acerca de cada um deles. Além disso, procedemos ao relato da atividade de intervenção, o qual conta com a exposição das atividades realizadas e das reações dos estudantes ao se depararem e trabalharem com elas. Este capítulo contém, ainda, os resultados da segunda avaliação diagnóstica, realizada após a intervenção elaborada, o que demonstra a eficácia do trabalho realizado.

4.1 ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Nesta seção, apresentamos os dados que foram encontrados a partir da aplicação de uma avaliação diagnóstica em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Essa atividade consistia na produção de um texto cujo gênero era o artigo de opinião; trata-se, portanto, de texto de natureza argumentativa no qual é predominante o uso da linguagem formal.

Ao todo, foram analisadas 272 ocorrências, em que houve aplicação da regra de concordância entre um verbo e um sujeito representado por 3PP, sendo que 170 (62,5%) foram realizações de CV em sua forma prestigiada, enquanto 102 (37,5%) apresentaram-se em sua forma estigmatizada, não havendo a flexão do verbo para a 3PP. Este resultado, considerando a extensão do *corpus* utilizado nesta pesquisa, tornou necessária uma intervenção pedagógica, que foi elaborada a partir dos fatores que se mostraram mais atuantes no processo de CV com 3PP, considerando o contexto em estudo. Tais fatores serão listados a seguir.

4.1.1 Variáveis linguísticas

a) Posição do sujeito

Tabela 2 – Atuação da variável posição do sujeito sobre a CV

Fatores	Aplica/Total	%	Ilustração da amostra
Sujeito explícito anteposto ao verbo	144/208	69%	“Os deputados estão fazendo a coisa errada.” – ALUNO18PT01
Sujeito explícito posposto ao verbo	4/12	33%	“Existem muitos pais por aí (...).” – ALUNO22PT01

Fonte: Elaborado pelo autor.

Rubio (2012 p. 321) nos lembra que o português contemporâneo é uma língua do tipo SVO (sujeito + verbo + objeto), tanto que essa estrutura é predominante nos textos produzidos pelos informantes. Tal sequência admite variação, podendo o verbo trocar de posição com o sujeito, por exemplo. Com isso, a concordância que há entre esses termos pode sofrer interferência.

A tabela 02 nos mostra que a posposição do verbo em relação ao sujeito contribui com a não realização da variante prestigiada de CV em 3PP. Contudo, é importante dar atenção ao fato de que é considerável a recorrência da não aplicação da regra de CV mesmo nos enunciados em que os informantes optavam por usar o sujeito anteposto ao verbo. Desse modo, a posição do sujeito foi um dos focos de nossa atenção na elaboração da proposta de intervenção.

Essa análise, mesmo sendo limitada a uma baixa quantidade de ocorrências, considerando a posposição do sujeito, atende a nossa expectativa inicial e vai, desse modo, ao encontro do que perceberam outros pesquisadores no que diz respeito à influência da posição do sujeito no processo de CV. Scherre (2005, p. 54), por exemplo, diz ser o sujeito exposto “imediatamente à esquerda do verbo” o maior condicionador da norma de prestígio, no que tange ao fenômeno da CV.

A variável distância entre sujeito e verbo não pôde ser analisada em nosso estudo devido à quantidade de ocorrências muito baixa. O padrão demonstrado pelos alunos contava com um estrutura em que o sujeito, posposto ou anteposto, aparecia imediatamente próximo ao verbo.

b) Realização do sujeito

Tabela 3 – Atuação da variável realização do sujeito sobre a CV

Fatores	Aplica/Total	%	Ilustração da amostra
Sujeito Explícito	147/220	66,8%	“Todas as crianças e adultos adoram chocolate.” ALUNO05PT01
Sujeito Oculto	23/52	44,2%	“(…) também comem gordura” – ALUNO33PT01

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nossa hipótese inicial em relação à atuação da variável realização do sujeito era de que sujeitos ocultos inviabilizam a aplicação da regra de CV com 3PP. Os dados nos mostram que tal ideia foi comprovada, desvelando, assim, mais um fator que podemos

trabalhar em sala de aula a fim de auxiliarmos os alunos a adquirirem a variante de prestígio relacionada à CV.

Por outro lado, Rubio (2012) diz que “Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso. (RUBIO, 2012, p. 172)” Tal afirmação vai de encontro a outras pesquisas como a de Almeida e Antonino (2011), que afirmam ser a não explicitude do sujeito um fator que contribui com a não realização da concordância conforme prevê a norma de prestígio social. Podemos, contudo, justificar tal diferença, pelo fato de Rubio (2012) estudar a CV na fala, enquanto Almeida e Antonino (2011) estudam a CV em texto escritos. Na escrita, há a perda de noção de plural, evidenciada pela presença do sujeito, enquanto em textos orais, a marca de plural é explicitada obrigatoriamente pela desinência do verbo.

Nossa atenção se volta, ainda, aos dados que apontam que a CV não ocorreu também em casos em que os sujeitos estavam explícitos. Isso mostra que dentre os informantes, considerando as variáveis analisadas, há aqueles que não apresentam, de fato, o domínio sobre a variante de prestígio, justificando, assim, a necessidade de uma intervenção voltada para o conceito básico da CV, a fim de tornar explícita para o aluno a correlação que existe entre verbo e sujeito.

c) Saliência fônica

Tabela 4 – Atuação da variável saliência fônica sobre a CV

Fatores	Aplica/Total	%	Ilustração da Amostra
+ Saliente	80/137	58,3	“As crianças e adolescentes da minha idade são exageradas.” ALUNO35PT01
- Saliente	89/135	65,9	“Eles não devem.” – ALUNO09PT01

Fonte: Elaborado pelo autor.

O princípio da saliência fônica diz respeito ao fato de que na oposição singular/plural as formas verbais apresentam certa distinção fônica. À medida em que a distinção se acentua, eleva-se também a possibilidade de haver marcação explícita da pluralidade. Caso a diferença seja mais atenuada, a marcação de plural pode não aparecer.

A tabela 04 nos mostra que foram muito semelhantes os resultados tanto para verbos cuja percepção da diferença entre plural e singular é mais evidente, quanto para os

verbos em que há uma distinção menor. Nossa hipótese consistia na ideia de que verbos + salientes favorecem a marcação de CV. Embora, a diferença entre a atuação de verbos + salientes e - salientes seja de pouca significância, percebemos a comprovação de nossa hipótese, considerando nosso corpus. Importa lembrar que os resultados estão limitados a um *corpus* restrito, relacionado a um contexto muito específico, o que pode justificar a diferença para com outros trabalhos.

4.1.2 Variáveis sociais

As variáveis sociais foram controladas a fim de obtermos uma visão mais abrangente do fenômeno da CV de 3PP na comunidade em que a pesquisa foi realizada. Não se trata de fatores que realizarão interferência no material que será produzido, contudo buscamos fortalecer a ideia de que fatores extralinguísticos se relacionam diretamente com a língua do indivíduo, valorizando tais fatores nesta pesquisa. Neste estudo, buscamos perceber a interferência do sexo e da escolaridade do indivíduo com que o informante mais convive no processo de CV de 3PP nos textos escritos formais produzidos por nossos informantes.

a) Sexo

Tabela 5 – Atuação da variável sexo sobre a CV

Fatores	Aplica/Total	%
Sexo Feminino	79/119	66,3%
Sexo Masculino	92/153	60,1%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Buscando analisar os fatores sociais que interferem na CV com a 3PP no falar dos fortalezenses com os dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), Pereira e Araújo (2018) obtiveram, dentre seus resultados, a variável sexo como sendo a última selecionada como relevante na análise da CV no falar de Fortaleza. Ao estudar tal variável, notou-se que “as mulheres favorecem o uso das variantes sem marcas de CV.” (PEREIRA; ARAÚJO, 2018, p. 32). Isso contradiz a hipótese das autoras e, ainda, a literatura que trata desse fenômeno, já que se espera que as mulheres apresentem um comportamento linguístico que esteja próximo das variantes de prestígio.

Nossa expectativa era de que, também na escrita, informantes do sexo feminino contribuíssem com a aplicação da regra de CV com a 3PP. Em nosso contexto, contudo, verificou-se pouca diferença entre as ocorrências de aplicação ou não da CV. Comprovou-se nesta pesquisa que, na escrita, informantes do sexo feminino estão mais aptos a realizarem a CV com 3PP. Todavia, não era esperado que informantes do sexo masculino também apresentassem uma produtividade considerável no que diz respeito à ocorrência da CV. Sobre a proximidade entre os números referentes à variável sexo, Gameiro (2009) nos ajuda a explicar:

A influência do sexo dos informantes pode ter sido “neutralizada” pelo fato de todos os informantes estarem no mesmo ambiente: a escola, pertencerem a um nível social próximo e, terem, portanto, os mesmos hábitos, o mesmo contato linguístico. Como ainda frequentam a escola, não trabalham formalmente, não vivenciam a pressão social, independente de serem homens ou mulheres, não estariam tão preocupados, no momento, com a linguagem, com o modo como falam. (GAMEIRO, 2009, p. 152)

A autora nos ajuda a entender a porcentagem próxima entre as duas variáveis: 66,3% para os informantes do sexo feminino e 60,1% para os informantes do sexo masculino.

b) Escolaridade do indivíduo com quem o informante mais convive

Tabela 6 – Atuação da variável escolaridade do indivíduo com quem o informante mais convive sobre a CV

Fatores	Aplica/Total	%
Escolarizado – Ensino Fundamental	70/108	64,8%
Escolarizado – Ensino Médio	90/146	61,6%
Não escolarizado	12/19	63,1%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apoiando-nos no que diz Barbosa (2015) sobre a influência da escolaridade da mãe do informante sobre a realização da CV, nossa hipótese era de que, quanto mais elevado o nível de escolaridade do indivíduo com o qual o aluno mais convivia, maior seriam as chances de o aluno optar pela variante de prestígio em seus textos escritos. A partir dos dados encontrados, não há como afirmar isso em nosso contexto.

A tabela nos mostra que pouca diferença há entre os números relacionados a pais ou responsáveis escolarizados e os não escolarizados, ou seja, não há muita diferença entre os dados se levarmos em consideração a variável discutida aqui. Lembramos que, por haver um

número considerável de alunos que não vivem com suas mães, optamos por controlar a variável escolaridade do indivíduo com quem o informante mais convive. Nesse caso, além da mãe, foram elencados outros parentes, como pais, avós, irmãos, tios, dentre outros, o que pode ter provocado a incoerência entre os resultados e o que esperávamos.

Vale lembrar também que nosso corpus é constituído por um número baixo de ocorrências. Com um número maior, poderíamos ter obtido um resultado mais abrangente e, conseqüentemente, distinto do que foi obtido aqui.

Com esses resultados, realizamos a elaboração de nossas intervenções. É esse o modelo sugerido por nós para o trabalho com os fenômenos variáveis em sala de aula: primeiro, realizamos um diagnóstico, para, assim, percebermos o que, de fato, merece discussão e permitirmos aos alunos refletirem sobre a língua a partir de seu próprio repertório, para ampliá-lo e ter à disposição diversas variantes que serão escolhidas de acordo com a situação em que ele se encontra.

Antes de partir para o fenômeno e as variáveis que atuam mais fortemente sobre ele, falamos um pouco sobre situações formais e informais de fala. Em seguida, trabalhamos uma visão geral do fenômeno da CV, para que, após isso, trabalhássemos duas variáveis que influenciam o fenômeno da CV: posição do sujeito e realização do sujeito.

4.2 RELATÓRIO DA INTERVENÇÃO

Apresentamos, nesta seção, como se deu a aplicação de quatro atividades sobre a CV na sala dos alunos que contribuíram com esta pesquisa. Tais atividades surgem como um modelo para professores que não têm encontrado nas GN um método que permita aos alunos analisarem e refletirem sobre a língua e, conseqüentemente, um conhecimento significativo sobre os fenômenos da língua.

Nosso objetivo é ensinar a alunos de do 8º ano algumas condições que interferem na CV com o sujeito, partindo do repertório que os alunos já possuem, não invalidando-o, mas aproveitando-o, já que é utilizado como objeto de estudo em sala de aula. Desse modo, os alunos não serão meros sujeitos passivos em sala de aula, fadados a repetirem regras e conceitos. Eles atuarão no processo de ensino-aprendizagem, já que trabalharão de uma maneira mais consistente com sua língua.

É importante chamar a atenção para o fato de que, neste material, abandonamos a ideia de que deve existir no ensino de língua portuguesa o julgamento entre variantes certas e erradas. Isso não significa que deixaremos de lado a GN, mas que seguimos o exemplo de

Bagno (2012) ao dizer que “apenas reivindicamos que ela não seja usada como mecanismo didático de negação do vernáculo geral brasileiro nem como instrumento para depreciar nossa língua materna.” (BAGNO, 2012, p. 33) Desse modo, atuamos a partir de um ensino não preconceituoso, que há muito vem prejudicando a relação entre falante e língua.

Acreditamos que, trabalhando da forma como sugerimos nesta pesquisa, estaremos contribuindo mais ainda com o aprimoramento das competências do aluno referentes à sua língua, o que o ajudará a se comunicar de maneira satisfatória nas mais diversas situações, já que tal ensino reconhece a língua não como um grupo de regras intermináveis, mas como algo que facilita e promove a atuação social.

4.2.1 Atividade 1 - Linguagem formal e linguagem informal

Ao trabalhar linguagem formal e informal, buscou-se mostrar para os alunos, de maneira genérica, que não existe apenas uma maneira de se expressar por meio da língua. Com isso, queríamos que eles despertassem o desejo de entender e de obter o que chamamos de competência comunicativa, isto é, saber adequar a maneira de falar ao ambiente ou à situação em que se encontra. A partir disso, adentramos no ensino de gramática não com a ideia de que os alunos são obrigados a aprenderem a norma culta para se expressarem, invalidando a variante que eles já possuem, mas com a ideia de que, aprendendo a variante que se ensina na escola, eles estarão mais aptos a se comunicarem em seus futuros empregos ou em quaisquer situações formais de fala. Essa abordagem não nega a variante que eles já possuem, já que é assegurando que tal variante não é errada, mas, se usada em contextos mais sérios, pode levar a julgamentos, por parte dos outros, preconceituosos e discriminatórios.

A primeira atividade foi realizada em 4 horas/aula, tempo que se mostrou insuficiente para a devida discussão de todas as questões propostas, que eram muitas, o que foi desconsiderado no planejamento da aula. A atividade pode ser dividida em três partes. Na primeira, buscando introduzir a discussão sobre as convenções sociais às quais estamos sujeitos, dentre as quais encontramos a língua, trabalhamos o conceito de *Dress Code*, a fim de que o aluno refletisse sobre as roupas e os ambientes em que elas são permitidas. Vejamos:

Título da atividade: Com que roupa eu vou?

Você já se perguntou sobre que roupa vestir em algum evento especial o qual você não pode perder? O aniversário da sua melhor amiga, o casamento de algum familiar, a formatura da sua

irmã, por exemplo, são eventos importantes que exigem um tipo de roupa específico e pode ser que você não queira errar de forma alguma. Na hora de escolher, você pode consultar o *dress code* da ocasião, seja ela qual for. Você sabe o que é isso? Leia o box a seguir e descubra mais sobre esse grande aliado.

Dress Code

Conjunto de regras sobre o que se deve vestir para cada ocasião e de acordo com o evento. [...] Esta expressão, usada nos Estados Unidos, significa “código de traje”.

Disponível em: <http://www.teclasap.com.br/dress-code/>. Acesso em 15/02/2019

- Responda: para que serve o *dress code*?

Vamos ler o texto *Dress code é para ser levado a sério*, para conhecermos algumas dicas desse importante código que pode nos ajudar na nossa vida social e, principalmente, profissional. Em seguida, responda às questões propostas e discuta suas respostas conversando com seus colegas e com o seu professor.

Dress code é para ser levado a sério

São Paulo – O escritor irlandês Oscar Wilde dizia que “Só os tolos não julgam pela aparência”. Sei que já tratei do assunto por diversas vezes neste espaço, mas, nas minhas visitas às empresas, clientes que contratam meus serviços, acabo encontrando pessoas vestidas de forma inadequada para o trabalho. Por isso, insisto no tema. Quem sabe não consigo trazer mais alguns adeptos para a banda dos bem-vestidos? Para começar, que tal decifrar o código de vestimenta, ou *dress code*, muito comum em convites para eventos corporativos e situações da vida particular?

- **Casual business:** traje para eventos internos da empresa ou para dias específicos da semana em que se relaxa na formalidade. Para os homens, esqueça a gravata e o costume. O casual business permite uma vestimenta menos formal, porém, tão bem cuidada quanto o traje formal do dia a dia. Vista camisa social de manga, sem gravata, e uma calça de sarja de corte caprichado. Um blazer bacana pode completar a produção. Jeans escuro com blazer pode. Nos pés, um sapato mais esporte ou, se preferir, um mocassim. Para as moças é permitido abandonar a sisudez dos terninhos e dos tailleurs. Contudo, não confunda essa abertura de guarda-roupa com uma permissão para se vestir para o trabalho da mesma forma que se veste para a balada.
- **Social ou passeio:** é o traje para ser usado em encontros com clientes ou em eventos específicos, como a inauguração de uma fábrica no interior. Homens podem optar pela calça social com camisa de manga longa ou malha de lã — esqueça a gravata. Para as moças, é permitido o terninho. Vestido também é aceitável, desde que mais bem-comportado.
- **Social completo ou passeio completo:** roupa para todo e qualquer evento formal que acontece após as 19 horas. Para o homem isso quer dizer costume completo, gravata inclusive. Dê preferência à camisa branca, ela sempre cai bem. Para as mulheres, a regra é a seguinte: toda vez que o homem obrigatoriamente tiver de usar gravata, a mulher, obrigatoriamente, tem de optar por saia ou vestido.
- **Black tie ou rigor:** no caso dos homens, smoking é mandatório, sem negociação. Para as mulheres, vestidos mais elaborados, de tecidos mais nobres (tafetá, crepe, seda, organza), não necessariamente longos. O longo é obrigatório quando o convite exigir traje de gala.

Disponível em <https://exame.abril.com.br/carreira/o-tal-do-dress-code/>. Acesso em 15/02/2019.

01. A autora do texto afirma que tem insistido no tema que é tratado no texto, ou seja, não deve ser a primeira vez que ela fala sobre esse assunto. De acordo com o que a autora expõe no texto, o que a motivou a redigir esse artigo?

02. Levando em consideração o texto, o que você acha que a autora quis dizer com a expressão “bem-vestido”?
03. Responda aos itens a seguir, levando em consideração os tipos de vestimenta apresentados no texto.
- a) Com qual traje você iria a um casamento na praia à tarde? Caso o casamento ocorresse à noite, num ambiente fechado, qual seria o traje mais adequado?
- b) Imagine que você, no futuro, receberá o prêmio de melhor empresário ou empresária do ano. No dia da premiação, qual traje você acha que seria exigido?

c) Você já deve ter ouvido falar que a roupa que usamos diz muito sobre nós. De fato, podemos imaginar diversas características de uma pessoa quando observamos sua vestimenta. Porém, os julgamentos que provêm dessa afirmação são baseados em um padrão, em uma norma. Discuta com seus colegas as questões a seguir:

- O que é estar bem vestido na sociedade em que vivemos?
- Na sua opinião, onde e como surgiu essa ideia de se vestir bem?
- Você se sente representado(a) pelas normas que são impostas?
- Você costuma seguir essas normas? Por quê?

A roupa não é a única escolha que temos de fazer para estarmos de acordo com a situação em que nos encontramos. Devemos pensar, ainda, sobre nosso comportamento e, principalmente, o modo como vamos nos comunicar por meio da linguagem. Vamos falar um pouco mais sobre isso?

Neste primeiro bloco de atividades, buscamos introduzir o assunto que será nosso foco a partir de um fator que, assim como o modo de falar, gera julgamentos: o modo como nos vestimos. Falamos sobre *dress code* a fim de suscitar no aluno a ideia de que existem lugares e/ou situações que exigem determinado tipo de vestimenta, para, mais tarde, estabelecermos uma ligação com a maneira como usamos a língua. Realizamos, então, atividades de compreensão de texto, as quais auxiliaram o aluno na percepção desse código.

As questões deste bloco buscaram promover a reflexão dos alunos sobre a necessidade de haver um *dress code* e sobre a consequência de segui-lo. Ao indagarmos, na questão 02, sobre o que a autora quis dizer com a expressão “bem-vestido”, alguns alunos, desconsiderando as informações existentes no texto, falaram que “estar bem vestido” é estar vestido com “roupas de marca” ou “com roupas bonitas”, ideias que, logo depois, foram desconstruídas. Tal desconstrução se deu quando as palavras da autora foram retomadas, já que o julgamento em torno da vestimenta se dará de maneira positiva, quando, independentemente da “marca”, percebermos uma adequação entre a roupa e a situação em que o indivíduo se encontra. Os alunos concordaram com a ideia, que foi reforçada com o que fora pedido na terceira questão.

Na questão 03, foram expostas algumas situações para os alunos e, após descritos alguns tipos de trajes, indagamos qual seria mais apropriado para cada uma das situações elencadas. Por exemplo, que traje seria mais adequado para um casamento na praia à tarde? Os alunos, sem muita dificuldade, conseguiram realizar a atividade, mostrando, por exemplo, que para a situação há pouco citada o traje *black tie* seria indevido.

O item *c* da terceira questão é o ponto alto deste primeiro bloco. Trata-se de uma questão que foi realizada oralmente e que trouxe à tona uma importante discussão. Buscamos desvelar que alguns padrões sociais são impostos por aqueles que detêm mais poder, ou seja, a ideia de se vestir bem, por exemplo, vem das parcelas mais altas da sociedade, que, por sua vez, deslegitimam outras maneiras de se vestir. Com esse debate, os alunos deixaram claro que não se sentem representados, por exemplo, pelas roupas que as personagens das novelas usam e que frequentemente, suas roupas são consideradas “roupas de marginais”, já que eles não se vestem como as pessoas com boas condições financeiras.

As atividades realizadas neste bloco, bem como seu resultado podem ser considerados satisfatórios. A seriedade da discussão foi atingida, causando interesse e envolvimento por parte dos alunos. Finalizamos o primeiro bloco, convidando os alunos a perceberem que, de acordo com nosso comportamento e com o uso que fazemos da língua, também somos constantemente avaliados.

O segundo bloco da atividade tem início com uma breve explicação sobre o que vem a ser linguagem formal e informal. Abordamos de maneira simples a natureza variável da língua e já aconselhamos aos alunos sobre a importância de adequar a linguagem à situação de interação, do mesmo modo como devemos adequar nossa roupa ao lugar em que estamos.

Tomamos como mote para a discussão postagens de uma personalidade brasileira no Twitter, que, em situações distintas, se expressa de maneiras diferentes no que concerne à língua: em uma sequência de postagens, o autor apresentou um maior grau de formalidade em seus textos, enquanto, no outro momento, houve maior informalidade. Considerando a variação linguística, foi proposta, por meio das atividades, a busca pelos fatores que condicionaram essa variação.

Linguagem formal e informal

Você já deve saber que a língua portuguesa se manifesta de diversas formas, ou seja, temos diversas maneiras de falar ou escrever a mesma mensagem. Como a internet ficou muito popular e muito presente nas nossas vidas, é muito natural que a linguagem que você utiliza no *Whatsapp*, *Facebook* ou *Twitter* apareça em outras situações, como na sua prova de redação, por exemplo. Você pode até ser entendido, porém, por serem situações bem diferentes, você pode se prejudicar. Seria como se você fosse receber seu prêmio de empresário ou empresária do ano com roupas de praia. Então, precisamos estar atentos para adequarmos nossa linguagem às situações em que nos encontramos.

Vamos discutir isso a partir de exemplos. Leia os tweets a seguir, postados pelo Padre Fábio de Melo. Ele é muito querido na internet por sua irreverência na hora de realizar suas postagens nas redes sociais.

Situação 1



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 11 min

Cresci entre as minorias. Nunca me distanciei dos sofrimentos que vi de perto. Por isto faço questão da retratação.

←
↻ 172
♥ 882
⋮



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 12 min

Sempre refleti sobre o risco que uma relação afetiva tem de evoluir para o sequestro da subjetividade.

←
↻ 181
♥ 659
⋮



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 14 min

É muito desconfortável ser promotor do que abominamos. Culpar a vítima é abominável. Se fui infeliz na linguagem, resta-me retratar.

←
↻ 319
♥ 1,1 mil
⋮



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 50 min

Peço perdão. Eu nunca pretendi dizer que a vítima é culpada. Apenas salientei que a não denúncia reforça o agressor.

Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/padre-fabio-de-melo-se-retrata-apos-video-considerado-machista-1.1573617> Acesso em 15/02/19.

01. O que pode ter motivado essas postagens do Padre Fábio de Melo?
02. A quem Padre Fábio de Melo destina essa mensagem?
03. Quando interagimos com as pessoas, podemos nos comportar linguisticamente de maneira mais formal ou informal. Na sua opinião, nas postagens apresentadas, Fábio de Melo utilizou uma linguagem mais formal ou informal? Justifique.

Situação 2



Disponível em <https://www.aredacao.com.br/esporte/66017/padre-fabio-de-melo-e-camila-pitanga-disputam-camisa-do-vila-no-twitter> Acesso em 15/02/2019.

04. Na segunda situação, Fábio de Melo é mais formal ou informal? Justifique.
05. O que pode ter motivado o emprego da linguagem diferente daquela empregada na primeira situação?
06. Indique que palavras substituiriam as que estão listadas a seguir de modo que o texto pudesse ser mais formal.
- "Tô" –
 - "Tbm" –
 - "Pra" –
07. Além dos vocábulos acima, o que mostra que Padre Fábio de Melo estava mais à vontade na segunda situação?
08. Levando em consideração as duas situações, escreva nos parênteses V ou F, conforme as afirmações sejam verdadeiras ou falsas.
- () Os textos têm algumas características em comum: apresentam-se na modalidade escrita da língua e são veiculados pelo Twitter, rede social de sucesso no Brasil.
 - () A linguagem empregada nos textos é diferente, pois os textos são produzidos em situações também diferentes.
 - () Na primeira situação o autor se distancia mais das regras gramaticais e das convenções de escrita, ou seja, ele é mais informal; na segunda, ele se aproxima da obediência a essas regras, sendo, portanto, mais formal.
 - () As pessoas a quem nos dirigimos, o assunto sobre o qual vamos falar e o grau de formalidade da situação não devem interferir no grau de formalidade da nossa fala/escrita.

Por questões sociais, entendemos a modalidade formal da língua como aquela que mais se aproxima da gramática normativa. É essa modalidade que devemos utilizar em situações como uma entrevista para conseguir um emprego, um discurso de formatura, uma produção de texto em exames vestibulares etc. A modalidade informal é utilizada em situações em que o falante ou o escritor estão mais à vontade, como nas redes sociais, caso você esteja falando com um amigo próximo, por exemplo.

Nas situações informais, as pessoas controlam menos o seu jeito de se expressar, por isso, muitas vezes, se afastam das regras de norma gramatical e de convenção de escrita. Mas isso não chega a ser um problema, já que, nessas situações, os leitores ou ouvintes sabem que controlar o uso dessas regras não é tão necessário.

Se empregarmos a linguagem de acordo com a situação, provaremos que temos o que alguns estudiosos chamam de competência comunicativa, já que conseguiremos nos comunicar em quaisquer situações.

09. Você acha que o Padre Fábio de Melo tem sua competência comunicativa desenvolvida? Por quê?

Analisamos a situação 01 com o objetivo de relacionar a maneira de falar/escrever com os fatores externos que a motivaram. No caso, buscamos que os alunos percebessem o que motivou as postagens e quais são os interlocutores a quem as postagens são direcionadas, para que, no item *c*, ao afirmarem que foi utilizada uma linguagem formal, eles percebessem que tal escolha por parte do locutor não foi por acaso. Sem muitas dificuldades, os alunos perceberam o teor sério das postagens e a tentativa de retratação do autor. Quando foram indagados a cerca dos destinatários, os alunos disseram que o texto foi destinado a todos os seguidores do perfil do sujeito, sendo necessária uma intervenção para que eles constatassem que a mensagem foi enviada principalmente para os seguidores que interpretaram mal as postagens. Com isso, os alunos chegaram à conclusão de que a seriedade do assunto e o interlocutor a quem a mensagem se destina são alguns dos fatores que influenciam no grau de formalidade da linguagem.

Na situação 02, os alunos identificaram que o grau de formalidade mudou. Tratava-se aqui de uma linguagem mais informal, que, de acordo com o que fora aprendido, é motivada por alguns fatores. Com as discussões referentes à segunda situação, os alunos perceberam que o interlocutor, dessa vez, além de seus seguidores em geral, era uma pessoa com que o padre, provavelmente, tinha alguma proximidade, e o assunto não exigia um tratamento mais sério. Com isso, mostrou-se que situações informais de fala/escrita, como a situação 02, não exigem um alto monitoramento linguístico, sendo aceitáveis abreviações ou exposição de emoções, por exemplo.

A questão 08 configurou-se como uma tomada de consciência. Com ela, os alunos demonstraram que adquiriram alguns conhecimentos necessários aos nossos estudos que viriam a seguir. Os alunos reconheceram que a língua tem natureza variável, mesmo na

modalidade escrita, e que as situações de interação são fatores que devem ser levados em consideração na hora escolhermos a linguagem que vamos empregar. Além disso, viram que a linguagem formal mantém aproximação com a regras gramaticais como prevê a norma padrão, enquanto a informal se afasta dela.

Munidos dessas informações, explicamos aos alunos o conceito de competência comunicativa, deixando claro que tal atividade os ajudaria a desenvolver tal competência. No que diz respeito à percepção, é possível inferir que os alunos compreenderam bem o conceito, ao afirmarem que o autor dos *tweets* tinha desenvolvida a competência comunicativa por saber utilizar a linguagem formal e a linguagem informal de acordo com a situação em que ele se encontrava.

No terceiro bloco desta atividade, aprofundamos as ideias acerca de formalidade e informalidade. Desta vez, trabalhamos com gêneros textuais distintos, a fim de apresentar um outro fator que pode promover a variação na linguagem da qual fazemos uso. Apresentamos uma notícia e um artigo de opinião que tratavam do mesmo assunto, mas que apresentavam registros diferentes quanto à formalidade.

Leia os textos 1 e 2 e responda às questões seguintes.

Texto 1

"Sai do meu país!": agressão a refugiado expõe a xenofobia no Brasil

Sírio Mohamed Ali foi hostilizado e verbalmente agredido enquanto trabalhava em Copacabana, no Rio de Janeiro

Mohamed Ali, refugiado sírio residente no Brasil há três anos, foi hostilizado e agredido verbalmente em Copacabana, região nobre do Rio de Janeiro, onde trabalha vendendo esfihas e doces típicos.

Em vídeo publicado nas redes sociais, é possível ver um homem exaltado que grita repetidas vezes "Sai do meu país!", ostentando dois pedaços de madeira nas mãos e ameaçando o refugiado. "O nosso país tá sendo invadido por esses homens bombas, que matam crianças", diz, em discurso xenofóbico.

[...] No Brasil, xenofobia é crime tipificado na lei 9.459, de 1997. Seu primeiro artigo diz: serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

"Vim com amor, porque os amigos sempre diziam que o Brasil aceita muito outras culturas e religiões e as pessoas são amáveis e todos os refugiados procuram paz. Não sou terrorista, se eu fosse, eu não estaria aqui, estaria lá lutando como eles fazem", afirma, agradecendo a todos que o defenderam.

Apesar da fama de "cordial" e de receber bem imigrantes, o aumento das denúncias mostra um lado triste do Brasil. Entre 2014 e 2015, os casos aumentaram 633%, pulando de 45 para 333 registros recebidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, via plataforma Disque 100. Na Justiça, quase não há registros de denúncias que prosseguiram ou de xenófobos punidos. [...]

Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil> Acesso em 15/02/19.

Texto 2

"Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!"

(Leonardo Sakamoto)

"Tá com dó? Leva para casa!" é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal, mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. "Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!"

Não viu esse tipo de coisa na sua *timeline*? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpem o algoritmo de sua rede social que te colocou numa bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é *flicts*.

Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo um caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um *Walking Dead* – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-pra-casa/?cmpid=copiaecola
Acesso em 15/02/19.

10. Você acabou de ler dois textos que tratam do mesmo assunto, porém pertencem a gêneros diferentes. O primeiro é uma notícia, enquanto o segundo é um artigo de opinião.

a) No que diz respeito à linguagem empregada pelos autores, como os textos podem ser considerados em relação ao grau de formalidade? Justifique sua resposta utilizando trechos dos textos.

b) As expressões a seguir aparecem no texto 2. Discuta com seus colegas quais são os possíveis significados de cada uma delas:

- "o povo **vira bicho**"
- "O mundo lá fora, minha gente, **é flicts**."

- d) O artigo de opinião busca persuadir o leitor a crer que o ponto de vista apresentado por seu autor é válido. De que modo usar essas expressões auxilia o autor em sua intenção?
11. O texto 1, por ser mais objetivo, não admite alguns recursos linguísticos como a ironia, por exemplo. Esse recurso é, por outro lado, encontrado no texto 2. Dentre as alternativas a seguir, identifique o enunciado que contém uma ironia.
- a) "O mundo lá fora, minha gente, é flicts."
- b) "O Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração."
- c) "'Tá com dó? Leva para casa!' é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário."
- d) "Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo."
- Leia o box a seguir, que traz o conceito de *blog*.

A nomenclatura *blog* vem da contração dos termos *web* e *log*, que, em tradução livre, significam respectivamente *rede* e *registro*. Desta forma, conclui-se que a plataforma *blog* foi criada com o intuito de servir como uma espécie de diário online. Obviamente, esse tipo de espaço ganhou um contexto muito mais amplo e, atualmente, possui atributos que vão além de um diário.

Além de poder ser utilizado como um diário pessoal online, já que este era o objetivo primordial da plataforma, os *blogs*, como conhecemos hoje, se tornaram ferramentas flexíveis e servem para praticamente qualquer tipo de publicação.

O fato de esse tipo de plataforma ser mais simples do que um site para gerenciar fez com que ele se popularizasse rapidamente.

Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/para-que-serve-um-blog/> Acesso em 15/02/2019.

12. O texto de Leonardo Sakamoto foi postado no *blog* dele. Agora que você sabe o que é um *blog*, em sua opinião, é correto dizer que o autor do texto 2 se expressou de maneira adequada, demonstrando sua competência comunicativa? Justifique sua resposta.

13. Reflita: por que, mesmo tratando de um assunto muito sério, Leonardo Sakamoto utilizou uma linguagem mais informal?

14. Dentre as alternativas a seguir, assinale as que apresentam tentativas de aproximação com o leitor.

- () "Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa."
- () "O mundo lá fora, minha gente, é flicts."
- () "Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos."
- () "Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais."

15. Releia o trecho a seguir, transcrito do texto 1.

"Mohamed Ali, refugiado sírio residente no Brasil há três anos, foi hostilizado e agredido verbalmente em Copacabana, região nobre do Rio de Janeiro, onde trabalha vendendo esfihas e doces típicos.

Em vídeo publicado nas redes sociais, é possível ver um homem exaltado que grita

repetidas vezes **'sai do meu país!'**, ostentando dois pedaços de madeira nas mãos e ameaçando o refugiado. **'O nosso país tá sendo invadido por esses homens bombas, que matam crianças'**, diz, em discurso xenofóbico."

Percebemos, nesse trecho, duas vozes: a voz do jornalista que escreve a notícia e a voz de uma das partes envolvidas no acontecimento. Responda às seguintes questões.

- a) A quem pertence a fala destacada em negrito?
- b) O trecho destacado demonstra formalidade ou informalidade? Justifique sua resposta.
- c) O trecho em estudo, escrito como está, compromete o teor mais sério da notícia? Explique sua resposta.

Ao serem indagados sobre o grau de formalidade dos textos lidos, os alunos afirmaram que ambos eram formais, o que rompeu com nossas expectativas, já que a notícia é um texto formal, enquanto o artigo de opinião apresenta trechos com nítidos traços de informalidade. Essa afirmação foi aceita pelos alunos com o item seguinte, em que expomos expressões utilizadas em seus sentidos figurados, recurso não muito presente em textos nos quais deve predominar a linguagem objetiva. Foi necessário ressaltar, entretanto, que o autor pode fazer uso desses recursos de maneira consciente, objetivando, por exemplo, construir uma relação de proximidade com o interlocutor, o que não foi identificado pelos alunos sem o auxílio do professor.

Ao apresentarmos a rede social *blog* para os estudantes, objetivamos reforçar a ideia de que são diversos os fatores que devem ser levados em consideração na hora de escolhermos a variedade linguística para nos comunicarmos. Nesse caso, percebemos que o fato de o autor ter publicado o texto em seu blog pessoal lhe deu liberdade para ser mais informal, já que estava mais à vontade num espaço que era seu. Tal discussão colaborou para o entendimento dos estudantes no que diz respeito à competência comunicativa do autor, que pode ter utilizado a linguagem informal por estar em um ambiente que é propriedade dele ou por buscar uma aproximação com o público leitor, o que fica claro, inclusive, com os vocativos utilizados no decorrer do texto.

Na questão 15, trabalhamos um trecho da notícia no qual é transcrita a fala de um dos envolvidos no fato. Os alunos não apresentaram dificuldades em identificar as vozes presentes no texto e também perceberam que se tratava de um texto oral e que se afastava da norma padrão. Os olhares dos estudantes em relação a esses conceitos já estavam mais aguçados, e eles facilmente concluíram que, embora se afastasse do que se entende por norma padrão, o trecho não prejudicou a notícia, sendo um apoio para sua credibilidade.

Finalizamos, então, este bloco, assegurando que os alunos compreenderam do que se trata competência comunicativa e o que é linguagem formal e informal. Para isso, nos valem das seguintes questões:

Como vimos, utilizamos a linguagem para nos comunicar em diversas situações no nosso cotidiano. Em cada situação, devemos nos preocupar com o grau de formalidade exigido a fim de que nosso objetivo seja alcançado e a comunicação aconteça sem que haja prejuízos para você ou para seu interlocutor. Lembre-se: situações formais de fala requerem o uso das normas de prestígio, aquelas que se aproximam da gramática normativa. As situações informais, por sua vez, não exigem tanto monitoramento; podemos, então, ficar mais à vontade e nos expressar como acharmos melhor, desde que a comunicação não seja prejudicada.

Algumas pessoas sofrem preconceito linguístico por não falarem ou escreverem seguindo o que a gramática diz. O primeiro passo para mudarmos essa situação é reconhecer que nossa língua é plural e que não há apenas uma maneira certa de falar. Que tal trocarmos o julgamento em “certo” e “errado” por “adequado” e “inadequado”?

16. Chegou a sua vez de mostrar que compreendeu o que é competência comunicativa. Que modalidade, formal ou informal, você utilizaria nas seguintes situações?

- a) Produção de texto para ingressar em uma universidade
- b) Conversa com um amigo no *Whatsapp*
- c) Pedido de aumento salarial em uma reunião da empresa
- d) Comentário na foto que uma amiga postou no *Instagram*

17. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no Brasil, é o exame que seleciona os alunos para o ingresso nas universidades federais. Todos os anos, é exigido que os candidatos redijam um texto que obedeça a alguns critérios. Em 2017 a proposta dizia o seguinte:

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2017/cad_5_prova_amarelo_12112017.pdf Acesso 15/02/19

A proposta exige que o texto seja escrito em modalidade escrita formal da língua portuguesa. O que os avaliadores esperam, levando em consideração esse critério?

Na questão 16, os alunos foram avaliados no que diz respeito à competência de relacionar o grau de formalidade do texto à situação em que ele está inserido. A turma obteve sucesso na questão, já que não houve incoerência entre as respostas dadas por eles. Utilizando uma proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que cita “a modalidade escrita formal da língua” como exigência, buscamos perceber o que a classe entendia sobre isso. Dentre as respostas, pudemos destacar as que diziam que o ENEM queria

que escrevêssemos “certo”, o que gerou a discussão sobre preconceito linguístico pautada no texto de apoio que antecede a questão 16. Reforçamos, então, a ideia de que “certo” e “errado” são valorações imprecisas no que diz respeito à nossa língua, rica em variação, e que mais válido seria nos preocuparmos em empregarmos uma linguagem adequada às situações de comunicação das quais participamos.

4.2.2 Atividade 2 – Sujeito e concordância verbal

Contando com um tempo referente a 4 horas/aula, a segunda atividade se dispôs a trabalhar de maneira abrangente o fenômeno da CV. Durante esta sequência, os alunos tiveram a oportunidade de revisar o conceito de sujeito e, ainda, perceber a relação que existe entre este termo e o verbo no enunciado do qual fazem parte. Duarte (2011) afirma ser importante o trabalho com os termos da oração porque, por meio desse estudo, o aluno pode entender fenômenos linguísticos como a CV, que é foco de nosso interesse neste trabalho.

Para a autora,

Reconhecer e identificar os constituintes da sentença é importante para que o aluno entenda, por exemplo, a concordância entre verbo e argumento externo e, sobretudo, porque existe dificuldade maior em realizar tal concordância quando o “sujeito sintático” se comporta como um argumento interno, estrutura típica dos verbos inacusativos (“chegaram as encomendas”) (DUARTE, 2011, p. 201)

Nosso objetivo, com essa atividade, foi, portanto, resgatar o conceito de sujeito e estabelecer a importância da CV não só para seu uso em situações formais de fala e escrita, mas também para a construção dos sentidos do texto. Vejamos como se deu a realização do primeiro bloco:

Na atividade anterior, vimos que existem situações que exigem um monitoramento linguístico mais aguçado, visando a uma aproximação maior com o que é prescrito pela gramática e, conseqüentemente, mais prestigiado por diversos setores da sociedade. Nesta aula, vamos falar da relação que existe entre o sujeito e o verbo, a importância de cada um deles na oração e, principalmente, a concordância que deve haver entre eles para que nossos textos estejam de acordo com o que se espera de nós quando sairmos da escola.

- Leia, a seguir, o trecho de um capítulo que faz parte da obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, da escritora britânica J. K. Rowling. Tente completar as lacunas com possibilidades coerentes para responder as questões que vêm a seguir.

01 _____ enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé
02 em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. _____ não fez
03 objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lambar as vestes do
04 garoto.

05 _____ descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas
06 que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros.

07 _____ se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma
08 perna curta por cima do animal. _____ já estava em posição, sentada de lado, e
09 ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. _____, porém,
10 continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

11 — Que foi? — perguntou _____.

12 — Como é que você espera que a gente monte? — perguntou _____ com a voz
13 fraca. — Se não conseguirmos ver essas coisas?

14 — Ah, é fácil — falou _____, descendo de boa vontade do seu Testrálio e se
15 encaminhando para Rony, Hermione e Gina. — Venham aqui...

16 _____ os levou até os outros _____ que estavam parados e ajudou os amigos,
17 um a um, a montarem neles. _____ pareceram extremamente nervosos quando
18 _____ enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com
19 firmeza; depois voltou para a própria montaria.

20 — Isto é loucura — murmurou _____, passando a mão livre desajeitadamente pelo
21 pescoço do cavalo. — Loucura... se _____ ao menos pudesse ver o bicho...

22 — É melhor _____ desejar que _____ continue invisível — disse Harry
23 sombriamente. — Estamos prontos, então?

24 _____ confirmaram, e ele viu _____ se tensionarem sob as vestes.

25 — O.k.

ROWLLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco: 2007, p. 469.

01. As lacunas no texto sinalizam que falta um importante termo sintático, cuja ausência compromete de maneira radical o sentido pretendido pela autora.

a) Que termo sintático é esse?

b) Qual o prejuízo causado pela retirada desse termo nos diversos momentos da narrativa?

Em uma oração, existe uma relação muito estreita entre o sujeito e o verbo. Quando o sujeito pode ser identificado de maneira clara, o leitor tem mais facilidade de compreender o que diz o texto; com isso, poderá formular hipóteses e desenvolver ideias para compreender o texto a partir do que foi lido. Quando escrevemos, devemos nos preocupar em entregar um texto que possa ser lido e compreendido.

Para isso, devemos levar em consideração algumas convenções previstas pelo sistema gramatical da nossa língua. Para entendê-las, vamos realizar algumas atividades que nos ajudarão a refletir sobre o texto acima.

02. Complete o texto a seguir utilizando as palavras que estão no quadro. Realize a atividade de modo que exista sentido e que o texto esteja de acordo com os níveis de formalidade da língua portuguesa. As palavras podem se repetir.

Neville – Rony, Hermione e Gina – Harry – O bicho – Luna
--

(1) _____ enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. (2) _____ não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lambar as vestes do garoto.

(3)_____ descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. (4) _____ se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. (5) _____ já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. (6)_____, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

03. A partir de suas repostas à questão 02, julgue as afirmações seguintes e escreva V ou F, conforme elas sejam verdadeiras ou falsas. Justifique sua resposta.

- () As lacunas 1 e 4 poderiam ser preenchidas pelo nome do mesmo personagem se levarmos em consideração apenas a conjugação dos verbos de cada oração.
- () As lacunas 1 e 3 devem ser preenchidas pelo nome de personagens diferentes para que o texto seja coerente.
- () As lacunas 4 e 5 poderiam ser preenchidas pelo nome do mesmo personagem sem comprometer o sentido do texto.
- () Há apenas uma possibilidade para o preenchimento da lacuna 6.

04. Considere as orações a seguir e responda aos itens que seguem.

“_____ **pareceram** extremamente nervosos quando _____ **enrolou** as mãos deles nas crinas dos animais e lhes **disse** para **segurarem** com firmeza; depois **voltou** para a própria montaria”

“_____ **confirmaram**, e [Harry] viu _____ se **tensionarem** sob as vestes.”

a) Relacione as colunas a seguir, de modo que os sujeitos das orações acima sejam identificados.

- | | |
|-------------------|----------------------------|
| (1) pareceram | () Luna |
| (2) enrolou | () Rony, Hermione e Gina |
| (3) confirmaram | () cinco pares de joelhos |
| (4) tensionarem | () Todos |

b) O que os verbos 1, 3 e 4 têm em comum levando em consideração:

- A sua flexão?
- O sujeito a eles atribuído?

c) Em que pessoa do discurso os verbos a seguir foram flexionados? Indique os sujeitos dos verbos listados a seguir.

“disse”:

“segurarem”:

“voltou”:

d) Os sujeitos dos verbos presentes no item c não foram retirados para esta atividade, eles já haviam sido omitidos pela autora.

- Como você acha que ela espera que os leitores identifiquem o sujeito das orações acima?
- Como os mecanismos existentes na língua permitem que isso aconteça?

A primeira questão apresenta para os alunos uma narrativa repleta de lacunas, que, evidentemente, resultaram em uma dificuldade no processo de compreensão do texto. O enunciado da questão afirma a importância do termo que falta e as consequências de sua ausência, solicitando, em seguida, que os alunos identifiquem qual é. No primeiro momento, a turma não afirmou ser o sujeito dos enunciados o termo ausente. Isso fez com que fosse necessária a intervenção do professor, que transcreveu no quadro alguns enunciados para em seguida analisá-los. Por exemplo, com o enunciado “_____ enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálíio (...)”, o professor indagou que informação estava faltando para que compreendêssemos a mensagem em sua totalidade. Essa simples atitude fez com que os alunos dissessem que se tratava de quem realizou a ação de enrolar a mão. Com isso, chegamos à definição mais básica do sujeito, resposta alcançada pelos alunos.

No item seguinte, ao serem indagados sobre o prejuízo causado pela retirada do termo em distintos momentos da narrativa, os estudantes já estavam prontos para perceberem que, sem o sujeito, não se tem como atribuir as ações ou estados referentes à narrativa a algum ser. Dessa forma, destacamos a necessidade de produzir um texto que possa ser entendido, o que pode ser alcançado a partir do momento em que se seguem algumas convenções previstas pelo sistema de nossa língua. Para compreender tais convenções, é necessário ter em mente alguns conceitos, dentre os quais o de sujeito se encontra.

Com a finalidade de fortalecer a ideia de que o sujeito interfere no sentido pretendido pelo autor, realizamos a segunda questão desta atividade. Sendo personagens conhecidos pelos alunos, já que o texto é um trecho de uma famosa obra infanto-juvenil, convidamos a classe a atribuir as ações a alguns sujeitos sugeridos pelo enunciado. Como previsto, a questão trouxe uma certa dificuldade. Vejamos a questão com seu respectivo gabarito:

02. Complete o texto a seguir utilizando as palavras que estão no quadro. Realize a atividade de modo que exista sentido e que o texto esteja de acordo com os níveis de formalidade da língua portuguesa. As palavras podem se repetir.

Neville – Rony, Hermione e Gina – Harry – O bicho – Luna
--

(1) _____ *Harry* enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálíio mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. (2) _____ *O bicho*

não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lambar as vestes do garoto.

(3) _____ *Harry* descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. (4) _____ *Neville* se guindara para o dorso no Testrálho seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. (5) _____ *Luna* já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. (6) _____, *Rony, Hermione e Gina*, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

Tal dificuldade se deu pelo fato de as lacunas, com exceção da de número 6, poderem ser preenchidas por qualquer um dos termos, exceto “Rony, Hermione e Gina”. Ao afirmarem que o item 6 só tinha uma possibilidade de escolha, os alunos demonstraram a noção que tinham acerca do fenômeno da CV, mas foi necessário expor que havia outras pistas textuais a fim de que chegássemos às respostas e deixássemos comprovado que a relação entre sujeito e verbo contribuiria também para os sentidos do texto.

Indo por eliminação e sabendo que os alunos conheciam minimamente as personagens, fomos direto ao item (2), cujo sujeito se referia a algo ou alguém que apresenta “presas à mostra”. Com isso, os alunos logo perceberam que o sujeito se tratava do “bicho”. Indicamos que o sujeito que preencheria a lacuna 5 estava “sentada” e que a desinência de gênero *-a* apontava para uma possibilidade apenas. A turma, então, percebeu que poderia ser “Luna”. As lacunas 1 e 4 apresentaram-se como as mais difíceis para a turma, porque exigiram do aluno que ele reconhecessem ser Harry, o protagonista da história, o líder que, ao terminar algo, “olha para os outros”, a fim de conferir o andamento da missão. Já Neville é conhecido na história por ser mais atrapalhado, o que, para os alunos, fez com que ele ocupasse a lacuna de número 3. Toda essa reflexão, foi resumida para os alunos na questão 03 desta atividade.

A questão de número 4 apresentou um formato semelhante ao da questão de número 2. Entretanto, em vez de dar ênfase apenas a questões relacionadas aos sentidos do texto, enfatizamos também questões mais gramaticais, como a flexão de número dos verbos e dos sujeitos que apresentam correlação.

Para os alunos, o item *a* foi realizado com dificuldade semelhante àquela que foi verificada na questão 2, o qual foi realizado a partir da mesma metodologia demonstrada anteriormente. Os itens seguintes analisaram especificamente a flexão do verbo e do termo com o qual o sintagma verbal se relaciona. Não foi desafio para a turma perceber que tanto os verbos quanto os sujeitos a eles relacionados estavam flexionados na terceira pessoa do plural, oportunizando, desse modo, tecer os primeiros comentários acerca da CV propriamente dita.

Em seguida, utilizamos os enunciados destacados ainda na questão de número 2 nos quais o sujeito não estava expresso. Pedimos para os alunos identificarem os sujeitos que estavam ocultos, contudo, antes, era necessário identificar a pessoa e o número em que o verbo estava flexionado. Mais uma vez, os alunos tiveram a oportunidade de compreender que a CV, em se tratando da norma-padrão (e também da norma de prestígio, que caracteriza os textos escritos/orais formais), consiste na flexão do verbo conforme a pessoa e o número expressos pelo sujeito. Para identificarem os sujeitos ocultos, os alunos afirmaram ser a flexão do verbo um dos meios pelos quais se poderia chegar ao sujeito, além, é claro, do contexto em que se encontram os enunciados.

O segundo bloco desta atividade trata da CV em sua apresentação mais básica. Partimos para análises da CV sem desconsiderar que se trata de um fenômeno variável, deixando claro para os alunos que a sequência de atividades realizada os ajudaria na produção de textos formais, sendo a CV como prevê a GN uma das formas como o fenômeno se manifesta. Damos início a este bloco com uma breve explicação sobre o fenômeno:

A **concordância** é entendida como um fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa oração é determinada pela forma de outra palavra, havendo, entres essas palavras, uma ligação gramatical. No caso da concordância verbal, a norma de prestígio da língua costuma levar em consideração o sujeito e o verbo. Vejamos os exemplos que seguem:

(1) **Luna** já **estava** em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias.

No exemplo (1), temos o sujeito **Luna**, que corresponde à terceira pessoa do singular ("ela"). Desse modo, para haver concordância, o verbo **estava** é conjugado dessa maneira para se adequar ao seu sujeito.

(2) **Rony, Hermione e Gina**, porém, **continuavam** imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

No exemplo (2), o verbo **continuavam** se encontra no plural, já que ele não é atribuído a apenas uma pessoa, mas agora a três, tendo, pois, que concordar com o sujeito que as representa.

Leia agora o texto completo e observe as palavras que preenchem os espaços em branco.

Harry enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálho mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. O bicho não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lamber as vestes do garoto.

Harry descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. Neville se guindara para o dorso no Testrálho seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. Luna já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. Rony, Hermione e Gina, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

– Que foi? – perguntou ele.

– Como é que você espera que a gente monte? – perguntou Rony com a voz fraca. – Se não conseguimos ver essas coisas?

– Ah, é fácil – falou Luna, descendo de boa vontade do seu Testrálio e se encaminhando para Rony, Hermione e Gina. – Venham aqui...

Luna os levou até os outros Testrálios que estavam parados e ajudou os amigos, um a um, a montarem neles. Os três pareceram extremamente nervosos quando a garota enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com firmeza; depois voltou para a própria montaria.

– Isto é loucura – murmurou Rony, passando a mão livre desajeitadamente pelo pescoço do cavalo. – Loucura... se eu ao menos pudesse ver o bicho...

– É melhor você desejar que ele continue invisível – disse Harry sombriamente. – Estamos prontos, então?

Todos confirmaram, e ele viu cinco pares de joelhos se tensionarem sob as vestes.

– O.k...

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco: 2007, p. 469.

05. Agora que você leu o texto completo, você pode perceber que a autora utilizou alguns artifícios para evitar repetições. Um deles foi ocultar o sujeito. Observe o período a seguir:

“Harry enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, **apoiou** um pé em um toco ali perto e **subiu** desajeitado no lombo sedoso do cavalo.”

a) Qual o sujeito dos verbos **apoiou** e **subiu**?

b) Há concordância dos verbos com o sujeito apontado acima? Por quê?

c) Identifique pelo menos dois outros exemplos de verbos com sujeito oculto. Transcreva-os e indique os sujeitos das orações escolhidas.

06. Leia novamente o enunciado a seguir:

Rony, Hermione e Gina, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

a) Identifique o sujeito de **continuavam**.

b) Ainda levando em consideração os mecanismos utilizados para evitar repetição, encontre no texto pelo menos uma oração em que o termo **Rony, Hermione e Gina** foi substituído e transcreva-a.

c) Que termo foi utilizado para a substituição?

d) Na oração, a conjugação do verbo mudou? Justifique.

Embora muitas gramáticas afirmem que o verbo deve concordar com o sujeito em todas as situações, no português brasileiro, é comum percebermos a ausência de concordância. É o que podemos ver na letra de canção a seguir:

Eu não me imaginava sem você
Meu bem querer, amor pra sempre
Só esses cabelos pretos me **faz** bem
E quando não tenho, fico doente

Se você não existisse iria te inventar
Na forma de um anjo mais lindo Iria te amar

Disponível em <https://www.letas.mus.br/gusttavo-lima/1710867/>. Acesso em 16/02/19.

06. A partir do trecho acima, responda:

- a) Qual o sujeito de **fazer**, que está destacado?
- b) Há concordância verbal na oração acima? Por quê?

Quando, em nossas atividades comunicativas, não concordamos o verbo com o sujeito podemos ser vítimas de preconceito linguístico. Contudo, é importante lembrar que não existem erros em nossa língua, já que nossas escolhas linguísticas são sempre motivadas por diversos fatores.

Por exemplo: você sabia que a posição do sujeito pode interferir no processo de concordância? Isso mesmo! Quando o sujeito da oração vem depois do verbo, há uma grande chance de haver um desvio previsto pela gramática. E pode acontecer com qualquer pessoa, seja ela escolarizada, seja não escolarizada. Veja os exemplos listados pelo linguista Marcos Bagno:

a) **"Faz-se necessário duas abordagens para que se abranja a totalidade da situação"**
(Dissertação de Mestrado em Linguística, 2005, Universidade de Brasília).

b) "Ao contrário do que ocorre com os pidgins e crioulos, em que o normal é a relexificação da língua dominada, na qual **subsiste no entanto os aspectos morfossintáticos** [...]"
(Dissertação de mestrado em Linguística, 2005, Universidade de Brasília).

c) "Num país onde **existe mais de 100 línguas além da oficial** é inconcebível perpetuar a ideia que só a língua normativa é a correta"

(Texto produzido por professora de português do Distrito Federal).

Disponível em <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAII.pdf>. Acesso em 16/02/19.

Complete o quadro levando em consideração as orações destacadas. Em seguida, comente o processo de concordância presente nas orações acima.

SUJEITO	VERBO

As questões 5 e 6 têm o objetivo de, nos enunciados destacados, avaliar se a turma consegue identificar o sujeito das construções sintáticas estando ele expresso ou não, já que essa variável será por nós trabalhada futuramente. Além perceber o sujeito, o aluno foi induzido a perceber a concordância que há entre os termos, atividades foram realizadas com facilidade. Ao término dessas questões, o aluno pôde perceber que o verbo, de acordo com a norma prestigiada, deve ter sua flexão motivada pelo sujeito a quem está ligado, o qual pode estar expresso ou não no enunciado.

Com a questão 7, abordamos, enfim, a natureza variável da CV. Convidamos a turma a refletir sobre a ideia de que, embora a GN e, durante muito tempo, a escola nos façam pensar que só há uma forma de falar/escrever, existem textos que nos mostram que não é bem assim. Partimos, então, para a análise de uma letra de canção, interpretada por um famoso cantor brasileiro, a qual apresentava o seguinte verso: “Só esses cabelos pretos me faz bem”. Realizamos, pois, uma reflexão sobre o enunciado. A turma logo identificou o sujeito e afirmou que, de acordo com o que tínhamos discutido até o dado momento, não havia entre os termos concordância, já que o sujeito se encontrava no plural e o verbo, não. De maneira responsável, conversamos com os alunos sobre o que a sociedade costuma chamar de “erros de português”. Alertamos sobre a existência e os perigos do preconceito linguístico e deixamos de abordar a CV somente a partir do que diz a GN e introduzimos de maneira clara a maneira como a Sociolinguística encara essa variação. Expomos que existem diversos fatores que interferem nesse fenômeno e nem sempre há a concordância nos textos produzidos por nós, mesmo sendo escolarizados, por exemplo.

Dito isso, fomos à questão seguinte, que listou três exemplos de trechos de textos produzidos em situações de alto grau de formalidade por sujeitos escolarizados e urbanos. Tais trechos não atendiam as exigências da norma-padrão no que concerne à CV e, por meio de um teste de percepção, solicitamos a análise dos alunos. Os textos, por apresentarem uma linguagem rebuscada, mostraram-se difíceis aos alunos, que precisaram do auxílio do professor. Identificados os sujeitos e os verbos como pedia a questão, os alunos perceberam que não havia concordância e se familiarizaram com o fenômeno, já que eles também escreviam/falavam daquela forma em algum momento. Reforçamos a tese de que não se tratava de um erro, mas de uma variação natural em nossa língua que é motivada por diversos fatores, dentre os quais destaca-se, por exemplo, a posição do sujeito, fator trabalhado na questão.

4.2.3 Atividade 3 – Concordância verbal de acordo com a posição do sujeito

Esta atividade rompe com o que vem sendo apresentado comumente pelas gramáticas e materiais didáticos de língua portuguesa nas salas de aula. Em vez de trabalharmos a regra geral e os famigerados casos especiais da CV, abordamos o fenômeno de acordo com a necessidade da turma, diagnosticada a partir de uma análise sociolinguística. Isto é, verificamos quais os fatores mais condicionam a não ocorrência da CV como prevê a norma-padrão e trabalhamos a partir deles. Nesse caso, foi verificado que a presença e a

posição do sujeito no enunciado são os fatores que merecem mais atenção. Assim, nesta atividade, trabalhamos a CV com sujeito anteposto e posposto ao verbo.

Nossos objetivos são refletir sobre o papel da posição do sujeito no processo de concordância e conhecer novas formas de organização do enunciado, já que, na avaliação diagnóstica, os alunos apresentaram, de maneira predominante, o padrão SVO. Foi exposto para eles que conhecer outros métodos de organização dos enunciados nos permite, quando necessário, atingir outros objetivos, no que diz respeito ao sentido.

Durante todos os blocos desta atividade, os alunos foram submetidos a atividades epilinguísticas, por meio das quais houve experimentos, reflexões, que contribuíram com a aquisição da norma de prestígio de maneira mais significativa e eficaz. É o que podemos ver no primeiro bloco.

Olá!

No último módulo, vimos que a concordância verbal é um fenômeno que apresenta variação, isto é, pode se realizar de diferentes maneiras. Vimos, então, que, quando não ocorre a concordância entre o verbo e o sujeito, não se trata de um erro, pois existem muitos fatores que determinam tal uso. Contudo, é importante estarmos atentos para as situações em que devemos nos aproximar ao máximo daquilo que é mais prestigiado; nas situações formais de oralidade e de escrita, devemos buscar a concordância entre os termos da oração buscando mostrar nossa competência comunicativa.

Na atividade de hoje, veremos como a posição do sujeito interfere no processo de concordância. Para isso, primeiro, vamos analisar o seguinte anúncio:



Disponível em
<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=47&evento=1> Acesso em 16/02/19.

A parte verbal do anúncio traz os seguintes enunciados: “Vai que acaba o papel?” e “O guardanapo pode ser jogado fora.”. Vamos estudá-los?

- a) Qual é o termo, na primeira oração, que funciona como sujeito da forma verbal “acaba”?
- b) E na segunda oração? Qual é o sujeito da forma verbal “pode ser”?
- c) Considerando a posição do sujeito nas orações, qual é a diferença entre essas duas orações?

Você sabia que, ao produzir um enunciado, assim como o produtor do anúncio que analisamos, você pode escolher onde colocar o sujeito? Se você optar por colocar o sujeito antes do verbo, você terá escolhido a ordem direta do enunciado; essa é a ordem mais frequente nos textos com os quais nos deparamos.

Por outro lado, você pode optar por colocar o sujeito depois do verbo. Tal forma, embora aconteça algumas vezes, é menos frequente e, além disso, pode “prejudicar” a regra prevista pela gramática relacionada à concordância entre o verbo e o sujeito. Vamos entender melhor?

- d) Na oração “Vai que acaba o papel?”, substitua o artigo “o” por “os” e observe as alterações.
- e) Quais termos foram alterados? Por que isso aconteceu?
- f) Reescreva a oração “O guardanapo pode ser jogado fora” colocando o sujeito após o verbo e informando que há mais de um guardanapo.

Ao sugerirmos trocas entre os termos, flexões de um dos determinantes estamos permitindo ao aluno realizar experimentos com o funcionamento da língua. Nos primeiros itens, a classe teve a oportunidade de refletir sobre a ordem dos termos da oração. Entretanto, merecem destaque neste primeiro bloco os itens *d*, *e*, *f*, que abordam o processo de CV de maneira direta. Vejamos o item *d*:

Na oração “Vai que acaba o papel?”, substitua o artigo “o” por “os” e observe as alterações.

Como previsto, alguns alunos escreveram “*Vai que acaba os papéis?*”, confirmando nossa hipótese de que, realmente, o sujeito posposto interfere na CV. Foi necessário a intervenção do professor para que os alunos percebessem que a CV não havia acontecido, mas que era necessária. Com isso, os estudantes, mais atentos, responderam às questões posteriores. No item *f*, lemos:

Reescreva a oração “O guardanapo pode ser jogado fora” colocando o sujeito após o verbo e informando que há mais de um guardanapo.

Embora alguns estudantes tenham cometido o mesmo desvio do item anterior, a quantidade de alunos que realizaram a CV foi maior, mostrando que a questão e a intervenção do professor mostraram eficácia.

O bloco seguinte desta atividade deu continuidade às discussões. Trabalhamos ainda tanto a questão da ordem dos termos da oração quanto a influência disso no fenômeno da CV.

Com as questões acima, você teve a oportunidade de perceber que, quando utilizamos o sujeito posposto (sujeito na ordem inversa), podemos não realizar a concordância verbal e, assim, nos afastar da norma de prestígio.

Devemos ter consciência de que, ao escrevermos textos formais, precisamos estar atentos à posição do sujeito na oração para flexionarmos o verbo de modo que haja a concordância.

Vamos treinar?

O sujeito pode estar no início, no fim ou até mesmo no meio da oração. Veja:



Disponível em <https://andersoncoutodotcom.wordpress.com/2012/07/08/criacao-e-redacao-de-anuncios-publicitarios/> Acesso em 16/02/2019.

No enunciado “Existe uma saída para acabar com o seu vício”, realize as seguintes alterações:

- Reescreva-o na ordem direta.
- Reescreva-o de modo que o termo “saída” esteja no plural.
- Reescreva-o de modo que o núcleo do sujeito esteja no plural e no meio da frase.

Não concordar o verbo com o sujeito como prevê a gramática normativa é mais comum do que você imagina, e esse fenômeno está presente, inclusive, em textos formais. Veja os exemplos:

“Não Importa as sucessivas decisões judiciais favorável ao pagamento.”
Correio Braziliense

“Falta ao governo FH decisões corajosas e firmes, principalmente contra os partidos que o apoiam.”
Folha de São Paulo

Identifique os desvios presentes nos trechos de notícias acima, em seguida faça o que se pede:

- Reescreva-os de modo que se aproximem da norma prestigiada.

b) Reescreva-os colocando-os na ordem direta.

Durante a realização dessas atividades, ainda havia alunos que enxergavam a CV com sujeito posposto como um desafio, afinal, trata-se de uma variante que vem sendo naturalizada em nossa língua, a qual, na maioria dos casos, não interfere no sentido essencial do texto. Foram aproveitadas todas as oportunidades de mostrarmos para a turma que, embora posposto, o sujeito ainda apresenta relação com o verbo, sendo necessária a marcação de concordância entre eles. Com o exercício anterior, legitimamos a existência da variação no fenômeno da CV, trazendo mais uma vez exemplos de textos formais em que tal variação poderia ser notada. Mais uma vez foi necessária a intervenção do professor, talvez pela complexidade dos exemplos, que se apresentavam de maneira muito rebuscada. A variação no fenômeno da CV foi mais uma vez demonstrada com o bloco seguinte, no qual foram utilizados exemplos produzidos pelos próprios alunos:

Os trechos abaixo foram retirados de textos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola em Fortaleza.

Veja:

- (1) "**Não é só os ovos de chocolate da páscoa** que fazem as crianças do Brasil ficarem acima do peso."
- (2) "Os pais tem que ter controle do que **os filhos come.**"
- (3) "**As fábrica de chocolate não teria** que fechar suas portas."
- (4) "Desse jeito, as crianças vão começar a ficar pedindo os ovos aos pais e os pais irão ficar negando, com isso **ocorreria rebeliões na família.**"

Analise as orações em negrito e responda:

- a) Em quais delas o sujeito está anteposto? E em quais delas o sujeito está posposto?
- b) Há desvio de concordância nas orações destacadas?
- c) Transcreva as orações de modo que os desvios sejam eliminados.
- d) Reescreva as orações 3 e 4 de modo que, quando o sujeito estiver anteposto, fique posposto e vice-versa.

Nessa questão, os alunos mais facilmente identificaram os desvios e mostraram mais interesse, não só pelos desvios de concordância, mas por quem teria escrito os textos elencados. Os alunos identificaram os sujeitos, identificaram os desvios de CV e realizaram os exemplos listados de maneira satisfatória, prontos para seguir para a próxima etapa, que consiste em uma produção textual.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Leia o poema a seguir, cujo(a) autor(a) não é identificado.

O Bairro onde eu moro
 O bairro onde moro
 É um mundo de luzes e cores
 Luzes de alegria
 E cores de amizades
 Há ruas asfaltadas e ruas sem asfaltos
 Mas o morro é muito alto
 Dá para ver o céu de perto
 Dá para ver as estrelas
 Dá para ver a lua
 Que refletem em minha rua
 A dignidade de um povo
 Esperando um ano novo
 Meu bairro é poesia
 De crianças em euforia
 É um canto onde vivo em descanso
 Nele existe um lar
 Onde vivo a morar.

Disponível em <http://floresdocampoparavoce.blogspot.com/2009/11/o-bairro-onde-eu-moro.html>. Adaptado. Acesso em 16/02/19.

No poema acima, um bairro muito especial é descrito. Você pode descrever o seu? Escreva um parágrafo informando as coisas que existem no seu bairro, os eventos que acontecem as pessoas especiais que nele vivem. Você deverá escrever o texto **duas vezes** obedecendo ao seguinte critério: Primeiro, tente situar todos os sujeitos antes do verbo, utilizando a ordem direta da oração. Depois, use somente a ordem inversa.

Vamos tentar?

Devido ao tempo, as atividades não foram concluídas, e alguns alunos não se atentaram para a orientação de utilizarem apenas uma das posições do sujeito. Nesses textos, percebemos que houve uma considerável adesão da CV conforme sugere a norma de prestígio. Isso pode ser justificado pelo fato de se tratar de uma atividade imediata e, pela situação, ser altamente monitorada, uma vez que os alunos sabiam que estavam sendo avaliados especificamente a respeito disso. Listamos alguns exemplos:

- (1) “Existem no meu bairro diversas coisas tanto boas quanto ruins.”
- (2) “Quando as drogas chegam, começam os fogos e as pessoas se assustam.”
- (3) “Existem muitas doenças por conta da poluição.”
- (4) “No bairro onde eu moro, existem lojas e pizzarias.”

Entretanto, ainda houve ocorrência de não concordância, como podemos ver nos exemplos que seguem:

(4) “O bairro onde eu moro é tranquilo, mas nem tanto. De vez em quando acontece mortes.”

(5) “ As coisa aqui não é como no poema.”

4.2.4 Atividade 4 – Concordância do verbo com sujeito oculto

A última parte desta sequência de atividades trabalhou a variável realização do sujeito, ou seja, refletimos sobre a CV levando em consideração que, quando o sujeito está oculto no enunciado, há possibilidades de não haver a concordância. Essa atividade será realizada a partir do mesmo método da atividade de número 03, ou seja, abordando aspectos gramaticais a partir de atividades epilinguísticas, por meio das quais refletiremos sobre esse fenômeno variável em nossa língua.

Nossos objetivos foram, portanto, refletir sobre o papel da realização do sujeito no processo de CV e, ainda, oferecer recursos para que os alunos utilizem a elipse do verbo como instrumento de coesão. Este último aspecto pode ser verificado já no primeiro bloco de questões, que apresentamos a seguir.

Continuando nossos estudos sobre concordância verbal, vamos perceber, com esta atividade, como se dá o processo de flexão do verbo quando o sujeito está oculto. Leia a charge a seguir:



Disponível em <http://fatoresdetextualidade.blogspot.com/p/coesao-textual.html> Acesso em 16/02/19.

No enunciado *“No Iraque, a gente pega um carro, enche de dinamite e joga contra o alvo.”*, existem três orações. Sabendo disso, responda aos itens a seguir.

- Qual o sujeito do verbo “pega”?
- Qual o sujeito dos verbos “enche” e “joga”?
- Em todas as orações o sujeito estava explícito?
- Reescreva o enunciado acima de modo que o sujeito apareça em todas as orações.
- Qual dos enunciados é melhor de ler? O original ou o que foi criado por você? Justifique.

Nas duas falas presentes na charge acima, o sujeito foi omitido em alguns momentos. Você deve ter percebido que foi muito fácil recuperá-los pelo contexto. A esse mecanismo, damos o nome de **elipse**, que, antes de tudo, é um importante recurso coesivo, podendo colaborar com um texto mais fluido e agradável.

Ao responder esses itens, os alunos perceberam que, não necessariamente, o sujeito precisa estar expresso em todas as orações. A maneira como isso foi exposto foi muito mais significativa do que quando, por exemplo, se fala do sujeito oculto como sugerem os materiais didáticos. Foram percebidos, inclusive, os benefícios atingidos por meio da elipse, que consistem na materialização de um texto fluido e agradável, como diz o material de apoio. A partir dessa primeira reflexão, passamos a trabalhar com os alunos a ideia de que a elipse não se dá de qualquer maneira e que uma das formas que temos para assegurar que o interlocutor terá acesso a um texto coeso é a CV. Foi o que tentamos mostrar com o segundo bloco, exposto a seguir.

Antes de prosseguirmos, vamos mudar um pouco de assunto. Reflita sobre a seguinte questão: você acha que aprender inglês é muito complicado? Leia o texto a seguir e compare as informações dele com a sua opinião.

Aprender inglês é mais fácil do que português

Você já perdeu a vontade de aprender inglês ao esbarrar em alguma dificuldade? Provavelmente sim, talvez porque a metodologia de ensino não deu certo para você ou porque você não conseguiu compreender as regras do idioma, entre outros motivos.

Contudo, saiba que aprender inglês é mais fácil do que português. Duvida? Então continue a leitura: apresentamos algumas ideias sobre as regras do idioma e alguns exemplos para facilitar sua compreensão. Confira!

1. A conjugação e os tempos verbais são mais simples

As conjugações verbais em inglês não têm tantas formas como em português. Em português, cada pessoa tem sua conjugação, mas em inglês só a 3ª pessoa do singular no tempo presente é diferente.

Além disso, em inglês, os tempos são determinados por auxiliares e não há alteração no verbo principal. No futuro, por exemplo, o verbo *will* é adicionado e o *study*, mantido. Isso simplifica o aprendizado e o uso do idioma, já que não é preciso decorar diversas formas verbais.

2. As variações de gênero são mais fáceis

Em português, existem variações de gênero para substantivos, adjetivos e artigos. Já a língua inglesa, com algumas exceções, não tem esse problema. Enquanto em português se fala “a menina” e “o menino”, em inglês se diz “a girl” e “a boy”.

E mais: na maioria dos casos, artigos e adjetivos não mudam no plural. Em inglês, se diz, por exemplo, “you’ll watch the most famous movie” no singular, e “you’ll watch the most famous movies” no plural.

3. A ortografia não é complicada

Quer outro motivo para amar a língua inglesa? Pouquíssimas palavras têm acentuação gráfica. Enquanto em português se diz que “assistiu às aulas” para indicar participação e “assistiu as aulas” para denotar assistência, em inglês se usa “I attended classes” (compareceu) e “I assisted the class” (auxiliou).

4. O uso de aumentativo, diminutivo e superlativo não tem mistério

Para aumentativo e diminutivo, em português são usadas palavras auxiliares ou derivadas, como “casa grande” ou “casarão”. Em inglês, utilizam-se apenas palavras auxiliares, como “big house”. Ademais, a língua inglesa considera os superlativos analíticos de inferioridade e de superioridade, mas não o absoluto sintético como o português.

Disponível em <http://blog.topenglish.com.br/aprender-ingles-e-mais-facil-do-que-portugues-4-fatores-comprovam/>. Acesso em 16/02/19.

01. É comum algumas pessoas julgarem que o inglês é um idioma difícil de aprender. O texto confirma ou rejeita essa ideia? Justifique sua resposta.

02. De acordo com o texto, que facilidades podem nos surpreender ao estudarmos a língua inglesa?

O texto que você leu diz que “as conjugações dos verbos são muito mais simples. Com exceção da terceira pessoa do singular no tempo presente (*he, she it*), não há variação de acordo com a pessoa, como no português.”. Observe o quadro a seguir, que contém a conjugação do verbo **comer**, no tempo presente, nos dois idiomas.

Pronome	Verbo	Pronome	Verbo
Eu	como	I	eat
Tu	comes	You	eat
Ele/ela	come	He/she/it	eats
Nós	comemos	We	eat
Vós	comeis	You	eat
Eles	comem	They	eat

O pronome “**vós**” vem sendo substituído pelo pronome “vocês”. Os verbos ligados a esse pronome são flexionados na terceira pessoa do plural, simplificando assim as formas de flexão dos verbos.

03. Na sua opinião, em qual idioma é mais fácil conjugar o verbo “comer”? Por quê?

04. Reflita: se, nos textos, os autores resolvessem excluir os sujeitos das orações, seria possível sabermos a quem determinada ação poderia ser atribuída, se o texto fosse escrito

a) em inglês? Se sim, como?

b) em português? Se sim, como?

A questão mais importante deste bloco é a de número 4, pois é ela que vai mostrar para o aluno que, em caso de não realização do sujeito que é representado pela 3PP, o verbo deve ser flexionado para não trazermos prejuízo ao texto. Quanto às respostas, um grupo de alunos afirmou que, em inglês, o máximo que poderia acontecer seria distinguirem a 3PS. No que diz respeito ao português, todos concordaram que seria mais difícil, já que, de acordo com a gramática normativa, havia uma forma verbal para cada pessoa, ou seja, os alunos não reconheceram que esse mecanismo facilitaria a recuperação do sujeito em textos em língua portuguesa, o que mostra que os estudantes não foram bem-sucedidos nesta reflexão.

Unindo esses dois conhecimentos, os alunos ficaram aptos a resolverem o terceiro bloco da atividade, que contou mais uma vez com um trecho da obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Omitir o sujeito para contribuir com a produção de um texto mais fluido é um recurso bastante utilizado por diversos escritores e até mesmo por nós. Para exemplificar, vamos ler mais um trecho da obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Todos os companheiros de equipe, exceto Angelina, já se encontravam no vestiário quando eles entraram.

— Tudo bem, Rony? — cumprimentou-o Jorge com uma piscadela.

— Tudo — respondeu Rony, que fora ficando cada vez mais quieto a caminho do campo.

— Pronto para nos fazer dar vexame, Ronquinho monitor? — disse Fred, ao emergir descabelado da abertura das vestes de quadribol, um sorriso ligeiramente malicioso no rosto.

— Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. Ficaram boas nele, considerando que tinham pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.

— O.k., todos — disse Angelina saindo da sala do capitão, já de uniforme. — Vamos começar; Alícia e Fred, se puderem, tragam o caixote de bolas. Ah, tem um pessoal lá fora que veio assistir, mas quero que vocês finjam que não estão vendo, tá?

Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando saíram do vestiário para a claridade do campo, ouviram uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina e de mais alguns, agrupados no meio das arquibancadas vazias; suas vozes ecoavam ruidosamente pelo estádio.

— Que é aquilo que o Weasley está montando? — berrou Malfoy, debochando com o seu jeito arrastado de falar. — Por que alguém lançaria um feitiço de voo num pedaço de pau velho e mofado como aquele?

Crabbe, Goyle e Pansy davam escandalosas gargalhadas. Rony montou sua vassoura e deu impulso do chão, e Harry o seguiu, observando as orelhas do amigo ficarem vermelhas.

— Não ligue para eles — disse acelerando para alcançar Rony —, veremos quem vai rir depois que jogarmos contra eles...

— É exatamente a atitude que quero, Harry — aprovou Angelina, voando em torno deles com a goles embaixo do braço, e desacelerando para planar diante de toda a equipe já no ar.

— O.k., todos, vamos começar com alguns passes só para esquentar, o time todo, por favor...
ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003, p. 185.

Analise os trechos a seguir:

“Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. **Ficaram** boas nele, considerando que **tinham** pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos”.

“Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando **saíram** do vestiário para a claridade do campo, **ouviram** uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina [...]”.

05. Indique os sujeitos dos verbos destacados a seguir:

“Ficaram”

“Tinham”

“Saíram”

“Ouviram”

06. Nas formas verbais destacadas acima, os sujeitos estavam explícitos ou ocultos? Como foi possível identificá-los?

07. Releia a reescrita para um dos trechos destacados anteriormente:

“Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando **saiu** do vestiário para a claridade do campo, **ouviu** uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina [...]”.

Perceba que os verbos que, na versão original, estão flexionados no plural passaram para o singular. Sabendo disso, responda: houve alteração no sentido do texto? Se sim, qual?

08. Agora, releia o trecho a seguir, também modificado.

“Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. **Ficaram** boas nele, considerando que **tinha** pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.”

a) Levante hipóteses: com que sujeito o verbo “ter” tinha de concordar para se flexionar da forma como está nesta questão?

b) Nesse caso, a ausência de concordância pode nos levar a construir um sentido absurdo para o trecho acima. Que sentido seria esse?

c) Levando em consideração o que foi estudado, responda: em que situação você pode ocultar o sujeito da oração? De que forma você pode fazer isso?

Quando optamos por ocultar o sujeito, devemos nos preocupar em deixá-lo acessível para o leitor, e a maneira de garantir isso é flexionando o verbo de acordo com a pessoa à qual o sujeito que está oculto se refere.

As questões 05 e 06 do terceiro bloco desta atividade trabalham com a identificação do sujeito que se encontra oculto e dos meios que temos para encontrá-los. Os alunos logo perceberam os sujeitos e atenderam nossas expectativas quando afirmaram ser a flexão dos verbos a pista utilizada para eles chegarem às respostas.

Na questão 7 e 8, tentamos realizar mais experiências com a língua para que os alunos pudessem refletir sobre o fenômeno e se apropriassem realmente do conteúdo trabalhado. Alteramos a flexão dos verbos, ação que alterou o sentido do texto e que deveria ser verificada pelos alunos. Os alunos notaram as diferenças promovidas pela alteração, concordando inclusive com o fato de ser possível criarmos sentidos absurdos caso a concordância não acontecesse, como foi o caso do seguinte item:

“Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. **Ficaram** boas nele, considerando que **tinha** pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.”

Para avaliar o ensinamento adquirido pelos alunos, realizamos a seguinte indagação:

Levando em consideração o que foi estudado, responda: em que situação você pode ocultar o sujeito da oração? De que forma você pode fazer isso?

Para alguns alunos, a questão foi avaliada como difícil; contudo, com o auxílio do professor os alunos chegaram à conclusão de que podemos ocultar o sujeito da oração quando há no texto meios que nos permitem acessar o sujeito que não se explicita. Isso fica mais fácil quando flexionamos o verbo de acordo com a pessoa do discurso que o sujeito representa.

Nosso último bloco, como realizado na sequência anterior, consiste em avaliar a CV com sujeito oculto nas produções dos alunos participantes desta pesquisa.

Quando optamos por ocultar o sujeito, devemos nos preocupar em deixá-lo acessível para o leitor, e a maneira de garantir isso é flexionando o verbo de acordo com a pessoa à qual o sujeito que está oculto se refere.

Você sabia que, quando o sujeito está oculto, há uma possibilidade muito grande de não haver concordância verbal? Veja alguns exemplos retirados de textos formais produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola de Fortaleza – CE.

- i. E se os ovos de páscoa fossem de verduras, as crianças não iam ter que tomar remédios e ia ficar saudáveis.”
- ii. Existem muitos pais por aí que (...) compra comida que não faz muito bem, a/vai dando esse tipo de comida e vão dizer que a culpa é da páscoa.”

iii. Os filhos só podem comer doce nos finais de semana para que eles tenham uma alimentação mais saudável e não **coma** muitos doces.”

iv. As mães das crianças poderiam comprar frutas para as crianças comerem e quando chegasse a páscoa comprava um ovo, mas não **deixaria** a crianças comer tudo.”

09. Os sujeitos referentes às formas verbais destacadas acima estão explícitos ou ocultos?

10. Complete a tabela a seguir com as informações solicitadas.

	SUJEITO	FLEXÃO NO SUJEITO – SINGULAR OU PLURAL	FLEXÃO DO VERBO – SINGULAR OU PLURAL
“ia”			
“vai”			
“coma”			
“deixaria”			

Nas orações acima, facilmente se percebe o que os autores quiseram dizer. Contudo, como já estudamos, a situação na qual os alunos escreveram seus textos era formal. Portanto, a concordância verbal se fazia necessária. Lembre-se de que existem situações em que devemos monitorar nossa fala/escrita a fim de que bons resultados sejam alcançados.

Reescreva os trechos de modo que os verbos, mesmo com sujeitos ocultos, sejam flexionados de maneira adequada à situação de comunicação.

Os alunos foram convidados a analisar os verbos cujos sujeitos estavam ocultos e não apresentavam concordância. As atividades de identificação e adaptação ao padrão formal da língua foram realizadas de maneira rápida e satisfatória, podendo, assim, ser finalizada com uma atividade similar à que estava presente na atividade 03, que contou com uma produção de texto, conforme vemos a seguir.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Antes de concluirmos nossos estudos, leia o texto a seguir:

— Ele acha que a porta está trancada! — Harry falou. — Acho que escapamos. Sai para lá, Neville! — Neville puxava a manga do robe de Harry fazia um minuto. — Que foi?

Harry se virou – e viu, muito claramente, o que foi. Por um instante teve a certeza de que entrara num pesadelo – era demais depois de tudo o que já acontecera.

Não estavam numa sala, conforme ele supusera. Achavam-se num corredor. O corredor proibido do terceiro andar. E agora sabiam por que era proibido. Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas.”

Rowling, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 92

Construa um parágrafo, narrando o que Harry e Neville fizeram ao se depararem com o monstro. Narre, pelo menos, cinco ações dos garotos.

Nesta atividade, o sujeito representado por **Harry e Neville** deve aparecer apenas uma vez, sendo ocultados nas demais orações.

Assim como na atividade anterior, os alunos apresentaram um bom índice de CV com sujeito oculto em suas produções e de uso da elipse como recurso coesivo, o que pode ser justificado, mais uma vez, pelo fato de ser uma atividade específica que ocasionou um alto grau de monitoramento da escrita por parte dos alunos. No que diz respeito às ocorrências de CV, de acordo com a norma de prestígio, listamos os seguintes exemplos:

(7) “(...) Acharam um monstro dentro de casa dormindo, então se juntaram e foram tentar destruir o monstro juntos.”

(8) “Harry e Neville foram saindo de casa juntos. Acharam um monstro aí se juntaram para destruir ele.”

(9) “Harry e Neville foram perto do cão e acharam uma varinha.”

(10) “(...) Eles tentaram sair dali, mas acabaram tendo uma batalha com o monstro. Eles só queriam acabar com o monstro. (...) Conseguiram.”

Dessa forma se deu a intervenção que motivou este trabalho. Após a aplicação das quatro atividades, os alunos foram submetidos a uma avaliação final, que nos mostrou, de maneira concreta o resultado deste trabalho. Essa avaliação levou aos alunos a seguinte proposta:

Leia o trecho de uma notícia que causou bastante discussão no ano de 2017.

“O Projeto de Lei de “Criminalização do Funk como crime de saúde pública à criança e aos adolescentes e à família” alcançou entre os dias 24 de janeiro e 16 de maio o apoio de mais de 20 mil pessoas. O número é suficiente para a sugestão ser enviada à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), onde se discute se a proposta se tornará projeto de lei.”

Disponível em <https://www.almapreta.com/editorias/da-ponte-para-ca/na-batida-da-lei-por-que-querem-criminalizar-o-funk>
Acesso em 06/12/2018.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia:

As músicas de funk passam a ser proibidas em território brasileiro devido à lei criada pelos deputados federais na última semana em Brasília. Para os parlamentares, as músicas do gênero expõem as crianças e os adolescentes às drogas, à pornografia, à linguagem de baixo calão e à criminalidade e devem, portanto, ser banidas das rádios e do mercado fonográfico brasileiro em geral. Os deputados sugerem ainda que crianças e adolescentes ouçam apenas músicas que estejam de acordo com sua idade, sem palavrões ou danças que, para muitos brasileiros, são vulgares e inadequadas até mesmo para adultos.

Texto criado pelo professor Gustavo Henrique Viana Lopes.

Imagine que a notícia acima foi realmente publicada nos jornais. **O que você acha sobre as músicas de funk serem proibidas?** Escreva um texto dando sua opinião a respeito. Garanta que seu posicionamento ficará claro e defenda seu ponto de vista de maneira coerente.

ORIENTAÇÕES:

- Lembre-se do que foi discutido nas últimas aulas sobre concordância verbal e busque aplicá-la como prevê a gramática normativa.
- Escreva seu texto utilizando uma linguagem formal, adequada a esta situação.
- Escreva, no mínimo, **20 linhas**. (A cada linha não escrita, o aluno perderá 2 (dois) pontos.)
- Seu texto deve ser redigido somente a **caneta (azul ou preta)**.
- **Não use** expressões como **“eu acho”, “eu penso”, “na minha opinião”**.

4.3 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO

Após serem submetidos à avaliação final de produção escrita, os alunos mostraram resultados positivos em relação à aquisição da variedade prestigiada concernente à CV com 3PP. Embora na proposta de produção de texto tenhamos utilizado termos no plural a fim de motivar o uso da 3PP pelos alunos, como “as músicas de funk” e os “deputados”, por exemplo, alguns alunos, em seus textos, optaram por estruturas cujo sujeito tinha como núcleo o vocábulo *funk*, como no exemplo abaixo:

(11) “O funk não pode ser proibido.” – ALUNO18PT02

(12) “Para mim, o funk não deve ser banido” – ALUNO27PT02

Nesta segunda análise, houve menos ocorrências do que na primeira, totalizando 223 enunciados, nos quais se percebia a CV com 3PP. A CV como prescreve a GN apareceu em 180 (80,9%) ocorrências, opondo-se a apenas 43 (19,1%) ocorrências, as quais apresentavam o desvio em relação ao que impõe a norma-padrão. Esses dados comprovam que foram satisfatórios os resultados promovidos pela intervenção aqui proposta, os quais demonstram que houve uma maior adesão à norma de prestígio se considerarmos a CV com 3PP.

É importante salientar que nem todos os resultados esperados foram alcançados. Embora fosse previsto o maior uso do padrão SVO nas construções sintáticas dos alunos, continuaram muito baixos os números referentes às ocorrências em que se usou o sujeito posposto ao verbo, estrutura valorizada durante as atividades de intervenção. A baixa quantidade de ocorrências pode ter motivados esses dados. Vejamos como se deu a atuação

dos fatores que se mostraram relevantes no fenômeno da variação da CV com 3PP na avaliação de produção escrita, realizada após a intervenção.

a) Posição do Sujeito

Tabela 7 – Atuação da variável posição do sujeito no sobre a CV após a intervenção

Fatores	Aplica/Total	%	Ilustração da Amostra
Sujeito explícito anteposto ao verbo	128/157	81,5%	“Muitos Jovens estão morrendo por isso.” ALUNO19PT02
Sujeito explícito posposto ao verbo	8/12	66,6%	“Existem algumas maneiras de mudar essas músicas.” ALUNO30PT02

Fonte: Elaborado pelo autor.

Levando em consideração o *corpus* analisado, percebe-se que se intensificou a predominância da CV na escrita dos alunos que participaram das atividades de intervenção. Nota-se tal predominância tanto nas ocorrências em que o sujeito está anteposto ao verbo, variante mais utilizada pelos alunos, quanto nas ocorrências em que há a posposição do sujeito em relação ao verbo.

b) Realização do sujeito

Tabela 8 – Atuação da variável realização do sujeito no sobre a CV após a intervenção

Fatores	Aplica/Total	%	Ilustração da Amostra
Sujeito explícito	136/169	80,4%	” As crianças e adolescentes podem aprender linguagem de baixo calão.” – ALUNO01PT02
Sujeito oculto	44/54	81,4%	“As pessoas pensam que estão” – ALUNO05PT02

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram significativos os resultados referentes à variável realização do sujeito conforme nos mostra a tabelas. A partir do corpus analisado, percebeu-se um crescimento do uso da variante de prestígio principalmente em enunciados cujo sujeito está implícito, estrutura que representa uma forte motivação ao uso da variante estigmatizada.

O trabalho nas aulas de LP, a partir de uma abordagem que valoriza a reflexão sobre os fenômenos linguísticos e, ainda, reconhece e aproveita a natureza variável da língua

como ponto de partida para tal reflexão, tem muito a oferecer aos alunos que veem nas aulas de português um ambiente de opressão e de preconceito linguístico. Com isso, os alunos podem ter, por exemplo, acesso a explicações plausíveis para os traços que caracterizam o português brasileiro em todas as suas nuances, não só na variante relacionada à norma-padrão, imposta pelos indivíduos que detêm maior prestígio social.

O trabalho com CV em sala de aula a partir de regras impostas, que inviabilizam a reflexão e legitimam o preconceito e a crença na existência de uma língua homogênea e modelar constitui uma prática retrógrada, que merece ser revista. Foi o que propomos com nossas atividades. Permitir ao alunos construir seu próprio conhecimento sobre a língua que usa e, além disso, libertá-los da falsa ideia de que sua língua não existe são práticas que podem mudar todo um processo cujo único fruto vem sendo a legitimação do preconceito linguístico e a crença em que os estudos cujo objeto é a língua não fazem sentido ou não merecem o valor que lhes é devido.

Por serem de natureza epilinguística, nossas atividades buscaram promover a construção do conhecimento gramatical, abandonando a abordagem que enxerga a língua como algo pronto ou morto, sem diferentes manifestações. Confrontamos possibilidades de construção de enunciados, motivando, como sugere Franchi (2006), a reintrodução do aspecto criativo na gramática: para o autor, isso permite ao usuário da língua “compreender, em um primeiro passo, os processo diferenciados da construção das expressões para, depois, uma dia, se for o caso, construir um sistema nocional que lhe permita descrever esses processos, falar deles, em uma teoria gramatical.” (FRANCHI, 2006, p. 64)

As atividades experimentadas nesta pesquisa se mostram como um exemplo de um trabalho com a língua que atende às necessidades sociais dos estudantes, reverberando o conselho de Antunes (2014). Categorizar termos e decorar regras, por exemplo, não trazem nenhum ganho ao aluno nem o auxilia na aquisição do padrão de escrita, como sugere Perini (2010). Ao se dispor a ensinar a norma de prestígio ao aluno, a fim de que ele obtenha a competência comunicativa necessária para que possa interagir em diversas situações, o professor deve considerar as palavras de Antunes (2014, p. 75):

Na condução de seu trabalho pedagógico, o professor deve ter todo o cuidado para não considerar “rudes”, ou “pouco inteligentes” aqueles alunos que desconhecem os padrões cultos da língua; deve, ao contrário, ter presente o fato de que “eles falam como falam” porque assim foram até agora as suas experiências de linguagem; precisam, na verdade, de outros referenciais de linguagem que lhes permitam atender à flutuação e à multifuncionalidade dos usos linguísticos; deve acatar as demandas de novos contextos sociais, submetidos a tão rápidos processos de mudanças e exigências; deve ter a sabedoria de não ficar preso às prescrições da

gramática que não são confirmadas nem mesmo pelos falantes urbanos cultos em situações de monitoramento. (ANTUNES, 2014, p. 75)

Tais palavras foram postas em prática ao elaborarmos as atividades aqui apresentadas, as quais foram norteadas pelos objetivos relacionados à aquisição da norma de prestígio da modalidade formal da língua.

Este trabalho denota, ainda, uma tentativa de abrir os olhos de estudantes e professores para a variação linguística. Consideramos as experiências reais de nossos alunos quanto ao uso da língua portuguesa, utilizando-as como dados que foram analisados conforme prevê a Sociolinguística, para, a partir delas, construirmos um material que contribuiu com o aprendizado efetivo do fenômeno da CV. É importante ressaltar, também, que estas atividades são fruto de um trabalho que foi além do diagnóstico e da análise dos dados, que, geralmente, são os produtos finais das pesquisas sociolinguísticas. Aqui, utilizamos os dados encontrados como ponto de partida para a construção de um material didático acolhedor e mais produtivo, no que diz respeito à aquisição das normas de prestígio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este trabalho apresentar aos alunos do 8º ano do nível fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles, em Fortaleza, uma proposta de ensino do fenômeno da concordância verbal com terceira pessoa do plural a fim de que, de maneira mais efetiva, os estudantes adquirissem a variante relacionada ao fenômeno à qual é atribuída prestígio social. Procuramos atender, com isso, à necessidade de materiais didáticos que promovam um estudo baseado na reflexão linguística e na flexibilização no que diz respeito às normas da língua que caracterizam o português brasileiro. Para tanto, apoiamos-nos na Pedagogia da Variação e nos métodos de elaboração de atividades epilinguísticas.

Partimos do pressuposto de que existem fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no fenômeno da CV com 3PP em textos escritos, atestando sua natureza variável. Buscamos, então, identificar os fatores que contribuem com a ocorrência da variante desprestigiada socialmente, que consiste na não realização da concordância entre sujeito e verbo, como prevê a gramática normativa. Fizemos isso a fim de utilizarmos esses dados para a produção de atividades por meio das quais os alunos poderiam refletir sobre o fenômeno e se aproximar da norma-padrão, sem, no entanto, ter seu repertório linguístico deslegitimado, o que é comum na abordagem gramatical nas escolas brasileiras. A análise pautada nos pressupostos sociolinguísticos revelou que mereciam atenção nas aulas sobre concordância verbal, não a famigerada regra geral ou os casos especiais, mas os seguintes traços: saliência fônica, posição do sujeito e realização do sujeito, sendo as duas últimas as variantes utilizadas para a elaboração das atividades.

Durante a realização da intervenção elaborada a partir dos dados encontrados, o que serve como exemplo de contribuição da Sociolinguística para a educação, rompemos com a abordagem pautada na classificação de termos e imposição de regras. Atribuímos aos alunos, por meio de atividade epilinguísticas, o papel de sujeitos agentes no processo de aprendizagem e, além disso, para ensinar a variante de prestígio referente ao fenômeno da CV, em momento algum rejeitamos a variante popular, que caracteriza o falar/escrever dos estudantes. Tais posturas trouxeram resultados positivos para os alunos, que demonstraram maior uso da variante prestigiada após a intervenção promovida por este trabalho.

Com isso, defendemos a ideia de que o ensino de língua portuguesa não deve estar alheio à realidade linguística dos estudantes. A Sociolinguística, desde que não se limite a diagnósticos de fatores que motivam o uso da norma estigmatizada, muito tem a contribuir

com o ensino da língua materna. No que concerne às práticas relacionadas ao ensino de aspectos da gramática, está ultrapassada a prática de apenas apontar desvios gramaticais daquilo que é considerado culto, sem reconhecer que tais desvios têm sua devida justificativa linguística e/ou social. Em vez disso, quando o aluno faz uso de uma variante que não corresponde ao que está no grupo das variantes prestigiadas, o que é necessário fazer é aderir, como aconselha Bortoni-Ricardo (2004, p. 42), a uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes do aluno, a qual promove “a identificação da diferença e a conscientização da diferença” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42), “sem fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15). Trata-se de uma pedagogia cuja eficácia, cremos, foi testada e comprovada nesta pesquisa.

A proposta de ensino exposta neste trabalho rompe, ainda, com a prática que deixa imperar o preconceito linguístico nas aulas de português, causa da insegurança e da aversão à língua por parte dos alunos. Ademais, abandona a ideia de que, para formarmos bons usuários da língua prestigiada, devemos nos prender à repetição do que está na gramática normativa. Bagno (2015, p. 166) adverte:

Do ponto de vista teórico, esta nova postura pode ser simbolizada numa simples troca de sílaba. Em vez de repetir alguma coisa, o professor deveria refletir sobre ela. Diante da velha doutrina gramatical normativa, o professor não deveria limitar-se a transmiti-la tal e qual ela se encontra compendiada nos manuais gramaticais ou nos livros didáticos. (BAGNO, 2015, p. 166)

Procuramos elucidar mais uma vez, por meio de nossa amostra, que o português brasileiro é heterogêneo, a fim de que seja atenuada a aversão às variantes menos prestigiadas e, como consequência, facilitado o ensino das formas mais prestigiadas de falar. Não se pode desconsiderar a variação linguística. Os alunos que falam ou escrevem “*Eles faz*” merecem ser respeitados e, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 13), “ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessa expressão.”

Fomos amparados pela ideia de que

todos os aprendizes devem ter acesso às variantes linguísticas urbanas de prestígio, não porque sejam as únicas formas certas de falar e de escrever, mas porque constituem, junto com outros bens sociais, um direito do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas. (BAGNO, 2015, p. 15)

Entregamos, assim, às sociedades acadêmica e escolar uma proposta investigativa de intervenção pedagógica que promove um ensino de português reinventado. Esperamos que

esta pesquisa sirva de motivação para que os professores de língua materna compreendam a importante contribuição da Sociolinguística para educação e a natureza variável da língua portuguesa. Desejamos também que os professores busquem, de maneira diligente, praticar uma pedagogia mais humanitária, democrática e sem preconceitos, o que diminuirá o estranhamento do estudante para com sua língua. Finalmente, espera-se que, como este trabalho, realizem-se outras pesquisas que busquem retratar a língua real de nossos estudantes para ajudá-los no processo de inserção e ascensão social por meio da língua.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50. v. 1.
- ALMEIDA, G. S.; ANTONINO, V. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 329-350, 2011.
- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAGNO, M. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Vereadas, Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 71-83, 2001.
- _____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Por uma sociolinguística militante. In: BORTONI-RICARDO, S. M. (Org.). **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 7-10.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.
- BARBOSA, E. A. **Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no 9º ano**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letra) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BEZERRA, G. G. R.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. Atividades epilinguísticas: por uma revisão do ensino e aprendizagem de gramática no EF. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: NO MUNDO HÁ MUITAS ARMADILHAS E É PRECISO QUEBRÁ-LAS, 16., 2007, Campinas, SP, 2007. **Resumos...** Campinas, SP: ALB. p. 1-10.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Heterogeneidade linguística e ensino da língua: o paradoxo da escola In: _____. **Nós chegemo na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005. p.13-17.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, 2017.

BUENO, F. S. **Gramática de Silveira Bueno**. São Paulo: Global, 2014.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística II. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística**: Domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1. p. 51-83.

CAMPOS, E. P. **Por um novo ensino de gramática**: orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Cânone, 2014.

CAMPOS, H *et al.* **Por uma vida melhor**. São Paulo: Global, 2011.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO *et al.* (Org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 71-107.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

COAN, M.; FREITAG, R. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

COELHO, I. L *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

DUARTE, M. E. L. Termos da Oração. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). **Ensino de Gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 185-203.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 16, p. 181-191, 2000.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FONSECA, L. C. B.; SILVA, J. A. A.; SOUSA, V. V. Concordância verbal no contexto escolar: variação na terceira pessoa do plural em textos de alunos do ensino fundamental. **Philologus**, v. 21, p. 718-748, 2015.

- FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: POSSENTI, S. (Org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006. p. 11-33.
- GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio:** uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.
- GERALDI, J. W. Ensino de gramática x reflexão sobre a linguagem. In: _____. **Linguagem e ensino** – exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/ Mercado das Letras, 1996. p. 129-136.
- _____. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: _____. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.115 -217.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GORSKI, E. M *et al.* **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. v. 1.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma.** São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.
- MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Org.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014. p. 7-35.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 09-14.
- MONTEIRO, J. L. A variação linguística. In: _____. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 57-82.
- NOGUEIRA, M. Z. A; SILVA, J. A. A; SOUZA, V. V. Influência dos fatores sociais na concordância verbal. **Philologus.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 1052-1069, 2015.
- OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português deve saber:** a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010.
- OTHERO, G. A. **Mitos de linguagem.** São Paulo: Parábola, 2017.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

- PEREIRA, M. L. S.; ARAÚJO, A. A. Variação na concordância verbal no falar de Fortaleza-CE: a influência de fatores sociais. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 18, p. 16-38, 2018.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.
- RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 391 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.
- SALVIATO-SILVA, A. C. O conhecimento epilinguístico na prática docente. In: LEAHY-DIOS, C. (Org.). **Docência na língua portuguesa: experiências contemporâneas**. Niterói: CL, 2008. p. 67-86.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle – variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 109-131, 2006.
- SILVA, M. T. M.; SUASSUNA L. Ensino de análise linguística: reflexão e construção de conhecimentos ou memorização e reconhecimento de estruturas? **Estudo em Educação e Linguagem**, Recife, v. 1, p. 1-9, 2011.
- SILVA, S. O. A concordância verbal em redações de vestibular. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 30, p. 238-253, 2005.
- SOUSA, P. R. **A concordância verbal no 9º ano do ensino fundamental: variação, norma e ensino**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letra) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2015.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 85-102.
- VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. C. Variação morfossintática e ensino de Português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Org.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1. p. 81-114.
- ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Introdução. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 07-15.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

GUSTAVO HENRIQUE VIANA LOPES

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
PROPOSTA DE ENSINO**

**FORTALEZA – CEARÁ
2019**

GUSTAVO HENRIQUE VIANA LOPES

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
PROPOSTA DE ENSINO**

Manual apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

FORTALEZA – CEARÁ

2019

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) Professor(a),

O ensino de língua portuguesa no Brasil tem se deparado com inúmeros e constantes desafios, especialmente quando o objeto de estudo é a gramática de nossa língua. O contato com a rica diversidade linguística oriunda de nossos alunos cria um espaço que requer de nós, professores, uma postura inovadora, por meio da qual se substitua a abordagem tradicional, baseada em regras e nomenclaturas, as quais inviabilizam a imprescindível atuação dos alunos na construção dos saberes realmente necessários, já que, nesta abordagem, à reflexão sobre a língua não é atribuído o valor que merece.

Neste manual, fruto de uma pesquisa realizada para o programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Ceará, você terá acesso a uma sugestão de como trabalhar um importante fenômeno linguístico, por meio do qual se atribuem valores positivos ou negativos ao falante/escritor, uma vez que, nos textos, embora haja mais de uma maneira de tal fenômeno se manifestar, somente uma é realmente valorizada. Trata-se da concordância verbal, com ênfase nas flexões em que o verbo assume (ou não) a forma da 3ª pessoa do plural na produção de textos escritos formais. É importante ressaltar que as atividades aqui descritas levam em consideração não só o que é previsto pela gramática normativa, como tem se dado o trabalho nas aulas de língua portuguesa há muitos anos, mas também – e principalmente – a realidade linguística do aluno, que não é julgada e rejeitada, mas aproveitada, sendo utilizada como ponto de partida para a reflexão e aquisição da norma de prestígio de maneira significativa e sem preconceitos, tão nocivos no processo de ensino-aprendizagem da língua.

O principal objetivo deste caderno é contribuir com o trabalho docente, estreitando as relações entre a produção acadêmica e a realidade escolar. Para isso, faz-se disponível um modelo de abordagem gramatical diferente das que são propostas pelos livros didáticos em sua maioria, já que, aqui, almeja-se, sobretudo, a reflexão do aluno e que, além disso, visa à desconstrução de posturas conservadoras, responsáveis pela falsa crença de que há apenas uma maneira de se expressar por meio da língua portuguesa e que os indivíduos que não a dominam “não sabem falar português”. Tem-se, ainda, o compromisso de colaborar com o desenvolvimento de um ensino não excludente, que valoriza e reconhece todas as manifestações linguísticas como faces do que entendemos por português brasileiro.

Este caderno é composto por três seções além desta apresentação e das considerações finais. Primeiro, expõem-se algumas ideias sobre o papel e as implicações de um ensino pautado nos pressupostos sociolinguísticos. Em seguida, será discutido o fenômeno da concordância verbal, considerando a natureza variável deste fenômeno no Brasil. Finalmente, será exposta uma sequência de atividades, cuja elaboração partiu da percepção da realidade linguística em textos escritos de alunos da 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Fortaleza - CE.

Convido-o(a), pois, a aproveitar este caderno, para refletir, experimentar e, se necessário, adaptá-lo de modo que a abordagem da concordância verbal seja ressignificada e traga mais resultados positivos para seus alunos.

Boa Leitura.
Gustavo Henrique Viana Lopes

SUMÁRIO

1	A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA	4
2	A CONCORDÂNCIA VERBAL	8
3	PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM 3ª PESSOA DO PLURAL	10
3.1	SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DA LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL.....	10
3.2	SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL.....	21
3.3	SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO POSPOSTO	27
3.4	SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO OCULTO	31
4	PALAVRAS FINAIS	38
5	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	39

1 A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

Professores e professoras,

Acompanhando o movimento que, com o passar dos anos, vem se intensificando no que tange ao contato entre as produções acadêmicas e a prática pedagógica nas salas de aula brasileiras, convido-os, por meio deste material, a refletirem sobre como a gramática da língua portuguesa está chegando aos nossos alunos e de que forma esse conhecimento tem ajudado nossos jovens em sua vida estudantil, pessoal e (futuramente) profissional.

Se realizarmos, de maneira muito breve, uma análise das aulas de gramática no Brasil, facilmente perceberemos o insucesso de nossas práticas pedagógicas, já que testemunhamos continuamente inúmeros depoimentos de alunos e alunas que dizem odiar gramática ou não ver motivos para estudarem a língua e a relutância em adquirir as formas prestigiadas da língua que, com tanto afincamento, ensinamos. Se formos um pouco mais além, poderemos constatar, ainda, alguns pontos que têm colaborado para isso. Por exemplo, não se trabalha, na escola, uma gramática com a qual os estudantes se identificam, uma vez que os exemplos levados pelos professores e pelos livros didáticos muito raramente traduzem situações reais de fala/escrita condizentes com as vivências de nossos garotos e garotas; além disso, o uso desses exemplos, muitas vezes, encaminham para o trabalho com nomenclaturas e classificações de termos de uma língua inflexível, abstrata, que não representa o público com o qual compartilhamos nossos saberes.

Diante disso, é necessário rever o modo como buscamos ajudar os jovens a se apoderarem da língua portuguesa em suas diversas faces, já que este é o nosso papel: contribuir com a ampliação do repertório linguístico de nossos alunos e alunas, a fim de que eles sejam competentes nas comunicações, sem, no entanto, ignorar ou desvalorizar a variedade linguística que, com eles, chega à sala de aula. Para a realização dessa difícil tarefa, temos a Sociolinguística como grande aliada, que, desde seu surgimento, trabalha na desconstrução da ideia de que existe, no Brasil, um português homogêneo, defendida erroneamente por diversos colegas nas escolas brasileiras.

A Sociolinguística defende que nossa língua se manifesta de diversos modos e que não há uma maneira certa de falar ou escrever. Partilhar dessa ideia pode trazer muitas consequências positivas para nossas aulas. Primeiro, o preconceito linguístico, que permeia nossas aulas de

português, pode deixar de existir, juntamente com o conceito de erro, que passará a ser entendido apenas como diferença, que não acontece por acaso e que, ao contrário do que muitos pensam, não “assassina” a língua, mas é prova de que ela vive e se transforma juntamente com a história, por exemplo.

Desse modo, deixa de existir uma aula voltada para a substituição de uma variante por outra, dando espaço para uma aula significativa, que visa à ampliação do repertório linguístico do aluno. Reconhece-se, desse modo, o que chamamos de variação linguística. Isso permitirá aos alunos compreenderem o papel do estudo da língua portuguesa, não mais para rejeitar a variante da qual fazem uso, mas para adquirir novos modos de se expressarem.

A Sociolinguística surge dos estudos de William Labov. Analisando a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts (EUA), Labov (1972) comprovou que os fatores externos à língua, como idade, gênero, profissão, origem étnica, entre outros, têm papel decisivo no processo de variação linguística, causando, assim, grande impacto nos estudos relacionados à língua na contemporaneidade.

Para aprofundamento sobre o tema, recomendamos a obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Ela nos traz uma série de desconstruções das ideias que se tem acerca dos modos como a língua se manifesta. Para o autor, o preconceito linguístico é fomentado diariamente nas diversas mídias e nos materiais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, além, obviamente, de ser perpetuado pela supervalorizada gramática normativa.

Outro benefício gira em torno do fato de haver a possibilidade de uma aula permeada de interações, em que a reflexão se fará presente, já que ficam de lado as meras correções de concordância verbal, regência etc. A língua em seu uso real passa a ser objeto de estudo, permitindo que os alunos participem de maneira ativa da construção do conhecimento sobre o português, já que, empoderados, se expressarão com as devidas segurança e liberdade, reconhecendo-se como falantes da língua.

Finalmente, conceber a língua em sua face prestigiada pela sociedade como apenas uma das variedades do português facilitará a compreensão de que a necessidade real dos falantes/escritores da língua diz respeito ao gerenciamento das variantes que vão ser utilizadas conforme a situação em que o usuário da língua se encontra. Assim, os alunos saberão que os modos de falar que eles trazem de casa não são errados, mas, dependendo da situação, podem ser apenas inadequados, prejudicando a intenção do falante/escritor durante o processo comunicativo.

Antes de tratarmos especificamente do fenômeno variável sobre o qual este material tratará, vamos conversar e relembrar um pouco sobre alguns conceitos essenciais para o trabalho com a Sociolinguística em sala de aula. São eles: variedade, variante, variável e norma.

a) Variedade, variável e variante linguística.

A **variedade linguística** se faz presente quando percebemos diversas maneiras de se falar um mesmo conteúdo. Por exemplo, nos enunciados

- (1) “Eles fazem”;
- (2) “Eles faz”,

percebem-se, para o mesmo conteúdo proferido, duas maneiras de marcar a concordância verbal: na primeira há a terminação padrão *-em*, enquanto, na segunda, não há a marcação. Já sabendo que não é ao acaso que se dá tal distinção, inferimos que, levando em consideração os fatores sociais, alguns grupos estão propícios a realizarem o primeiro enunciado, já outros, o segundo. Variedade é, pois, a maneira de usar a língua que distingue cada grupo social que usa determinada língua.

A **variável linguística** corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação. Ao tomar por base os exemplos de variação em (1) e (2), teríamos como variável a “realização da concordância do verbo com a 3ª pessoa do plural”. Essa variável comporta diferentes realizações: são o que chamamos de **variantes**, que podem, no contexto, ser permutáveis sem que se corra o risco de alterar o significado referencial/representacional dos enunciados pretendidos pelos falantes.

As variantes podem estar relacionadas às variedades de prestígio da língua ou podem se afastar dela. No primeiro caso, temos as variantes-padrão, geralmente prestigiadas, conservadoras, por estarem no repertório linguístico da comunidade há mais tempo; já no segundo, temos a variante não padrão, muitas vezes estigmatizada e inovadora, já que rompe com a manifestação que detém prestígio social.

b) Variantes prestigiadas e variantes estigmatizadas

A heterogeneidade é uma característica inerente a todas as línguas naturais. Não se tem como imaginar uma língua em que seus falantes a usem de maneira totalmente unitária, considerando que há diversos fatores que interferem na maneira como usamos tão importante recurso. Contrasta com essa realidade o fato de, tradicionalmente, reconhecer-se a

língua como uma entidade que deve seguir um modelo, ressaltando-se que esse modelo não foi eleito a partir de critérios propriamente linguísticos, mas culturais.

A temática do modelo ideal para uma dada língua remete à reflexão sobre os diferentes tipos de **norma**.

A primeira norma da qual vamos falar é a **norma-padrão**, atrelada a uma visão mais tradicional da língua, baseada em como ela deve ser e não em como ela é de verdade. A norma-padrão, porém, está longe de ser a manifestação da língua em sua face concreta. Temos nela uma manifestação abstrata, que não é percebida em sua totalidade em nenhuma situação comunicativa, isso por se tratar de uma atividade prescritiva, que desconsidera a língua como ela é de verdade, seguindo padrões que não fazem – e nunca fizeram, nem vão fazer – parte da realidade linguística de diversos falantes de uma dada língua.

O caráter mais incientemente político-social de uma língua se faz presente em uma outra norma, a dita culta, que apenas se aproxima do que é previsto pela norma-padrão, já que está relacionada com os falantes das classes dominantes de uma comunidade de fala. Um grande problema é o fato de muitas pessoas tratarem a norma padrão como sendo a **norma culta**.

Enquanto a norma-padrão é de natureza abstrata, a norma-culta é mais concreta, é aquela que seria o normal, observado por nós, nas situações em que se comunicam sujeitos que gozam de prestígio social, em situações formais de fala/escrita.

Vejamos um exemplo para entendermos a diferença entre os dois tipos de norma. De acordo com a primeira, o verbo relacionado ao sujeito de 2ª pessoa do singular, quando está no presente do indicativo, deve ser flexionado de modo que receba a terminação -s, desinência número-pessoal, referente à 2ª pessoa do singular.

(3) Tu não concordas.

Em contrapartida, os falantes cultos, aqueles que apresentam alta escolaridade, vivência mais urbana, por exemplo, não usam tal variante. Para estes, é totalmente aceitável o enunciado

(4) Tu não concorda,

sendo o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular. Percebe-se, assim, que, diferentemente da norma padrão, a norma culta é essencialmente heterogênea, socialmente variável e sujeita a transformações ao longo do tempo, condizendo mais com a realidade linguística da comunidade que dela se utiliza. Aqui temos, pois, uma discussão que envolve dois objetos diferentes, que causam divergências não só para os leigos, de fato, que se propõem a falar sobre norma, mas também para pessoas que deveriam ter tal conhecimento.

Há ainda uma terceira norma: a **norma popular**. Infelizmente, muitas pessoas se deixam levar pelo senso comum e tratam norma-padrão como sinônimo de norma culta e norma culta como antônimo de norma popular, como atesta Bagno (2003). O primeiro caso já foi exposto, é percebido quando se imagina que os falantes cultos são aqueles que respeitam acima de qualquer coisa aquilo que está prescrito nas gramáticas normativas. O segundo caso traz consigo uma preocupação, pois, já que vem à tona um falante culto, presume-se que

Marcos Bagno é um linguista cuja obra vem contribuindo com as ideias sociolinguísticas e sua inserção na sala de aula. Podemos resgatar com o autor a dupla natureza do conceito de norma: ora relacionada àquilo que é normativo (conjunto de regras), ora ao que é normal (uso corrente); este relacionado com o que observamos e praticamos, aquele, com o que se elabora a partir dos juízos de valor.

venha também aquele que é inculto, por se afastar da norma gramatical. Mas isso não se sustenta.

O falante que utiliza a norma popular apresenta uma menor aproximação com o que está prescrito nas gramáticas normativas. Esses indivíduos, com os quais nós, professores da escola pública, temos mais proximidade, embora marginalizados, são capazes de se comunicar com eficácia, e seus modos de falar/escrever devem ser valorizados no ambiente escolar, servindo de ponto de partida para que, por meio de reflexões, o aluno adquira o domínio da escrita formal.

É necessário desconstruir tais ideias, e, para isso, um dos primeiros passos, ainda, é trazer para a sala de aula novas nomenclaturas para designar a norma culta e a norma popular.

Ainda nos apoiando nas ideias de Marcos Bagno, ao termo *norma culta* deve ser atribuída a ideia de uma manifestação linguística **prestigiada**, já que ela contempla os falantes provenientes de uma elite socioeconômica.

Já a norma popular, por ir de encontro ao que é prescrito pelos gramáticos, sofre preconceito e é, por isso, a variedade a qual chamamos de **estigmatizada**.

Para um maior aprofundamento nessas ideias, sugiro aos colegas a leitura da obra *Nada na Língua é Por Acaso*, do referido autor.

Vale ressaltar que toda norma, seja ela prestigiada, seja ela estigmatizada, é estruturalmente organizada; o que pode acontecer é simplesmente existirem outras normas, com outras lógicas e outras regras. Sendo assim, na busca pelo poder atingido por meio da língua, o que realmente faz diferença é o prestígio ou falta de prestígio social do falante, sendo os elementos linguísticos propriamente ditos, de fato, triviais nesse processo.

Dominar esses conceitos é importante para nós, professores da educação básica, porque, por meio deles, deixaremos de lado em nossas práticas pedagógicas a tentativa de ensinar aos alunos a norma-padrão, que “não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma realidade abstrata.” (BAGNO, 2007, p. 106) Reconhecemos, pois, as variedades que, de fato, fazem parte de nossa realidade linguística, atestando que há algumas que são mais prestigiadas que outras e que o limite que há entre elas não é tão grande assim.

Nosso objetivo é ampliar o repertório comunicativo do aluno a fim de que ele tenha disponível uma quantidade maior de opções, que poderão ser empregadas de acordo com as situações em que se encontra. Desse modo, sendo a escola o ponto de encontro entre os conhecimentos científicos e o senso comum, urge a necessidade de usarmos a variedade dominada pelo aluno como meio para que ele alcance a norma de prestígio. Além disso, devemos deixar claro, como atesta Bagno (2007), que a língua é usada como um elemento de promoção social, do qual o aluno não pode ser privado.

2 A CONCORDÂNCIA VERBAL

Já que relembramos ser a língua portuguesa repleta de fenômenos variáveis, dentre os quais alguns são mais estigmatizados que outros, proponho, agora, que dediquemos atenção a um fenômeno em especial: a concordância verbal.

O fenômeno da concordância verbal, que é potencialmente variável, nos é imposto de maneira tradicional da seguinte forma: trata-se da flexão do verbo conforme o sujeito com o qual apresenta ligação. Aprendemos e ensinamos, pois, que, no português brasileiro, o verbo concorda em número e em pessoa com o sujeito do enunciado de que faz parte. Entretanto, convidamos mais uma vez a sairmos juntos de nossa zona de conforto a fim de que contestemos tal afirmação, que inviabiliza o aproveitamento desse fenômeno da maneira como ele e nossos alunos merecem. Vejamos os enunciados a seguir:

(5) Pelo menos 10% do total de recursos arrecadados deverá ser investido em ações de saúde.¹

(6) O preço dos imóveis nos Estados Unidos tiveram a maior queda desde 1968.²

Os trechos transcritos acima foram produzidos em situações formais de interação, o que não impediu o afastamento daquilo que prescreve a gramática normativa. Nos dois exemplos, temos que a forma verbal concorda não com o sujeito, mas com os adjuntos adnominais do enunciado, então trata-se de uma ilusão acreditar e impor que o verbo tem sua flexão subjugada à forma apenas do sujeito. Sendo assim, não cabe a nós reduzir a concordância verbal a uma mera regra geral e seus casos especiais.

No Brasil, uma grande estudiosa do fenômeno da concordância verbal é Maria Marta Pereira Scherre. A autora abre nossos olhos, dizendo que não é o sujeito o responsável pela flexão do verbo, mas a existência de traços, presentes, algumas vezes, em outras funções sintáticas. Normalmente, tais traços aparecem no núcleo do sujeito, o que traz à luz a falsa ideia de que é apenas o sujeito o controlador da concordância.

Para aprofundamento no assunto, os professores podem consultar a obra *Doa-se lindos filhotes de poodle: Variação Linguística, mídia e preconceito* (SCHERRE, 2005).

Em se tratando da concordância do verbo com o sujeito propriamente dita, devemos considerar que, no uso real da língua, não basta estar o sujeito correspondendo à terceira pessoa do plural para que o verbo assim se flexione. Pesquisas na área nos ajudam a perceber não só os fatores que condicionam a concordância verbal conforme prescreve a gramática normativa, mas também os fatores que possibilitam a variante desprestigiada. É o que nos mostra o exemplo seguinte.

(7) “Chuva vai continuar na região como **prevê** os meteorologistas.”³

¹ Disponível em <http://www.leijaja.com/politica/2018/11/22/senador-quer-10-do-valor-das-multas-aplicados-na-saude/>, Acesso em 12/02/19.

² Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,queda-de-precos-nos-imoveis-nos-eua-e-recorde,298227> Acesso em 12/02/19.

³ Disponível em <https://onorte.net/montes-claros/chuva-vai-continuar-na-regiao-como-prev%C3%A3o-como-prev%C3%A3o-meteorologistas-1.527271> Acesso em 14/02/2019

Extraído de uma notícia da internet, gênero que requer um certo grau de formalidade e, portanto, o uso das normas de prestígio, o enunciado acima se afasta da gramática normativa a partir do momento em que a forma verbal “prevê”, ligada a um termo que representa a terceira pessoa do plural, encontra-se na terceira pessoa do singular, não marcando, pois, a ilustre concordância do verbo com o sujeito. Isso é mais comum do que imaginamos, principalmente se observarmos as produções escritas de nossos alunos. Ocorre aqui que, quando o sujeito está posposto ao verbo, há uma tendência a não haver concordância entre esses termos, sendo a posição do sujeito um fator que interfere na aplicação da regra aqui discutida.

A posição do sujeito não é o único fator ao qual devemos dar atenção. A concordância pode variar dependendo, ainda, de diversos outros fatores: distância entre o núcleo do sujeito e o verbo; saliência fônica das formas verbais referentes ao plural e ao singular; presença ou ausência de um sujeito explícito; dentre outros. Facilmente concluímos que o trabalho com esse fenômeno linguístico é bem mais complexo do que simplesmente expor regras.

Desse modo, a fim de atribuir às aulas sobre concordância verbal um caráter mais produtivo, é necessário não ficar atrelado apenas ao que diz a norma-padrão, que, como já discutimos, não se manifesta em sua totalidade, e observar os fatores que motivam a escolha do falante pela aplicação ou não da regra, já que a concordância verbal não é homogênea no português brasileiro. Podemos verificar isso nas produções escritas e/ou orais de nossos alunos e, a partir do nosso diagnóstico, identificarmos os fatores que contribuem com a não aplicação da variante prestigiada e realizarmos uma intervenção mais significativa para os alunos, que terão a oportunidade de ampliarem seu repertório linguístico.

Difícilmente um indivíduo realizará, na escrita ou na fala, a concordância verbal como prevê a gramática normativa. Contudo, a não realização, principalmente as que dizem respeito à 1ª pessoa do plural ou à 3ª pessoa do plural, por exemplo, traz à tona o preconceito linguístico e, como atesta Bagno (2012), separa os que falam “certo” e os que falam “errado”.

Este trabalho não busca eliminar do currículo o ensino das normas de prestígio, pelo contrário, busca fortalecê-lo, sugerindo uma maneira mais eficiente de se trabalhar a gramática da língua, até porque ter acesso à norma de prestígio é um direito do aluno. Proponho que nós, professores, conheçamos mais detalhadamente a concordância verbal partindo da realidade linguística dos alunos, identificando os fatores que favorecem o afastamento da norma de prestígio, a fim de trabalhá-los por meio de reflexão e não de rejeição. Assim, aproveitamos da melhor forma o que as pesquisas de natureza variacionista têm a oferecer.

Para inspirá-los, a seguir, vocês terão acesso a uma sequência de atividades que foram embasadas por essa ideia. Deixando de lado a visão estanque da concordância verbal, foram identificados os fatores que não favoreceram a concordância em textos formais de alunos da 8ª série de uma escola pública em Fortaleza- CE. A partir disso, elaborou-se uma intervenção cujo foco não foi a regra geral, mas os fatores que a inviabilizaram, como sujeito posposto ao verbo e não ocorrência do sujeito. É importante salientar que o foco dessas atividades é a flexão do verbo com sujeito de 3ª pessoa do plural.

3 PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM 3º PESSOAL DO PLURAL

As atividades a seguir foram elaboradas com o objetivo de expor aos professores e professoras em campo um novo modelo de se trabalhar um fenômeno que, ao longo dos anos escolares, é exposto como apresentando natureza invariável e que, ao ocorrer, pode, de maneira simplória, ser classificado como certo ou errado. Como já discutimos, a concordância verbal requer mais trabalho, mais reflexão, pois não se trata de um fenômeno cujo uso de variáveis será dominado por meio de atividades de simples consulta ao capítulo da gramática ou por meio de memorização de inúmeras regras permeadas de exceções.

As atividades aqui descritas foram desenvolvidas levando em consideração o que diz a pedagogia da variação. Tal abordagem busca envolver a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa. Trata-se, nessa perspectiva, de um ensino que integra o domínio das variedades linguísticas ao domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala no espaço público. Nossas atividades não abominam e/ou rejeitam a realidade linguística de nossos alunos, elas explicam essa realidade para, posteriormente, por meio dela, chegarmos à variante que é reconhecida pela sociedade como merecedora de prestígio.

Além disso, valorizaram-se métodos de ensino que contribuem para a reflexão acerca da língua, sendo esta utilizada e analisada em contextos reais de interação. A possível consequência disso é o surgimento de diversas situações-problema, que valorizam a construção de novos saberes, já que, desse modo, são desenvolvidos o senso e a capacidade crítico-argumentativa do aluno. As atividades buscam constantemente a geração de questionamentos, podendo contribuir com a participação dos alunos na construção do conhecimento linguístico e, principalmente, deixam claro que são poucos e insatisfatórios os resultados de um ensino pautado na nomenclatura ou na classificação dos termos.

Isso inclui a nossa proposta no grupo das atividades epilinguísticas, o que também conferiu ao nosso material um caráter expressivamente sociointeracionista.

Ao trabalhar essa sequência em sala de aula, devemos pensar em, no mínimo quatro momentos: primeiro, será proposta uma reflexão sobre o conceito de linguagem formal e informal, além do desenvolvimento do que conhecemos por competência comunicativa, atingida quando o usuário da língua adéqua sua variante, dentre as diversas que formam seu repertório, ao contexto de situação em que se encontra. Em seguida, construiremos a noção de concordância verbal, buscando refletir sobre a relação entre o verbo e o termo que funciona como sujeito. Daremos início ao trabalho com os fatores que interferem na concordância verbal. No caso deste material, trabalharemos com dois fatores: a posição do sujeito e a ocorrência do sujeito. Selecionamos esses dois fatores com base na pesquisa que deu corpo a este trabalho, em que se constatou que esses são os fatores que mais contribuem com a escolha pela variante estigmatizada, que é, no caso, a não concordância do verbo com o núcleo do sujeito.

Essa atividade foi proposta a alunos 8º ano do ensino fundamental, podendo ser utilizada, também, com alunos de séries mais avançadas. Contudo, pode ser necessária a adaptação do material para melhor desempenho dos alunos em sala de aula.

Vamos lá?

3.1 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL

→ A sequência de atividades a seguir pode ser utilizada para tratar qualquer fenômeno linguístico e em qualquer momento no qual seja abordada a variação linguística, uma vez que, em nossa concepção, é o primeiro passo para deslegitimar a ideia de que só há

uma maneira de falar bem o português. Neste momento, os nossos alunos são convidados a perceber a língua a partir de duas dimensões: a formal e a informal. Esta, utilizada em situações de baixo monitoramento de fala e aquela, em situações de alto monitoramento de fala. A linguagem informal se aproxima da norma popular, enquanto a linguagem formal se aproxima das variantes de prestígio, e seu uso é esperado em situações como entrevistas de emprego, por exemplo. O que acontece é que isso não é mostrado aos alunos, que, naturalmente, acham que não sabem português, por não dominarem as variantes de prestígio da língua. Saber que não existe apenas uma maneira de falar ou escrever e que a variante de prestígio, que apresenta maior aproximação com a gramática, é só mais uma variante dentre outras ajudará o aluno a compreender a necessidade de ampliar seu repertório linguístico para ter como escolher a melhor forma de se expressar de acordo com a situação, demonstrando, pois, o que chamamos de competência comunicativa. A partir de agora, temos uma ótima justificativa para as nossas aulas de língua portuguesa. Sendo assim, o objetivo desta atividade é

Compreender e reconhecer os usos formais e informais da língua, para desenvolver a competência comunicativa dos discentes.

→ As questões a seguir buscam dar início a discussão sobre as convenções sociais que regem a maneira de se vestir, trazendo a ideia de que, dependendo do lugar, há um modo de se vestir específico. Ao término, o professor deve comparar com o uso da língua, inserido na mesma dinâmica, já que deve se adequar à situação comunicativa.

Título da atividade: Com que roupa eu vou?

Você já se perguntou sobre que roupa vestir em algum evento especial o qual você não pode perder? O aniversário da sua melhor amiga, o casamento de algum familiar, a formatura da sua irmã, por exemplo, são eventos importantes que exigem um tipo de roupa específico e pode ser que você não queira errar de forma alguma. Na hora de escolher, você pode consultar o *dress code* da ocasião, seja ela qual for. Você sabe o que é isso? Leia o box a seguir e descubra mais sobre esse grande aliado.

Dress Code

Conjunto de regras sobre o que se deve vestir para cada ocasião e de acordo com o evento. [...] Esta expressão, usada nos Estados Unidos, significa "código de traje".

Disponível em: <http://www.tedasap.com.br/dress-code/>. Acesso em 15/02/2019

- Responda: para que serve o *dress code*?

Sugestão de resposta: *O dress code nos auxilia a escolher o modo de nos vestir de acordo com o evento ou o lugar ao qual nos dirigimos. Por meio do dress code, sabemos como ir a um evento de gala, por exemplo, ou a uma festa na praia.*

Vamos ler o texto *Dress code é para ser levado a sério*, para conhecermos algumas dicas desse importante código que pode nos ajudar na nossa vida social e, principalmente, profissional. Em seguida, responda às questões propostas e discuta suas respostas conversando com seus colegas e com o seu professor.

Dress code é para ser levado a sério

São Paulo – O escritor irlandês Oscar Wilde dizia que “Só os tolos não julgam pela aparência”. Sei que já tratei do assunto por diversas vezes neste espaço, mas, nas minhas visitas às empresas, clientes que contratam meus serviços, acabo encontrando pessoas vestidas de forma inadequada para o trabalho. Por isso, insisto no tema. Quem sabe não consigo trazer mais alguns adeptos para a banda dos bem-vestidos? Para começar, que tal decifrar o código de vestimenta, ou *dress code*, muito comum em convites para eventos corporativos e situações da vida particular?

- **Casual business:** traje para eventos internos da empresa ou para dias específicos da semana em que se relaxa na formalidade. Para os homens, esqueça a gravata e o costume. O casual business permite uma vestimenta menos formal, porém, tão bem cuidada quanto o traje formal do dia a dia. Vista camisa social de manga, sem gravata, e uma calça de sarja de corte caprichado. Um blazer bacana pode completar a produção. Jeans escuro com blazer pode. Nos pés, um sapato mais esporte ou, se preferir, um mocassim. Para as moças é permitido abandonar a sisudez dos terninhos e dos tailleurs. Contudo, não confunda essa abertura de guarda-roupa com uma permissão para se vestir para o trabalho da mesma forma que se veste para a balada.

- **Social ou passeio:** é o traje para ser usado em encontros com clientes ou em eventos específicos, como a inauguração de uma fábrica no interior. Homens podem optar pela calça social com camisa de manga longa ou malha de lã — esqueça a gravata. Para as moças, é permitido o terninho. Vestido também é aceitável, desde que mais bem-comportado.

- **Social completo ou passeio completo:** roupa para todo e qualquer evento formal que acontece após as 19 horas. Para o homem isso quer dizer costume completo, gravata inclusive. Dê preferência à camisa branca, ela sempre cai bem. Para as mulheres, a regra é a seguinte: toda vez que o homem obrigatoriamente tiver de usar gravata, a mulher, obrigatoriamente, tem de optar por saia ou vestido.

- **Black tie ou rigor:** no caso dos homens, smoking é mandatório, sem negociação. Para as mulheres, vestidos mais elaborados, de tecidos mais nobres (tafetá, crepe, seda, organza), não necessariamente longos. O longo é obrigatório quando o convite exigir traje de gala.

Disponível em <https://exame.abril.com.br/carreira/o-tal-do-dress-code/> Acesso em 15/02/2019.

01. A autora do texto afirma que tem insistido no tema que é tratado no texto, ou seja, não deve ser a primeira vez que ela fala sobre esse assunto. De acordo com o que a autora expõe no texto, o que a motivou a redigir esse artigo?

Resposta: *A autora afirma que, embora já tenha falado sobre o assunto várias vezes, insiste em repeti-lo porque, em visitas a algumas empresas, observa pessoas que se vestem de maneira inadequada para o local de trabalho.*

02. Levando em consideração o texto, o que você acha que a autora quis dizer com a expressão “bem-vestido”?

Sugestão de resposta: *Estar bem vestido é utilizar uma roupa condizente com o local em que se encontra.*

03. Responda aos itens a seguir, levando em consideração os tipos de vestimenta apresentados no texto.

a) Com qual traje você iria a um casamento na praia à tarde? Caso o casamento ocorresse à noite, num ambiente fechado, qual seria o traje mais adequado?

Sugestão de resposta: *Se o casamento fosse à tarde, o traje ideal seria o casual business. Se o evento ocorresse à noite, o ideal seria o social completo ou passeio completo.*

b) Imagine que você, no futuro, receberá o prêmio de melhor empresário ou empresária do ano. No dia da premiação, qual traje você acha que seria exigido?

Sugestão de resposta: *Black tie ou a rigor.*

c) Você já deve ter ouvido falar que a roupa que usamos diz muito sobre nós. De fato, podemos imaginar diversas características de uma pessoa quando observamos sua vestimenta. Porém, os julgamentos que provêm dessa afirmação são baseados em um padrão, em uma norma. Discuta com seus colegas as questões a seguir:

- O que é estar bem vestido na sociedade em que vivemos?
- Na sua opinião, onde e como surgiu essa ideia de se vestir bem?
- Você se sente representado(a) pelas normas que são impostas?
- Você costuma seguir essas normas? Por quê?

→ **Comentário sobre o item c:** Professor, essa discussão é de extrema importância para o cumprimento do objetivo da atividade e para que não venhamos reproduzir o que há muito tempo uma parcela da sociedade, capitaneada pelos que detêm poder econômico, vem fazendo, uma vez que questões importantes são levantadas. Espera-se, com essas questões, que o aluno reflita sobre o que está por trás do prestígio de algumas formas de falar e, mais tarde, tome consciência de que linguisticamente não há como designar um modo de falar como certo ou errado. A definição do certo e do errado se trata de uma questão de poder, que deslegitima a ideia de que o português se manifesta de diversos modos e que todos eles são válidos.

A roupa não é a única escolha que temos de fazer para estarmos de acordo com a situação em que nos encontramos. Devemos pensar, ainda, sobre nosso comportamento e, principalmente, o modo como vamos nos comunicar por meio da linguagem. Vamos falar um pouco mais sobre isso?

Linguagem formal e informal

Você já deve saber que a língua portuguesa se manifesta de diversas formas, ou seja, temos diversas maneiras de falar ou escrever a mesma mensagem. Como a internet ficou muito popular e muito presente nas nossas vidas, é muito natural que a linguagem que você utiliza no *Whatsapp*, *Facebook* ou *Twitter* apareça em outras situações, como na sua prova de redação, por exemplo. Você pode até ser entendido, porém, por serem situações bem diferentes, você pode se prejudicar. Seria como se você fosse receber seu prêmio de empresário ou empresária do ano com roupas de praia. Então, precisamos estar atentos para adequarmos nossa linguagem às situações em que nos encontramos.

Vamos discutir isso a partir de exemplos. Leia os tweets a seguir, postados pelo Padre Fábio de Melo. Ele é muito querido na internet por sua irreverência na hora de realizar suas postagens nas redes sociais.

Situação 1



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 11 min

Cresci entre as minorias. Nunca me distanciei dos sofrimentos que vi de perto. Por isto faço questão da retratação.

172 882



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 12 min

Sempre refleti sobre o risco que uma relação afetiva tem de evoluir para o sequestro da subjetividade.

181 659



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 14 min

É muito desconfortável ser promotor do que abominamos. Culpar a vítima é abominável. Se fui infeliz na linguagem, resta-me retratar.

319 1,1 mil



Snap: fabiodemelo3 @pefabiodemelo · 50 min

Peço perdão. Eu nunca pretendi dizer que a vítima é culpada. Apenas salientei que a não denúncia reforça o agressor.

Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/padre-fabio-de-melo-se-retrata-apos-video-considerado-machista-1.1573617> Acesso em 15/02/19.

01. O que pode ter motivado essas postagens do Padre Fábio de Melo?

Sugestão de resposta: *Espera-se que os alunos percebam que Padre Fábio de Melo pode ter falado algo que foi mal interpretado por seus seguidores nas redes sociais*

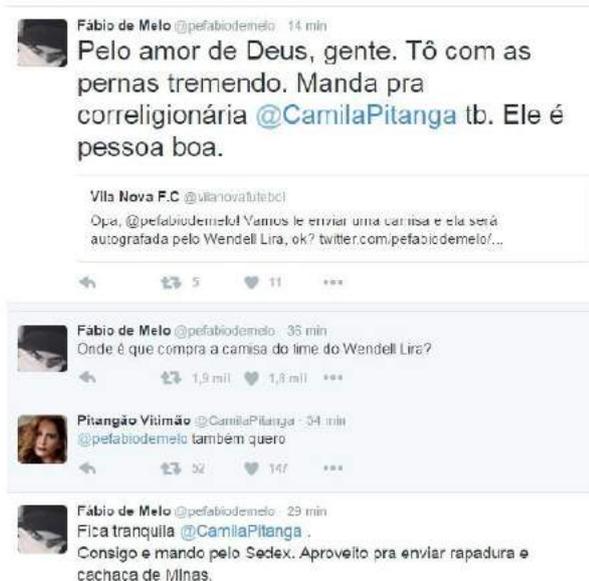
02. A quem Padre Fábio de Melo destina essa mensagem?

Sugestão de resposta: *Considerando que as mensagens foram publicadas no Twitter, é válido pensar que elas são destinadas aos seguidores, especialmente àqueles que questionaram o posicionamento do padre.*

03. Quando interagimos com as pessoas, podemos nos comportar linguisticamente de maneira mais formal ou informal. Na sua opinião, nas postagens apresentadas, Fábio de Melo utilizou uma linguagem mais formal ou informal? Justifique.

Resposta: *Espera-se que os alunos reconheçam que o texto apresenta um certo grau de formalidade, uma vez que, embora tivessem sido publicados na internet, houve uma preocupação com a escolha das palavras, por exemplo. Além disso, não são evidentes no texto marcas típicas de um tweet, como abreviações, por exemplo.*

Situação 2



Disponível em <https://www.aredacao.com.br/esporte/66017/padre-fabio-de-melo-e-camila-pitanga-disputam-camisa-do-villano-twitter> Acesso em 15/02/2019.

04. Na segunda situação, Fábio de Melo é mais formal ou informal? Justifique.

Resposta: *Espera-se que os alunos percebam, na situação 2, um certo grau de informalidade, já que são percebidas expressões populares, abreviações, brincadeiras, mostrando que Padre Fábio de Melo estava bem mais à vontade no trato com a língua.*

05. O que pode ter motivado o emprego da linguagem diferente daquela empregada na primeira situação?

Sugestão de resposta: *O fato de Padre Fábio de Melo estar interagindo com uma pessoa com quem ele tem proximidade pode ter auxiliado nas escolhas linguísticas que ele fez. Além disso, o teor do assunto não exigia uma linguagem mais formal, como na primeira situação.*

06. Indique que palavras substituiriam as que estão listadas a seguir de modo que o texto pudesse ser mais formal.

- a) "Tô" - **Resposta:** *Estou*
- b) "Tbm" - **Resposta:** *Também*
- c) "Pra" - **Resposta:** *Para*

→ Professor, se achar pertinente, comente com os alunos que essas variantes são corriqueiras em textos formais produzidos por eles.

07. Além dos vocábulos acima, o que mostra que Padre Fábio de Melo estava mais à vontade na segunda situação?

Sugestão de resposta: *Padre Fábio de Melo realiza brincadeiras, como quando cita a rapadura e a cachaça de Minas. Além disso, ao falar "Pelo amor, Deus, gente. Tô com as pernas tremendo.", o padre demonstra mais emoção, o que não houve na situação 1.*

08. Levando em consideração as duas situações, escreva nos parênteses V ou F, conforme as afirmações sejam verdadeiras ou falsas.

- (V) Os textos têm algumas características em comum: apresentam-se na modalidade escrita da língua e são veiculados pelo Twitter, rede social de sucesso no Brasil.
- (V) A linguagem empregada nos textos é diferente, pois os textos são produzidos em situações também diferentes.
- (F) Na primeira situação o autor se distancia mais das regras gramaticais e das convenções de escrita, ou seja, ele é mais informal; na segunda, ele se aproxima da obediência a essas regras, sendo, portanto, mais formal.
- (F) As pessoas a quem nos dirigimos e o assunto sobre o qual vamos falar não devem interferir no grau de formalidade da nossa fala/escrita.

Por questões sociais, entendemos a modalidade formal da língua como aquela que mais se aproxima da gramática normativa. É essa modalidade que devemos utilizar em situações como uma entrevista para conseguir um emprego, um discurso de formatura, uma produção de texto em exames vestibulares etc. A modalidade informal é utilizada em situações em que o falante ou o escritor estão mais à vontade, como nas redes sociais, caso você esteja falando com um amigo próximo, por exemplo.

Nas situações informais, as pessoas controlam menos o seu jeito de se expressar, por isso, muitas vezes, se afastam das regras de norma gramatical e de convenção de escrita. Mas isso não chega a ser um problema, já que, nessas situações, os leitores ou ouvintes sabem que controlar o uso dessas regras não é tão necessário.

Se empregarmos a linguagem de acordo com a situação, provaremos que temos o que alguns estudiosos chamam de competência comunicativa, já que conseguiremos nos comunicar em quaisquer situações.

09. Você acha que o Padre Fábio de Melo tem sua competência comunicativa desenvolvida? Por quê?

Sugestão de Resposta: *Espera-se que os alunos reconheçam que sim, pois Padre Fábio de Melo agiu linguisticamente adequando-se à situação em que estava inserido. Ele utilizou a linguagem formal e informal de acordo com a situação.*

→ Professor, as questões sobre os tweets de Padre Fábio de Melo são importantes na medida em que, por meio delas, os alunos podem perceber que, no caso, os interlocutores e o assunto da mensagem, por exemplo, devem ser considerados na hora de escolher a maneira como vamos empregar a linguagem. Não se trata apenas de dizer que o aluno deve seguir as regras da gramática, devemos perceber que a discussão vai muito além disso.

Leia os textos 1 e 2 e responda às questões seguintes.

Texto 1

"Sai do meu país!": agressão a refugiado expõe a xenofobia no Brasil

Sírio Mohamed Ali foi hostilizado e verbalmente agredido enquanto trabalhava em Copacabana, no Rio de Janeiro

Mohamed Ali, refugiado sírio residente no Brasil há três anos, foi hostilizado e agredido verbalmente em Copacabana, região nobre do Rio de Janeiro, onde trabalha vendendo esfihas e doces típicos.

Em vídeo publicado nas redes sociais, é possível ver um homem exaltado que grita repetidas vezes "Sai do meu país!", ostentando dois pedaços de madeira nas mãos e ameaçando o refugiado. "O nosso país tá sendo invadido por esses homens bombas, que matam crianças", diz, em discurso xenofóbico.

[...] No Brasil, xenofobia é crime tipificado na lei 9.459, de 1997. Seu primeiro artigo diz: serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

" Vim com amor, porque os amigos sempre diziam que o Brasil aceita muito outras culturas e religiões e as pessoas são amáveis e todos os refugiados procuram paz. Não sou terrorista, se eu fosse, eu não estaria aqui, estaria lá lutando como eles fazem", afirma, agradecendo a todos que o defenderam.

Apesar da fama de "cordial" e de receber bem imigrantes, o aumento das denúncias mostra um lado triste do Brasil. Entre 2014 e 2015, os casos aumentaram 633%, pulando de 45 para 333 registros recebidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, via plataforma Disque 100. Na Justiça, quase não há registros de denúncias que prosseguiram ou de xenófobos punidos. [...]

Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil> Acesso em 15/02/19.

Texto 2

"Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!"

(Leonardo Sakamoto)

"Tá com dó? Leva para casa!" é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal, mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. "Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!"

Não viu esse tipo de coisa na sua *timeline*? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpem o algoritmo de sua rede social que te colocou numa bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo um caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-pra-casa/?cnpid=copiaecola. Acesso em 15/02/19.

10. Você acabou de ler dois textos que tratam do mesmo assunto, porém são de gêneros diferentes. O primeiro é uma notícia, enquanto o segundo é um artigo de opinião.

a) No que diz respeito à linguagem empregada pelos autores, como os textos podem ser considerados em relação ao grau de formalidade? Justifique sua resposta utilizando trechos dos textos.

Sugestão de resposta: *A notícia, texto 1, se mostra mais formal. Enquanto no texto 1 encontramos mais traços que se aproximam da norma padrão, o texto 2, em alguns momentos, se mostra mais informal. Por exemplo, em "O mundo lá fora, **minha gente**, é flicts." e "Pessoal que pensa assim, **na boa**, sua vida deve ser ruim demais.", os termos destacados demonstram a tentativa de aproximação com o interlocutor e, ainda, o uso da gíria "na boa", comum na linguagem dos jovens.*

b) As expressões a seguir aparecem no texto 2. Discuta com seus colegas quais são os possíveis significados de cada uma delas:

- "o povo vira bicho" – **Resposta:** *as pessoas ficam revoltadas, com raiva.*
- "O mundo lá fora, minha gente, é flicts." – **Resposta:** *o mundo é mais difícil comparado à bolha cor de rosa citada anteriormente.*

→ Professor, a expressão *flicts* faz referência à obra *Flicts*, de Ziraldo, que conta a história de uma cor rejeitada pelas pessoas na Terra. Essa cor, então, foge dos seres humanos rumo à Lua, onde ela se sente melhor representada, já que a cor do satélite natural da terra é *flicts*.

c) O artigo de opinião busca persuadir o leitor a crer que o ponto de vista apresentado por seu autor é válido. De que modo usar essas expressões auxilia o autor em sua intenção?

Sugestão de resposta: *O autor do texto, por meio de uma linguagem mais informal, pode alcançar e convencer mais leitores, já que, ao usar essa linguagem, gera-se uma aproximação com o interlocutor.*

11. O texto 1, por ser mais objetivo, não admite alguns recursos linguísticos como a ironia, por exemplo. Esse recurso é, por outro lado, encontrado no texto 2. Dentre as alternativas a seguir, identifique o enunciado que contém uma ironia.

- a) "O mundo lá fora, minha gente, é flicts."
- b) "O Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração."
- c) "Tá com dó? Leva para casa!" é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário."
- d) "Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo."

Resposta: *Item "c". Para o autor, ao reproduzir o senso comum "Tá com dó? Leva pra casa!", o interlocutor tem um comportamento que não é digno de respeito. Levando em consideração o posicionamento do autor, é possível inferir que o comportamento xenófobo é digno de pena, por isso o abraço solidário.*

- Professor, se julgar necessário, esclareça que ironia é uma figura de linguagem que expressa algo, por meio de uma contradição humorada, diferente do que se pensa.
- Leia o box a seguir, que traz o conceito de *blog*.

A nomenclatura *blog* vem da contração dos termos *web* e *log*, que, em tradução livre, significam respectivamente *rede* e *registro*. Desta forma, conclui-se que a plataforma *blog* foi criada com o intuito de servir como uma espécie de diário online. Obviamente, esse tipo de espaço ganhou um contexto muito mais amplo e, atualmente, possui atributos que vão além de um diário.

Além de poder ser utilizado como um diário pessoal online, já que este era o objetivo primordial da plataforma, os *blogs*, como conhecemos hoje, se tornaram ferramentas flexíveis e servem para praticamente qualquer tipo de publicação.

O fato de esse tipo de plataforma ser mais simples do que um site para gerenciar fez com que ele se popularizasse rapidamente.

Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/para-que-serve-um-blog/> Acesso em 15/02/2019.

12. O texto de Leonardo Sakamoto foi postado no *blog* dele. Agora que você sabe o que é um *blog*, em sua opinião, é correto dizer que o autor do texto 2 se expressou de maneira adequada, demonstrando sua competência comunicativa? Justifique sua resposta.

Sugestão de resposta: *Espera-se que os alunos reconheçam que o autor se expressou de maneira adequada, já que o blog apresenta um caráter mais pessoal.*

13. Reflita: por que, mesmo tratando de um assunto muito sério, Leonardo Sakamoto utilizou uma linguagem mais informal?

Sugestão de resposta: *Espera-se que os alunos reconheçam o caráter mais pessoal do blog, o que faz com que o autor tenha mais liberdade para se expressar. Além disso, se o professor achar necessário, pode lembrar aos alunos que a tentativa de aproximação com o público também poder ter sido um fator determinante.*

14. Dentre as alternativas a seguir, assinale as que apresentam tentativas de aproximação com o leitor.

- () "Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa."
 (x) "O mundo lá fora, minha gente, é flicts."
 () "Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos."
 (x) "Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais."

Justificativa: os vocativos "minha gente" e "Pessoal que pensa assim", além da gíria "na boa", demonstram a tentativa de aproximação com o público.

15. Releia o trecho a seguir, transcrito do texto 1.

"Mohamed Ali, refugiado sírio residente no Brasil há três anos, foi hostilizado e agredido verbalmente em Copacabana, região nobre do Rio de Janeiro, onde trabalha vendendo esfihas e doces típicos.

Em vídeo publicado nas redes sociais, é possível ver um homem exaltado que grita repetidas vezes '**sai do meu país!**', ostentando dois pedaços de madeira nas mãos e ameaçando o refugiado. '**O nosso país tá sendo invadido por esses homens bombas, que matam crianças**', diz, em discurso xenofóbico."

Percebemos, nesse trecho, duas vozes: a voz do jornalista que escreve a notícia e a voz de uma das partes envolvidas no acontecimento. Responda às seguintes questões.

a) A quem pertence a fala destacada em negrito?

Resposta: *A fala destacada em negrito pertence ao agressor citado na notícia.*

b) O trecho destacado demonstra formalidade ou informalidade? Justifique sua resposta.

Resposta: *O trecho apresenta traços de informalidade, por apresentar usos linguísticos que se afastam da norma padrão, como a forma verbal "tá".*

→ Professor, reforce que o trecho destacado se trata da transcrição da fala do homem. Trabalhe com os alunos, se achar pertinente, o conceito de marcas de oralidade.

c) O trecho em estudo, escrito como está, compromete o teor mais sério da notícia? Explique sua resposta.

Resposta: *o trecho não compromete o teor sério da notícia, pelo contrário, atribui a notícia mais credibilidade, uma vez que reproduz na íntegra a fala de um dos envolvidos no fato.*

→ Professor, nessas atividades, procuramos demonstrar que, ainda que tratemos do mesmo assunto, podemos ser formais ou informais. Reforce, se necessário, que o que vai definir se o registro é formal ou informal é a situação.

Como vimos, utilizamos a linguagem para nos comunicar em diversas situações no nosso cotidiano. Em cada situação, devemos nos preocupar com o grau de formalidade exigido a fim de que nosso objetivo seja alcançado e a comunicação aconteça sem que haja prejuízos para você ou para seu interlocutor. Lembre-se: situações formais de fala requerem o uso das normas de prestígio, aquelas que se aproximam da gramática normativa. As situações informais, por sua vez, não exigem tanto monitoramento; podemos, então, ficar mais à vontade e nos expressar como acharmos melhor, desde que a comunicação não seja prejudicada.

Algumas pessoas sofrem preconceito linguístico por não falarem ou escreverem seguindo o que a gramática diz. O primeiro passo para mudarmos essa situação é reconhecer que nossa língua é plural e que não há apenas uma maneira certa de falar. Que tal trocarmos o julgamento em "certo" e "errado" por "adequado" e "inadequado"?

16. Chegou a sua vez de mostrar que compreendeu o que é competência comunicativa. Que modalidade, formal ou informal, você utilizaria nas seguintes situações?

a) Produção de texto para ingressar em uma universidade – **Resposta:** *Formal*

b) Conversa com um amigo no *Whatsapp* – **Resposta:** *Informal*

c) Pedido de aumento salarial em uma reunião da empresa - **Resposta:** *Formal*

d) Comentário na foto que uma amiga postou no *Instagram* - **Resposta:** *Informal*

→ Professor, a questão 16 busca apenas identificar se os alunos compreenderam a relação que se estabelece entre a situação e variedade linguística utilizada. A questão 17, a seguir, busca identificar se o aluno compreendeu de que se trata a linguagem formal.

17. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no Brasil, é o exame que seleciona os alunos para o ingresso nas universidades federais. Todos os anos, é exigido que os candidatos redijam um texto que obedeça a alguns critérios. Em 2017 a proposta dizia o seguinte:

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2017/cad_5_prova_amarelo_12112017.pdf. Acesso: 15/02/19

A proposta exige que o texto seja escrito em modalidade escrita formal da língua portuguesa. O que os avaliadores esperam, levando em consideração esse critério?

Sugestão de resposta: *Espera-se que o aluno compreenda que um texto que exige a modalidade formal da língua requer que, durante a escrita, o aluno busque se aproximar o máximo possível do que diz a norma-padrão da língua no que diz respeito aos fenômenos linguísticos como concordância, regência, colocação pronominal dentre outros.*

3.2 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ Professor, as seguintes atividades auxiliarão você no trabalho com o conceito de sujeito e com o processo de concordância verbal, com o intuito de, a partir de reflexões, compreender a relação de número que há entre o verbo e o sujeito. Os objetivos desta atividade são

Resgatar o conceito de sujeito e estabelecer a importância da concordância verbal não só para seu uso em situações formais de fala e escrita, mas também para a construção dos sentidos do texto.

Título da Atividade: Sujeito e concordância verbal

Na atividade anterior, vimos que existem situações que exigem um monitoramento linguístico mais aguçado, visando a uma aproximação maior com o que é prescrito pela gramática e, consequentemente, mais prestigiado por diversos setores da sociedade. Nesta aula, vamos falar da relação que existe entre o sujeito e o verbo, a importância de cada um deles na oração e, principalmente, a concordância que deve haver entre eles para que nossos textos estejam de acordo com o que se espera de nós quando saímos da escola.

→ Leia, a seguir, o trecho de um capítulo que faz parte da obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, da escritora britânica J. K. Rowling. Tente completar as lacunas com possibilidades coerentes para responder as questões que vêm a seguir.

01
 02 _____ enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé
 03 em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. _____ não fez
 04 objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lambar as vestes do
 05 garoto.
 06 _____ descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas
 07 que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros.
 08 _____ se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma
 09 perna curta por cima do animal. _____ já estava em posição, sentada de lado, e
 10 ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. _____, porém,
 11 continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.
 12 — Que foi? — perguntou _____.
 13 — Como é que você espera que a gente monte? — perguntou _____ com a voz
 14 fraca. — Se não conseguimos ver essas coisas?
 15 — Ah, é fácil — falou _____, descendo de boa vontade do seu Testrálio e se
 16 encaminhando para Rony, Hermione e Gina. — Venham aqui...
 17 _____ os levou até os outros _____ que estavam parados e ajudou os amigos,
 18 um a um, a montarem neles. _____ pareceram extremamente nervosos quando
 19 _____ enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com
 20 firmeza; depois voltou para a própria montaria.
 21 — Isto é loucura — murmurou _____, passando a mão livre desajeitadamente pelo
 22 pescoço do cavalo. — Loucura... se _____ ao menos pudesse ver o bicho...
 23 — É melhor _____ desejar que _____ continue invisível — disse Harry
 24 sombriamente. — Estamos prontos, então?
 25 _____ confirmaram, e ele viu _____ se tensionarem sob as vestes.
 — O.k.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco: 2007, p. 469.

01. As lacunas no texto sinalizam que falta um importante termo sintático, cuja ausência compromete de maneira radical o sentido pretendido pela autora.

a) Que termo sintático é esse?

Sugestão de resposta: *Espera-se que o aluno perceba a ausência do sujeito nos enunciados presentes no texto, já que os verbos, em sua maioria expressando ações, precisam ter seus processos atribuídos a alguém.*

b) Qual o prejuízo causado pela retirada desse termo nos diversos momentos da narrativa?

Sugestão de resposta: *Complementando a resposta anterior, o aluno deve compreender que não há como identificar a quem são atribuídas as ações ou estados referentes ao texto.*

Em uma oração, existe uma relação muito estreita entre o sujeito e o verbo. Quando o sujeito pode ser identificado de maneira clara, o leitor tem mais facilidade de compreender o que diz o texto; com isso, poderá formular hipóteses e desenvolver ideias para compreender o texto a partir do que foi lido. Quando escrevemos, devemos nos preocupar em entregar um texto que possa ser lido e compreendido.

Para isso, devemos levar em consideração algumas convenções previstas pelo sistema gramatical da nossa língua. Para entendê-las, vamos realizar algumas atividades que nos ajudarão a refletir sobre o texto acima.

02. Complete o texto a seguir utilizando as palavras que estão no quadro. Realize a atividade de modo que exista sentido e que o texto esteja de acordo com os níveis de formalidade da língua portuguesa. As palavras podem se repetir.

Neville – Rony, Hermione e Gina – Harry – O bicho – Luna

(1) _____ enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. (2) _____ não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lamber as vestes do garoto. (3) _____ descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. (4) _____ se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. (5) _____ já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. (6) _____, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

Resposta: 1- Harry; 2 – O bicho; 3- Harry; 4- Neville; 5- Luna 6- Rony, Hermione e Gina.

→ Professor, os alunos podem apresentar dificuldade nessa questão. Contudo, você pode auxiliá-los apontando pistas para que eles possam chegar à resposta. Vejamos: Se levarmos em consideração apenas a flexão de número do verbo, as lacunas 1, 3, 4 e 5 podem ser ocupadas pelo menos por “Neville”, “Harry”, “o bicho” e “Luna”. Porém, “o bicho” só poderia ocupar a lacuna 2, já que se fala “em presas à mostra”; A lacuna 5 só pode ser ocupada por “Luna”, uma vez que temos o adjetivo “sentada”, com a desinência de gênero -a. Finalmente, as lacunas 1 e 4 são as mais “pretensiosas”, porque exigem do aluno que ele reconheça ser Harry, o protagonista da história, o líder que, ao terminar algo, “olha para os outros”, a fim de conferir o andamento da missão. Já Neville é conhecido na história por ser mais atrapalhado, característica que é comprovada no texto, caso ele ocupe a lacuna 3. Temos, ainda, a pista de que as lacunas 3 e 4 devem ser ocupadas por termos diferentes entre si, pois os sujeitos praticam ações referentes a objetos – os testrálios – diferentes.

03. A partir de suas repostas à questão 02, julgue as afirmações seguintes e escreva V ou F, conforme elas sejam verdadeiras ou falsas. Justifique sua resposta.

(V)	As lacunas 1 e 4 poderiam ser preenchidas pelo nome do mesmo personagem se levarmos em consideração apenas a conjugação dos verbos de cada oração.
(F)	As lacunas 1 e 3 devem ser preenchidas pelo nome de personagens diferentes para que o texto seja coerente.
(F)	As lacunas 4 e 5 poderiam ser preenchidas pelo nome do mesmo personagem sem comprometer o sentido do texto.
(V)	Há apenas uma possibilidade para o preenchimento da lacuna 6.

→ Professor, a primeira assertiva está correta, mas dê ênfase à palavra “apenas”, já que, se levarmos em consideração o sentido alcançado, o texto seria prejudicado. Na segunda assertiva, se os nomes fossem trocados em 1 e 3, o sentido seria prejudicado. Na terceira assertiva, não há possibilidade de as lacunas 4 e 5 serem preenchidas pelo mesmo nome, já que as personagens pertencem a gêneros diferentes. Finalmente, a quarta assertiva requer do aluno o reconhecimento de que o verbo do enunciado ao qual se faz referência está flexionado no plural, exigindo um sujeito de natureza plural, que só aparece uma vez nas opções.

04. Considere as orações a seguir e responda aos itens que seguem.

"_____ pareceram extremamente nervosos quando _____ enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com firmeza; depois voltou para a própria montaria"

"_____ confirmaram, e [Harry] viu _____ se tensionarem sob as vestes."

a) Relacione as colunas a seguir, de modo que os sujeitos das orações acima sejam identificados.

- | | |
|-------------------|------------------------------|
| (1) pareceram | (2) Luna |
| (2) enrolou | (3) Rony, Hermione e Gina |
| (3) confirmaram | (4) cinco pares de joelhos |
| (4) tensionarem | (1) Todos |

b) O que os verbos 1, 3 e 4 têm em comum levando em consideração:

- A sua flexão? **Resposta:** *Os três verbos estão flexionados na 3ª pessoa do plural.*
- O sujeito a eles atribuído? **Resposta:** *Os três sujeitos são também flexionados na terceira pessoa do plural.*

c) Em que pessoa do discurso os verbos a seguir foram flexionados? Indique os sujeitos dos verbos listados a seguir.

"disse": **Resposta:** *3ª pessoa do singular/ Sujeito: Luna*

"segurarem": **Resposta:** *3ª pessoa do plural/ Sujeito: Eles*

"voltou": **Resposta:** *3ª pessoa do singular/ Sujeito: Ela*

→ Professor, com essa questão, ajude os alunos a perceberem a relação entre a flexão de número do verbo e do sujeito.

d) Os sujeitos dos verbos presentes no item c não foram retirados para esta atividade, eles já haviam sido omitidos pela autora.

- Como você acha que ela espera que os leitores identifiquem o sujeito das orações acima?
Resposta: *Os alunos podem apontar o contexto ou até mesmo a desinência do verbo.*

→ Professor, se julgar necessário, revise o conceito de sujeito oculto.

- Como os mecanismos existentes na língua permitem que isso aconteça?
Resposta: *Os alunos podem apontar as pistas textuais, ou seja, pelo contexto, podemos inferir o sujeito. Além disso, eles podem citar a flexão do verbo, visto que a discussão já tratou disso.*

A **concordância** é entendida como um fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa oração é determinada pela forma de outra palavra, havendo, entres essas palavras, uma ligação gramatical. No caso da concordância verbal, a norma de prestígio da língua costuma levar em consideração o sujeito e o verbo. Vejamos os exemplos que seguem:

(1) Luna já **estava** em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias.

No exemplo (1), temos o sujeito **Luna**, que corresponde à terceira pessoa do singular ("ela"). Desse modo, para haver concordância, o verbo **estava** é conjugado dessa maneira para se adequar ao seu sujeito.

(2) **Rony, Hermione e Gina**, porém, **continuavam** imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

No exemplo (2), o verbo **continuavam** se encontra no plural, já que ele não é atribuído a apenas uma pessoa, mas agora a três, tendo, pois, que concordar com o sujeito que as representa.

Leia agora o texto completo e observe as palavras que preenchem os espaços em branco.

Harry enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, apoiou um pé em um toco ali perto e subiu desajeitado no lombo sedoso do cavalo. O bicho não fez objeção, mas virou a cabeça, as presas à mostra, e tentou continuar a lambar as vestes do garoto.

Harry descobriu uma maneira de encaixar seus joelhos por trás da junção das asas que o fez se sentir mais seguro, então olhou para os outros. Neville se guindara para o dorso no Testrálio seguinte e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. Luna já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias. Rony, Hermione e Gina, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

– Que foi? – perguntou ele.

– Como é que você espera que a gente monte? – perguntou Rony com a voz fraca.

– Se não conseguimos ver essas coisas?

– Ah, é fácil – falou Luna, descendo de boa vontade do seu Testrálio e se encaminhando para Rony, Hermione e Gina. – Venham aqui...

Luna os levou até os outros Testrálios que estavam parados e ajudou os amigos, um a um, a montarem neles. Os três pareceram extremamente nervosos quando a garota enrolou as mãos deles nas crinas dos animais e lhes disse para segurarem com firmeza; depois voltou para a própria montaria.

– Isto é loucura – murmurou Rony, passando a mão livre desajeitadamente pelo pescoço do cavalo. – Loucura... se eu ao menos pudesse ver o bicho...

– É melhor você desejar que ele continue invisível – disse Harry sombriamente. – Estamos prontos, então?

Todos confirmaram, e ele viu cinco pares de joelhos se tensionarem sob as vestes.

– O.k...

ROWLLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco: 2007, p. 469.

05. Agora que você leu o texto completo, você pode perceber que a autora utilizou alguns artifícios para evitar repetições. Um deles foi ocultar o sujeito. Observe o período a seguir:

"Harry enrolou a mão com firmeza na crina do Testrálio mais próximo, **apoiou** um pé em um toco ali perto e **subiu** desajeitado no lombo sedoso do cavalo."

a) Qual o sujeito dos verbos **apoiou** e **subiu**?

Resposta: Harry

b) Há concordância dos verbos com o sujeito apontado acima? Por quê?

Sugestão de resposta: Espera-se que os alunos reconheçam que sim, já que tanto o sujeito quanto o verbo se referem à 3ª pessoa do singular.

c) Identifique pelo menos dois outros exemplos de verbos com sujeito oculto. Transcreva-os e indique os sujeitos das orações escolhidas.

Sugestão de resposta: Presente nas linhas 07-09, o trecho: “[...] e agora tentava passar uma perna curta por cima do animal. Luna já estava em posição, sentada de lado, e ajustava as vestes como se fizesse isso todos os dias.” conta com dois verbos cujos sujeitos estão ocultos, trata-se do que estão sublinhados. Seus sujeitos são “Neville” e “Luna”, respectivamente.

06. Leia novamente o enunciado a seguir:

Rony, Hermione e Gina, porém, continuavam imóveis no mesmo lugar, boquiabertos, de olhos arregalados.

a) Identifique o sujeito de **continuavam**. **Resposta:** *Rony, Hermione e Gina.*

b) Ainda levando em consideração os mecanismos utilizados para evitar repetição, encontre no texto pelo menos uma oração em que o termo **Rony, Hermione e Gina** foi substituído e transcreva-a. **Resposta:** *“Todos confirmaram.”*

c) Que termo foi utilizado para a substituição? **Resposta:** *o aluno pode citar o pronome todos.*

d) Na oração, a conjugação do verbo mudou? Justifique.

Resposta: *Espera-se que o aluno perceba que, como foi utilizado um termo também no plural, não houve modificação no verbo.*

Embora muitas gramáticas afirmem que o verbo deve concordar com o sujeito em todas as situações, no português brasileiro, é comum percebermos a ausência de concordância. É o que podemos ver na letra de canção a seguir:

Eu não me imaginava sem você
Meu bem querer, amor pra sempre
Só esses cabelos pretos me **faz** bem
E quando não tenho, fico doente
Se você não existisse iria te inventar
Na forma de um anjo mais lindo Iria te amar

Disponível em <https://www.letras.mus.br/gusttavo-lima/1710867/>. Acesso em 16/02/19.

07. A partir do trecho acima, responda:

a) Qual o sujeito de **fazer**, que está destacado?

Resposta: *Esses cabelos pretos*

b) Há concordância verbal na oração acima? Por quê?

Resposta: *De acordo com a norma de prestígio não, pois o sujeito está no plural enquanto o verbo está no singular.*

Quando, em nossas atividades comunicativas, não concordamos o verbo com o sujeito podemos ser vítimas de preconceito linguístico. Contudo, é importante lembrar que não existem erros em nossa língua, já que nossas escolhas linguísticas são sempre motivadas por diversos fatores.

Por exemplo: você sabia que a posição do sujeito pode interferir no processo de concordância? Isso mesmo! Quando o sujeito da oração vem depois do verbo, há uma grande chance

de haver um desvio previsto pela gramática. E pode acontecer com qualquer pessoa, seja ela escolarizada, seja não escolarizada. Veja os exemplos listados pelo linguista Marcos Bagno:

- a) "**Faz-se necessário duas abordagens para que se abranja a totalidade da situação**"
(Dissertação de Mestrado em Linguística, 2005, Universidade de Brasília).
- b) "Ao contrário do que ocorre com os pidgins e crioulos, em que o normal é a relexificação da língua dominada, na qual **subsiste no entanto os aspectos morfossintáticos** [...]"
(Dissertação de mestrado em Linguística, 2005, Universidade de Brasília).
- c) "Num país onde **existe mais de 100 línguas além da oficial** é inconcebível perpetuar a ideia que só a língua normativa é a correta"
(Texto produzido por professora de português do Distrito Federal).
Disponível em <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguística/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAII.pdf>. Acesso em 16/02/19.

Complete o quadro levando em consideração as orações destacadas. Em seguida, comente o processo de concordância presente nas orações acima.

SUJEITO	VERBO
<i>Duas abordagens</i>	<i>Faz-se</i>
<i>Os aspectos morfossintáticos</i>	<i>Subsiste</i>
<i>Mais de 100 línguas oficiais</i>	<i>Existe</i>

Sugestão de resposta: Espera-se que o aluno compreenda que não houve concordância em nenhum dos enunciados abaixo, já que todos os verbos se encontram no singular, enquanto todos os sujeitos são representados pela terceira pessoa do plural.

→ Professor, os exemplos listados na questão podem não ser plenamente compreendidos pelos alunos a depender do ano letivo e do desempenho da turma. Sinta-se à vontade para listar outros exemplos. É importante, também, sempre lembrar aos alunos que a questão não trata de erros linguísticos, mas da variação natural presente em nossa língua.

3.3 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO POSPOSTO

→ Professor, dando continuidade aos nossos estudos, que entendem a concordância verbal como um fenômeno variável, cuja aplicação da regra prevista pela norma-padrão está condicionada a outros fatores linguísticos, como a posição do sujeito em relação ao verbo, por exemplo, apresentaremos atividade nas quais tais fatores serão trabalhados. Nossos objetivos com essa atividade são

- Reconhecer que há fatores que viabilizam e inviabilizam a concordância verbal conforme sugerem as normas de prestígio;
- Refletir sobre o papel da posição do sujeito no processo de concordância verbal;
- Conhecer novas formas de organização do enunciado, como a ordem inversa da oração.

Título da atividade: Concordância Verbal de acordo com a posição do sujeito.

Olá!

No último módulo, vimos que a concordância verbal é um fenômeno que apresenta variação, isto é, pode se realizar de diferentes maneiras. Vimos, então, que, quando não ocorre a concordância entre o verbo e o sujeito, não se trata de um erro, pois existem muitos fatores que determinam tal uso. Contudo, é importante estarmos atentos para as situações em que devemos nos aproximar ao máximo daquilo que é mais prestigiado; nas situações formais de oralidade e de escrita, devemos buscar a concordância entre os termos da oração buscando mostrar nossa competência comunicativa.

Na atividade de hoje, veremos como a posição do sujeito interfere no processo de concordância. Para isso, primeiro, vamos analisar o seguinte anúncio:



Disponível em <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=47&evento=1> Acesso em 16/02/19.

A parte verbal do anúncio traz os seguintes enunciados: “Vai que acaba o papel?” e “O guardanapo pode ser jogado fora.”. Vamos estudá-los?

a) Qual é o termo, na primeira oração, que funciona como sujeito da forma verbal “acaba”?

Resposta: *O papel.*

b) E na segunda oração? Qual é o sujeito da forma verbal “pode ser”?

Resposta: *O guardanapo.*

c) Considerando a posição do sujeito nas orações, qual é a diferença entre essas duas orações?

Resposta: *Espera-se que o aluno perceba que a posição do sujeito nos dois enunciados é diferente: o verbo “acaba” tem seu sujeito posposto. Já a forma verbal “pode ser” tem seu sujeito anteposto.*

Você sabia que, ao produzir um enunciado, assim como o produtor do anúncio que analisamos, você pode escolher onde colocar o sujeito? Se você optar por colocar o sujeito antes do verbo, você terá escolhido a ordem direta do enunciado; essa é a ordem mais frequente nos textos com os quais nos deparamos.

Por outro lado, você pode optar por colocar o sujeito depois do verbo. Tal forma, embora aconteça algumas vezes, é menos frequente e, além disso, pode “prejudicar” a regra prevista pela gramática relacionada à concordância entre o verbo e o sujeito. Vamos entender melhor?

d) Na oração “Vai que acaba o papel?”, substitua o artigo “o” por “os” e observe as alterações.

Resposta: *“Vai que acabam os papéis.”*

e) Quais termos foram alterados? Por que isso aconteceu?

Resposta: *Espera-se que o aluno tenha percebido a alteração na flexão do nome “papel”, que passou para “papéis” e na flexão do verbo “acaba”, que flexionou para “acabam”.*

f) Reescreva a oração "O guardanapo pode ser jogado fora" colocando o sujeito após o verbo e informando que há mais de um guardanapo.

Resposta: *Podem ser jogados fora os guardanapos.*

→ Professor, perceba que o que acontece nessa questão, muito claramente, parece uma espécie de experimento com o funcionamento da língua. São atividades assim que atribuem ao nosso material um caráter epilinguístico.

Com as questões acima, você teve a oportunidade de perceber que, quando utilizamos o sujeito posposto (sujeito na ordem inversa), podemos não realizar a concordância verbal e, assim, nos afastar da norma de prestígio.

Devemos ter consciência de que, ao escrevermos textos formais, precisamos estar atentos à posição do sujeito na oração para flexionarmos o verbo de modo que haja a concordância.

Vamos treinar?

O sujeito pode estar no início, no fim ou até mesmo no meio da oração. Veja:



Disponível em <https://andersoncoutodotcom.wordpress.com/2012/07/08/criacao-e-redacao-de-anuncios-publicitarios/>. Acesso em 16/02/2019.

No enunciado "Existe uma saída para acabar com o seu vício", realize as seguintes alterações:

a) Reescreva-o na ordem direta.

Resposta: *"Uma saída para acabar com seu vício existe."*

b) Reescreva-o de modo que o termo "saída" esteja no plural.

Resposta: *"Existem saídas para acabar com seu vício."*

→ Professor, é provável que o verbo existir não seja flexionado por alguns alunos. Fique atento, porque é um importante momento para intervenção.

c) Reescreva-o de modo que o núcleo do sujeito esteja no plural e no meio da frase.

Resposta: *Para acabar com o seu vício, saídas existem.*

Não concordar o verbo com o sujeito como prevê a gramática normativa é mais comum do que você imagina e esse fenômeno está presente, inclusive, em textos formais. Veja os exemplos:

"Não Importa as sucessivas decisões judiciais favorável ao pagamento."

Correio Braziliense

"Falta ao governo FH decisões corajosas e firmes, principalmente contra os partidos que o apoiam."
Folha de São Paulo

Identifique os desvios presentes nos trechos de notícias acima, em seguida faça o que se pede:

→ Professor, espera-se que os alunos percebam que os verbos "importar" e "faltar", por estarem relacionados a sujeitos no plural, para estarem de acordo com a norma de prestígio, deveriam também ser flexionados no plural, o que não acontece.

a) Reescreva-os de modo que se aproximem da norma prestigiada.

Resposta: "Não Importam as sucessivas decisões judiciais favoráveis ao pagamento." e "Faltam ao governo FH decisões corajosas e firmes, principalmente contra os partidos que o apoiam."

b) Reescreva-os colocando-os na ordem direta.

Resposta: "As sucessivas decisões judiciais favoráveis ao pagamento não importam." e "Decisões corajosas e firmes faltam ao governo FH."

→ Professor, a próxima questão contém enunciados produzidos pelos alunos foi destinada a pesquisa que gerou essas atividades. Trata-se de um momento importante de tomada de consciência, já que a atividade trabalhará com a realidade linguística dos alunos. Além disso, é um momento delicado, que não admite julgamentos ou depreciação do que será apresentado para eles. Lembre-se de que, para esta atividade, não há erros, há variedade.

Os trechos abaixo foram retirados de textos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola em Fortaleza.

Veja:

(1) "Não é só os ovos de chocolate da páscoa que fazem as crianças do Brasil ficarem acima do peso."

(2) "Os pais tem que ter controle do que os filhos come."

(3) "As fábrica de chocolate não teria que fechar suas portas."

(4) "Desse jeito, as crianças vão começar a ficar pedindo os ovos aos pais e os pais irão ficar negando, com isso **ocorreria rebeliões na família.**"

Analise as orações em negrito e responda:

a) Em quais delas o sujeito está anteposto? E em quais delas o sujeito está posposto?

Resposta: O sujeito está anteposto nos enunciados destacados em 2 e 3.

b) Há desvio de concordância nas orações destacadas?

Resposta: Espera-se que os alunos reconheçam que sim, em se tratando de concordância verbal.

c) Transcreva as orações de modo que os desvios sejam eliminados.

Resposta: "Não são só os ovos de chocolate da páscoa" (...) (...) os filhos comem"; As fábricas de chocolate não teriam (...) e "Ocorreriam rebeliões na família."

d) Reescreva as orações 3 e 4 de modo que, quando o sujeito estiver anteposto, fique posposto e vice-versa.

Resposta: "Não teriam que fechar a porta as fábricas de chocolate." e "Rebeliões ocorreriam na família."

→ Professor, a última parte desta atividade consiste em uma produção de texto na qual os alunos serão convidados a utilizarem a linguagem formal e a utilizarem o sujeito anteposto e

posposto. Espera-se que, por ser uma atividade direcionada e, portanto, monitorada, os alunos realizem a concordância conforme a norma de prestígio. Planeje-se, pois essa atividade pode demandar algum tempo. Acreditamos não ser necessário um texto extenso; em um parágrafo apenas, você pode realizar um diagnóstico. Essa atividade será repetida na próxima seção, porém o foco abordado será o sujeito oculto.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Leia o poema a seguir, cujo(a) autor(a) não é identificado.

O Bairro onde eu moro
 O bairro onde moro
 É um mundo de luzes e cores
 Luzes de alegria
 E cores de amizades
 Há ruas asfaltadas e ruas sem asfaltos
 Mas o morro é muito alto
 Dá para ver o céu de perto
 Dá para ver as estrelas
 Dá para ver a lua
 Que refletem em minha rua
 A dignidade de um povo
 Esperando um ano novo
 Meu bairro é poesia
 De crianças em euforia
 É um canto onde vivo em descanso
 Nele existe um lar
 Onde vivo a morar.

Disponível em <http://floresdocampoparavoce.blogspot.com/2009/11/o-bairro-onde-eu-moro.html>. Adaptado. Acesso em 16/02/19.

No poema acima, um bairro muito especial é descrito. Você pode descrever o seu? Escreva um parágrafo informando as coisas que existem no seu bairro, os eventos que acontecem as pessoas especiais que nele vivem. Você deverá escrever o texto **duas vezes** obedecendo ao seguinte critério: Primeiro, tente situar todos os sujeitos antes do verbo, utilizando a ordem direta da oração. Depois, use somente a ordem inversa.

Vamos tentar?

3.4 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITO OCULTO

→ Professor, outro fator que pode motivar a variação do fenômeno da concordância é a ocorrência do sujeito. Estudos comprovam que ocultar o sujeito em terceira pessoa do plural pode fazer com que o verbo não se flexione e não concorde com o sujeito. Nossa última atividade tratará disso, tendo como objetivos:

- Reconhecer que há fatores que viabilizam e inviabilizam a concordância verbal conforme sugerem as normas de prestígio;
- Refletir sobre o papel da ocorrência do sujeito no processo de concordância verbal;
- Trabalhar a elipse do verbo como instrumento de coesão.

Título da atividade: Concordância do verbo com o sujeito oculto.

Continuando nossos estudos sobre concordância verbal, vamos perceber, com esta atividade, como se dá o processo de flexão do verbo quando o sujeito está oculto. Leia a charge a seguir:



Disponível em <http://fatoresdetextualidade.blogspot.com/p/coesao-textual.html> Acesso em 16/02/19.

No enunciado “No Iraque, a gente pega um carro, enche de dinamite e joga contra o alvo.”, existem três orações. Sabendo disso, responda aos itens a seguir.

- Qual o sujeito do verbo “pega”?
Resposta: *A gente*
- Qual o sujeito dos verbos “enche” e “joga”?
Resposta: *A gente*
- Em todas as orações o sujeito estava explícito?
Resposta: *Espera-se que o aluno indique que não, já que o sujeito está oculto em duas das três orações.*
- Reescreva o enunciado acima de modo que o sujeito apareça em todas as orações.
Resposta: *A gente pega um carro, a gente enche de dinamite e a gente joga ele contra o alvo.*
- Qual dos enunciados é melhor de ler? O original ou o que foi criado por você? Justifique.
Sugestão de resposta: *Espera-se que o aluno perceba que, ao evitar a elipse, o texto fica menos fluido, mais difícil de ser lido. Sendo assim, o texto original é melhor de ler.*

Nas duas falas presentes na charge acima, o sujeito foi omitido em alguns momentos. Você deve ter percebido que foi muito fácil recuperá-los pelo contexto. A esse mecanismo, damos o nome de **elipse**, que, antes de tudo, é um importante recurso coesivo, colaborando com um texto mais fluido e agradável.

Antes de prosseguirmos, vamos mudar um pouco de assunto. Reflita sobre a seguinte questão: você acha que aprender inglês é muito complicado? Leia o texto a seguir e compare as informações dele com a sua opinião.

Aprender inglês é mais fácil do que português

Você já perdeu a vontade de aprender inglês ao esbarrar em alguma dificuldade? Provavelmente sim, talvez porque a metodologia de ensino não deu certo para você ou porque você não conseguiu compreender as regras do idioma, entre outros motivos.

Contudo, saiba que aprender inglês é mais fácil do que português. Duvida? Então continue a leitura: apresentamos algumas ideias sobre as regras do idioma e alguns exemplos para facilitar sua compreensão. Confira!

1. A conjugação e os tempos verbais são mais simples

As conjugações verbais em inglês não têm tantas formas como em português. Em português, cada pessoa tem sua conjugação, mas em inglês só a 3ª pessoa do singular no tempo presente é diferente.

Além disso, em inglês, os tempos são determinados por auxiliares e não há alteração no verbo principal. No futuro, por exemplo, o verbo *will* é adicionado e o *study*, mantido. Isso simplifica o aprendizado e o uso do idioma, já que não é preciso decorar diversas formas verbais.

2. As variações de gênero são mais fáceis

Em português, existem variações de gênero para substantivos, adjetivos e artigos. Já a língua inglesa, com algumas exceções, não tem esse problema. Enquanto em português se fala "a menina" e "o menino", em inglês se diz "a girl" e "a boy".

E mais: na maioria dos casos, artigos e adjetivos não mudam no plural. Em inglês, se diz, por exemplo, "you'll watch the most famous movie" no singular, e "you'll watch the most famous movies" no plural.

3. A ortografia não é complicada

Quer outro motivo para amar a língua inglesa? Pouquíssimas palavras têm acentuação gráfica. Enquanto em português se diz que "assistiu às aulas" para indicar participação e "assistiu as aulas" para denotar assistência, em inglês se usa "I attended classes" (compareceu) e "I assisted the class" (auxiliou).

4. O uso de aumentativo, diminutivo e superlativo não tem mistério

Para aumentativo e diminutivo, em português são usadas palavras auxiliares ou derivadas, como "casa grande" ou "casarão". Em inglês, utilizam-se apenas palavras auxiliares, como "big house". Ademais, a língua inglesa considera os superlativos analíticos de inferioridade e de superioridade, mas não o absoluto sintético como o português.

Disponível em <http://blog.topenglish.com.br/aprender-ingles-e-mais-facil-do-que-portugues-4-fatores-comprovam/>. Acesso em 16/02/19.

01. É comum algumas pessoas julgarem que o inglês é um idioma difícil de aprender. O texto confirma ou rejeita essa ideia? Justifique sua resposta.

Resposta: *O texto rejeita a ideia de que aprender inglês é difícil, já que se dispõe a desconstruir essa ideia mostrando as "facilidades" de se aprender inglês.*

02. De acordo com o texto, que facilidades podem nos surpreender ao estudarmos a língua inglesa?

Resposta: *O autor afirma que conjugar os verbos em inglês é mais fácil, assim como as variações de gênero e de grau, além da ortografia, que, para o autor, não é complicada.*

O texto que você leu diz que "as conjugações dos verbos são muito mais simples. Com exceção da terceira pessoa do singular no tempo presente (*he, she it*), não há variação de acordo com a pessoa, como no português.". Observe o quadro a seguir, que contém a conjugação do verbo **comer**, no tempo presente, nos dois idiomas.

Pronome	Verbo	Pronome	Verbo
Eu	como	I	eat
Tu	comes	You	eat
Ele/ela	come	He/she/it	eats
Nós	comemos	We	eat
Vós	comeis	You	eat
Eles	comem	They	eat

O pronome "vós" vem sendo substituído pelo pronome "vocês". Os verbos ligados a esse pronome são flexionados na terceira pessoa do plural, simplificando assim as formas de flexão dos verbos.

03. Na sua opinião, em qual idioma é mais fácil conjugar o verbo "comer"? Por quê?

Sugestão de resposta: *Espera-se que o aluno aponte o inglês, já que apresenta bem menos flexões.*

04. Reflita: se, nos textos, os autores resolvessem excluir os sujeitos das orações, seria possível sabermos a quem determinada ação poderia ser atribuída, se o texto fosse escrito

a) em inglês? Se sim, como?

Resposta: *Espera-se que o aluno reconheça a dificuldade de identificar o sujeito nesse caso, já que os verbos não apresentam flexões particulares para cada pessoa.*

b) em português? Se sim, como?

Resposta: *Na maioria das vezes, sim, já que as flexões são diferentes para cada pessoa do discurso.*

Omitir o sujeito para contribuir com a produção de um texto mais fluido é um recurso bastante utilizado por diversos escritores e até mesmo por nós. Para exemplificar, vamos ler mais um trecho da obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Todos os companheiros de equipe, exceto Angelina, já se encontravam no vestiário quando eles entraram.

— Tudo bem, Rony? — cumprimentou-o Jorge com uma piscadela.

— Tudo — respondeu Rony, que fora ficando cada vez mais quieto a caminho do campo.

— Pronto para nos fazer dar vexame, Roniquinho monitor? — disse Fred, ao emergir descabelado da abertura das vestes de quadribol, um sorriso ligeiramente malicioso no rosto.

— Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. Ficaram boas nele, considerando que tinham pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.

— O.k., todos — disse Angelina saindo da sala do capitão, já de uniforme. — Vamos começar; Alicia e Fred, se puderem, tragam o caixote de bolas. Ah, tem um pessoal lá fora que veio assistir, mas quero que vocês finjam que não estão vendo, tá?

Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando saíram do vestiário para a claridade do campo, ouviram uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina e de mais alguns, agrupados no meio das arquibancadas vazias; suas vozes ecoavam ruidosamente pelo estádio.

— Que é aquilo que o Weasley está montando? — berrou Malfoy, debochando com o seu jeito arrastado de falar. — Por que alguém lançaria um feitiço de voo num pedaço de pau velho e mofado como aquele?

Crabbe, Goyle e Pansy davam escandalosas gargalhadas. Rony montou sua vassoura e deu impulso do chão, e Harry o seguiu, observando as orelhas do amigo ficarem vermelhas.

— Não ligue para eles — disse acelerando para alcançar Rony —, veremos quem vai rir depois

que jogarmos contra eles...

— É exatamente a atitude que quero, Harry — aprovou Angelina, voando em torno deles com a goles embaixo do braço, e desacelerando para planar diante de toda a equipe já no ar.

— O.k., todos, vamos começar com alguns passes só para esquentar, o time todo, por favor...

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003, p. 185.

Analise os trechos a seguir:

“Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. **Ficaram** boas nele, considerando que **tinham** pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos”.

“Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando **sairam** do vestiário para a claridade do campo, **ouviram** uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina [...]”.

05. Indique os sujeitos dos verbos destacados a seguir:

“Ficaram”

Resposta: *As vestes da equipe.*

“Tinham”

Resposta: *As vestes.*

“Sairam”

Resposta: *Os integrantes da equipe.*

“Ouviram”

Resposta: *Os integrantes da equipe.*

06. Nas formas verbais destacadas acima, os sujeitos estavam explícitos ou ocultos? Como foi possível identificá-los?

Resposta: *Espera-se que os alunos indiquem que o sujeito em todos os enunciados está oculto. Foi possível identificá-los a partir da desinência dos verbos.*

07. Releia a reescrita para um dos trechos destacados anteriormente:

“Alguma coisa em seu tom pretensamente casual levou Harry a pensar que talvez soubesse quem eram os espectadores sem convite, e acertou em cheio: quando **saiu** do vestiário para a claridade do campo, **ouviu** uma tempestade de vaias e assobios da equipe de quadribol da Sonserina [...]”.

Perceba que os verbos que, na versão original, estão flexionados no plural passaram para o singular. Sabendo disso, responda: houve alteração no sentido do texto? Se sim, qual?

Resposta: *Com a alteração, conclui-se que somente Harry, e não mais o time inteiro, saiu do vestiário e ouviu as vaias.*

08. Agora, releia o trecho a seguir, também modificado.

“Cala a boca — respondeu Rony, impassível, pondo as vestes da equipe pela primeira vez. **Ficaram** boas nele, considerando que **tinha** pertencido a Olívio Wood, cujos ombros eram mais largos.”

a) Levante hipóteses: com que sujeito o verbo “ter” tinha de concordar para se flexionar da forma como está nesta questão?

Resposta: *Rony.*

b) Nesse caso, a ausência de concordância pode nos levar a construir um sentido absurdo para o trecho acima. Que sentido seria esse?

Resposta: *Espera-se que o aluno reconheça que o enunciado do jeito que está dá a ideia de que não eram as vestes que pertenciam a Olivio, mas o próprio Rony.*

c) Levando em consideração o que foi estudado, responda: em que situação você pode ocultar o sujeito da oração? De que forma você fazer isso?

Resposta: *Podemos ocultar o sujeito da oração quando há no texto meios pelos quais chegamos ao sujeito. Isso fica mais fácil quando flexionamos o verbo de acordo com a pessoa do discurso que o sujeito representa.*

Quando optamos por ocultar o sujeito, devemos nos preocupar em deixá-lo acessível para o leitor, e a maneira de garantir isso é flexionando o verbo de acordo com a pessoa à qual o sujeito que está oculto se refere.

Você sabia que, quando o sujeito está oculto, há uma possibilidade muito grande de não haver concordância verbal? Veja alguns exemplos retirados de textos formais produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola de Fortaleza – CE.

- i. E se os ovos de páscoa fossem de verduras, as crianças não iam ter que tomar remédios e ia ficar saudáveis."
- ii. Existem muitos pais por aí que (...) compra comida que não faz muito bem, aí vai dando esse tipo de comida e vão dizer que a culpa é da páscoa."
- iii. Os filhos só podem comer doce nos finais de semana para que eles tenham uma alimentação mais saudável e não coma muitos doces."
- iv. As mães das crianças poderiam comprar frutas para as crianças comerem e quando chegasse a páscoa comprava um ovo, mas não deixaria a crianças comer tudo."

09. Os sujeitos referentes às formas verbais destacadas acima estão explícitos ou ocultos?

Resposta: *Ocultos.*

10. Complete a tabela a seguir com as informações solicitadas

	SUJEITO	FLEXÃO NO SUJEITO – SINGULAR OU PLURAL	FLEXÃO DO VERBO
"ia"	<i>As crianças</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>
"vai"	<i>Pais</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>
"coma"	<i>Os filhos</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>
"deixaria"	<i>As mães</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>

Nas orações acima, facilmente se percebe o que os autores quiseram dizer. Contudo, como já estudamos, a situação na qual os alunos escreveram seus textos era formal. Portanto, a concordância verbal se fazia necessária. Lembre-se de que existem situações em que devemos monitorar nossa fala/escrita a fim de que bons resultados sejam alcançados.

Reescreva os trechos de modo que os verbos, mesmo com sujeitos ocultos, sejam flexionados de maneira adequada à situação de comunicação.

Resposta: *I. E se os ovos de páscoa fossem de verduras, as crianças não iam ter que tomar remédios e iam ficar saudáveis." II. Existem muitos pais por aí que (...) compram comida que não faz muito bem, aí*

*vão dando esse tipo de comida e vão dizer que a culpa é da páscoa.”; “Os filhos só podem comer doce nos finais de semana para que eles tenham uma alimentação mais saudável e não **comam** muitos doces.”; IV. As mães das crianças poderiam comprar frutas para as crianças comerem e quando chegasse a páscoa (...), mas não **deixariam** a crianças comer tudo.”*

PRODUÇÃO DE TEXTO

Antes de concluirmos nossos estudos, leia o texto a seguir:

— Ele acha que a porta está trancada! — Harry falou. — Acho que escapamos. Sai para lá, Neville! — Neville puxava a manga do robe de Harry fazia um minuto. — Que foi?

Harry se virou – e viu, muito claramente, o que foi. Por um instante teve a certeza de que entrara num pesadelo – era demais depois de tudo o que já acontecera.

Não estavam numa sala, conforme ele supusera. Achavam-se num corredor. O corredor proibido do terceiro andar. E agora sabiam por que era proibido. Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas.”

Rowling, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 92

Construa um parágrafo, narrando o que Harry e Neville fizeram ao se depararem com o monstro. Narre, pelo menos, cinco ações dos garotos.

Nesta atividade, o sujeito representado por **Harry e Neville** deve aparecer apenas uma vez, sendo ocultados nas demais orações.

4 PALAVRAS FINAIS

Caras professoras, caros professores,

Este material foi produzido com o objetivo de dar continuidade à missão de ressignificar as aulas de gramática da língua portuguesa, que, estantes, por não valorizar a realidade linguística que preenche nossas salas de aula, não têm demonstrado a razão de ocupar seu espaço nas escolas brasileiras. Esperamos que, com esse manual, pensemos em como estamos ensinando não só o fenômeno na concordância verbal, mas também quaisquer fenômenos de natureza variável presentes em nosso idioma.

A Sociolinguística, por reconhecer a legitimidade do que erroneamente é reconhecido como inulto no que diz respeito à língua, nos auxilia a dar aos alunos a voz que o preconceito linguístico insiste em tirar. Esse importante ramo da Linguística, ainda renegado por colegas mais conservadores, traz a nós que não é por acaso que alguns indivíduos falam diferente do que é determinado como norma-padrão. Fatores sociais e linguísticos intervêm constantemente na nossa fala e escrita e explicam nossas escolhas linguísticas diante das mais diversas situações.

Pensar em uma pedagogia da variação é permitir a nossos alunos que participem das reflexões sobre a língua, já que o que é considerado válido no português vem das classes mais abastadas, as quais esquecem que o português brasileiro emana também dos ambientes periféricos, cujos habitantes participam do movimento que promove a mudança linguística.

Fomos inspirados também pelas ideias acerca das atividades epilinguísticas, que valorizam o pensamento e a reflexão do aluno, reconhecendo-o como sujeito essencial no processo de aprendizagem. Pretendemos com este material dar aos alunos a oportunidade para se expressarem, refletirem e, principalmente, construir o conhecimento sobre o idioma do qual todos eles fazem uso.

Nosso trabalho é permitir aos alunos que conquistem autonomia para, por meio da linguagem, atingirem seus mais diversos objetivos. Contudo, não é impondo uma maneira de falar ou escrever sem explicar-lhes o motivo para isso que conseguiremos promover o aprendizado efetivo. Desejamos que, ao concluírem a vida escolar, nossos alunos tenham adquirido competência comunicativa e estejam aptos, portanto, a realizarem escolhas linguísticas conscientes, a fim de serem menos prejudicados pela desigualdade social que caracteriza nosso país.

Bom trabalho.

5 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAGNO, M. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, *et al.* (Org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014, p. 71-107.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 19-30.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Org.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 7-35.

MONTEIRO, J. L. O morfema zero no processo de derivação. *Revista de Letras*. Fortaleza. v. 1, n. 2, 1978. p. 95-113.

VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. C. Variação morfossintática e ensino de Português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Org.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 81-114.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Introdução. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 7-15.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Estadual do Ceará

Centro de Humanidades

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais

Seu filho(a),, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL EM TEXTOS ESCRITOS DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO”

Os objetivos deste estudo consistem em propor uma intervenção pedagógica que contribua para o aprendizado mais eficaz de concordância verbal em textos formais escritos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública situada na periferia da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, promovendo, a partir de uma abordagem mais inclusiva, a ressignificação dos assuntos abordados nas aulas de língua portuguesa. Caso você autorize, seu filho irá: participar de uma intervenção que consiste na produção de textos formais, aulas e realização de atividades produzidas para a realização da pesquisa. A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém se ele(a) sentir algum desconforto ou constrangimento poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto.

Você ou seu filho(a) não receberá remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir para que os professores de língua portuguesa tenham subsídios para propor uma abordagem pedagógica respaldada por uma teoria que os ajudará a realizar um trabalho mais eficiente, que leve em consideração o que de fato se encontra no repertório linguístico dos alunos. Isso pode, ainda, auxiliar os alunos a aprimorarem seu processo de aquisição da escrita formal.

As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação. Além disso, você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu filho(a) _____ sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Fortaleza, dede.....

Assinatura

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

Pesquisador Responsável:

Gustavo Henrique Viana Lopes

(85) 998726099

gustavo_henrique.l@hotmail.com

ANEXO B – Carta e termo de anuência



Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Mestrado Profissional em Letras

Carta de Anuência para Realização de Pesquisa

Prezada Ana Lúcia Batista Aguiar, diretora da Escola de Ensino Fundamental e Médio
Professora Maria da Conceição Porfírio Teles,

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada "A CONCORDÂNCIA VERBAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO" a qual envolve aplicação de avaliações diagnósticas de escrita e intervenção pedagógica a partir da aplicação de materiais didáticos personalizados de acordo com a realidade linguística dos alunos. Serão analisadas 80 (oitenta) produções textuais dos alunos, levando em consideração o grau de formalidade da situação à qual os alunos serão expostos e a intervenção pedagógica realizada. Esse estudo é essencial para que os professores de língua portuguesa tenham subsídios para propor uma abordagem pedagógica respaldada por uma teoria que os ajudará a realizar um trabalho mais eficiente, que leve em consideração o que de fato se encontra no repertório linguístico dos alunos. Isso pode, ainda, auxiliar os alunos a aprimorarem seu processo de aquisição da escrita formal.

Os participantes serão convidados por meio de palestras e conversas. Somente participarão dos encontros, os indivíduos que tenham assinado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta de dados da pesquisa será iniciada no 1º semestre de 2019 sendo conduzida pelo pesquisador responsável e seus discentes do 8º ano do Ensino Fundamental. Os dados coletados serão publicados de maneira a não identificar os participantes e somente se iniciará a coleta após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual do Ceará.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Fortaleza, 01 de fevereiro de 2019.

Assinatura manuscrita de Gustavo Henrique Viana Lopes.

Gustavo Henrique Viana Lopes

Mestrando em Letras pelo programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Ceará



Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Mestrado Profissional em Letras

Termo de Anuência

Eu, **Ana Lúcia Aguiar Batista**, diretora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles, autorizo a realização da pesquisa "A CONCORDÂNCIA VERBAL NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO", a ser realizada por Gustavo Henrique Viana Lopes, a ser iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UECE.

Autorizo o pesquisador a utilizar o espaço da para a Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria da Conceição Porfírio Teles. Afirmo que não haverá qualquer implicação negativa aos membros da comunidade escolar que não queiram ou desistam de participar do estudo.

Fortaleza, 01 de fevereiro de 2019.

Ana Lúcia Batista Aguiar

Ana Lúcia Batista Aguiar
Diretora
Registo - 2019-9

ANEXO C – Produções textuais dos alunos

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

ALUNO01PT01

Para mim, proibir as músicas de funk ~~iria ser desnecessário~~, porque não é só nas músicas de funk que as crianças e adolescentes podem aprender linguagem de baixo calão, não é só nas músicas de funk que se vê pornografia, hoje em dia se vê muitas pornografias em muitas novelas, filmes, seriados etc e linguagem de baixo calão não é só nas músicas de funk que as crianças e adolescentes podem aprender, se ~~há~~ ^{existe} muitos "palavrões" nas suas, em algumas novelas também os atores falam, e é então ~~por este motivo~~ ^{per este motivo} que não vejo necessidade de proibir as músicas de funk, enquanto as danças, não é obrigação de quem escutar as músicas de funk aprender a dançar, também se pode ir para observar, não é só nas músicas de funk que os cantores falam "palavrões" se observarmos ~~há~~ ^{existem} muitas músicas, sertanejas, pagode etc que também os cantores citam palavras de baixo calão, então não podemos julgar só funk, se formos parar para proibir músicas que "ensinam" crianças e adolescentes a falarem palavras de baixo calão não iremos ter que proibir só o funk.

1. Bom, os deputados querem fazer ovos
2. diferentes para as crianças ficar mais
3. saudáveis, por que as crianças de hoje em
4. dia só querem comer chocolate, e coisas
5. que não faz muito bem a saúde delas,
6. mais tirar ovos de páscoa também e
7. de mais não e toda hora que as crian-
8. ças querem comer chocolate mais de vez
9. em quando e bom isso pra quem sei e
10. farsura, porque as crianças também
11. querem comer um doce. A obesidade das cri-
12. ças e adolescente tá aumentando porque
13. as crianças não comem só doces e sem
14. salgado, salgado também tem muita massa.
15. E as crianças dos deputados e os filhos
16. deles não comem doces? lógico que eles comem
17. doces eles são crianças e crianças gosta
18. de coisas bonas, tipo: chocolate, sorvete, ovos
19. de páscoa, e etc, todo ser humano gosta
20. de doces tirando as pessoas que tem
21. alergia, mais doce e táis bom que eles
22. não poder fazer isso, sei poder saber
23. a opinião da população.

24.
25. Fim
26.
27.
28.
29.
30.

1. O funk ser proibido vai ser uma
2. coisa muito chata para os adolescentes
3. para eles o funk é normal e uma anima-
4. ção para eles. Os jovem gosta muito de
5. funk eles acha que aquelas musicas são di-
6. les porque tem as letras que eles gosta.
7. Tem ^{palavras} gírias na letra da musica que são
8. muito novos para ouvir, porém o gênero
9. da musica expõem os adolescentes as
10. drogas e as traficas. pros adolescentes é
11. comum esses tipos de musica eles já
12. estavam desses que cuida tava na ba-
13. rruca da sua mãe, porém pra eles são
14. bonitas e etc. Realmente as musicas
15. são sem sentido tanta coisa bela
16. na musica não.

17. Eu não aprovo totalmente o funk
18. ser proibido, eles deveriam deixar os
19. funks que faz sentido e tirarem os
20. funks que tem palavras e imoralida-
21. de.

1. Eu não concordo com essa aprova-
2. ção porque eles querem tirar a alegria
3. das crianças comer doce como choco-
4. late, e de outro modo eu sou a favor por
5. que tem crianças intolerância a lactose e
6. além, delas ficarem gordas, e é bom delas
7. comerem verduras e frutas que elas não
8. não ficam obesas e se elas fazem exercício
9. físicos como judô, natação, e etc.
10. E se as fabricas de chocolate fizerem
11. ovos de chocolate sem açúcar e assim
12. as crianças não ia engordar e os
13. papais não iam ficar preocupado
14. com a saúde de seus filhos, e se os
15. ovos fossem de chocolate com açúcar
16. as crianças poderia ficar com diabetes
17. e as crianças com diabetes teria que
18. tomar muitos remédios, e se os ovos fossem
19. de verduras elas não ia que tomar
20. remédios e ia ficar saudáveis

1. no meu pensar o Funk não era ser
2. criado por causa de palavrões e no
3. funk ensinava os jovens a se prostituí
4. e fazer outras coisas erradas como fumar
5. maquiagem e etc. Para mim o Rio de Janeiro
6. está pior por causa do funk porque traz
7. violência, devia tocar menos por causa
8. dos palavrões e as pessoas que fazem
9. o funk deviam pensar nas crianças
10. porque elas também escutam funk
11. O funk devia ser variado como
12. funk e funk e outras coisas o funk
13. devia ser como bola de futebol
14. esporte como futebol, você vai
15. caminhando e escutando o funk
16. o funk é uma música agitada
17. e o funk desperta você e você pode
18. dançar, pular, gritar e outras coisas
19. o funk podia ser uma música
20. lenta com outras
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					
16.					
17.					
18.					
19.					
20.					
21.					
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					
16.					
17.					
18.					
19.					
20.					
21.					
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

ALUNO04PT02

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

Parafrase

Eu não consigo ler isso já tinha
 tradução qual que toda mundial é,
 mesma coisa que praibir comer Frango, leite, ou
 azeite de milho, no Brasil e com praibir seguir
 de qualquer jeito é história já todas as
 crianças e adultos, adoram chocolate é a arte de
 chocolate. todas adoram tanto que muita gente
 - quer que o significado da palavra é a renúncia
 a Cristo o nosso senhor.

Por que não colocam comidas saudáveis nas escolas
 ou aumentem as aulas de educação física
 talvez selamenem as embalagens
 de comidas, gorduras, dizendo que não faz
 bem no organismo a comida humana que pode
 dar problemas como excesso de peso ataques cardíacos
 ou quem sabe organizar torneios de futebol
 para alegrar as crianças de melhorar saúde e
 mais incluir alguns exercícios imperiosos que
 a todos serem ensinados logo. Porque sinceramente
 devem ter mais gosto de estudar. Qualquer é que
 quer comer isso além de alegrar pode fazer
 tentar na população obter fazer uma pesquisa
 perguntar a opinião do povo, pode ter ser mais
 saudáveis mais alto que eu e outras crianças também
 por outras coisas e a cada vez que isso acontece
 é aplicar seria proibido no país.

Por quem escolheu o caminho mais difícil para
 dar saúde para todos mas temer o que elas
 adoram não vai mudar em nada.

ALUNO05PT01

1. 76 que que eu passo dizer as delimitadas de-
 2. -nem tá lutar com alguém. No nome de Funk
 3. porque pensar que ele tem as crianças a doção
 4. incidir até mesmo para adultos tudo bem
 5. mais "inadvertidamente" a drogas a roubos tá é
 6. apelar, drogas, etc, criminalidade, é isso que falam
 7. do rap mas ele nunca foi proibido, é proibido o funk
 8. no Brasil e idiotice. porque todo mundo vai durar
 9. a lei as pessoas que estão proibido devem ser
 10. o as pais mais horríveis do mundo ou
 11. fôz descontentes com alguma cantora ou cantor
 12. de Funk, porque tá tem ganho de ser achar
 13. se juntando a mídia porque por causa do
 14. Funk ou por ser uma influência e pais que
 15. não sabem criar seus filhos. direitos no
 16. caminho também dizem isso de games filmes
 17. games tipo GTA, What dogs, filmes como
 18. Cidade de Deus ou Tróia de elite qual
 19. quer ser que tenha um longo de consciência
 20. não é influenciado nem. Por Funk, nem por
 21. rap, games, ou filmes mas as que não são
 22. culpadas e os pais que falam palavras que
 23. bebem que fumam. as que mimam demais as
 24. crianças é agora querem colocar a sua culpa
 25. no Funk porque é o tipo de música mais
 26. ouvida no Brasil atualmente a culpa é de
 27. quem é o, Pergunta é de quem conta ganho
 28. a vida com música. Funk ou é do pai que
 29. não liga e cantora ou cantor presada pro
 30. seu filho porque Funk não tem nenhuma (B) a no 8
 07

1. As medidas tomadas por eles
2. são muito exagerada a produ-
3. são de ovos de chocolate para
4. a criação de ovos de verduras
5. na minha cabeça as crianças
6. não vai gostar de desta lei.
7. As crianças já estão acos-
8. tumada com esse presente
9. da dos pelo os pais, em
10. algumas família esse
11. ovos surarão tradição e fala-
12. ndo também dos comerciantes
13. os não ficar muitos preju-
14. dicados com essa lei nova
15. Eles deveriam pensar nas
16. outras crianças e pensar em
17. outra forma de para com
18. a aumentação da obesidade
19. não é só porque que alguns
20. as crianças sofrem com isso
21. que as outras também tem
22. que sofrer.

1. Hoje em dia acho quase impossível
2. o governo proibir o funk, o
3. funk já virou cultura brasileira
4. o funk é arte e quase um idioma
5. de povo. mas cada pessoa tem um ponto
6. É a minha opinião e que mesmo
7. que esteja proibido eu não vou
8. para de escutar acho que não
9. vou ser como várias pessoas não vão
10. para, daqui a pouco vão nos
11. impedir de gostar, o governo e autarquia
12. de, mas não por isso que vou ser
13. que seguiu os sugões ~~o~~ porque ela faz parte
14. O funk é ouvido, cantado e
15. dançado por mais de milhões de
16. pessoas, o Brasil vive o país do
17. funk. como seria o Brasil sem
18. funk. e acho que mesmo
19. que o governo proíba, eles não
20. vão me fazer para de escutar
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1. Eu concordo considero essa notícia um
2. pouco absurda, mas eu queria dizer que já
3. está tão acostumada a ração de ovo de
4. chocolate e o nível de obesidade que poderão
5. ajudar várias pessoas como: Crianças, Adoles-
6. centes, Adultos e idosos a diminuir o consumo
7. de chocolates e poderão evitar os diabetes.
8. Essa notícia me deixou espantada
9. e me pegou pegou de surpresa. Ao pensar
10. pelo um lado isso ajudará, mas pelo outro
11. lado o chocolate ajudará no desenvolvimento,
12. mas todos devemos tomar equilíbrio para
13. não ter consequências depois.

14. Eu concordo com que os governan-
15. tes estão fazendo. Vai nos deixar tristes? Vai.
16. Mas eles não querem o nosso bem. Eu não
17. posso decidir por ninguém, mas por mim eu
18. digo que foi uma boa notícia. Vamos pensar
19. pelo outro lado? Que os riscos de diabetes
20. não diminuir e vamos viver mais tempo.

Hoje falaremos sobre o funk. O funk é um tipo de música que todos as pessoas provavelmente já ouviram. Muitas pessoas provavelmente gostam desse tipo de música. Há casos de pessoas que não gostam desse tipo de música, mas como já está tão conhecida, que por onde as pessoas passam, elas escutam se podem querer, por que outras pessoas estão escutando. Por toda a minha vida, meus pais me ensinaram a não escutar esse tipo de música. Eu não faço questão de escutar, mas cada pessoa tem o seu direito de escolha. Existem muitas músicas no funk que falam palavrões. Então só por esse motivo acharia melhor que o funk fosse proibido. Há e eles tem mais coisas. Mas, só vou falar mais uma. É o caso das crianças e dos adolescentes que estão se deixando contaminar-se com esse tipo de música. E muitos deles estão a cada dia tornando-se desobedientes aos pais. Então seria maravilhoso que proibissem o funk.

1. Pra mim a piscoa é mais marcada
 2. pelos atos de piscoa, e essa ideia
 3. dos deputados, não vai ser muito boa
 4. porque o índice de vendas vai cair
 5. e com isso o desemprego também vai
 6. aumentar, mas por outro lado, o número
 7. de pessoas a serem vai diminuir muito
 8. Os atos de piscoa tem o maior número
 9. de vendas, e como os reais valores
 10. desses atos, vai cair e os políticos não
 11. fecham e muitas pessoas ficam desem-
 12. pregados, pra mim os deputados
 13. deveriam colocar uma lei que, proibe
 14. os preços de comprar mais de 4
 15. atos, talvez isso poderia diminuir o
 16. número de empregos abertos no Brasil.
 17. Se os deputados assinarem essa lei, os
 18. preços não perderiam os seus empregos
 19. e nenhuma loja teria que fechar suas
 20. portas, se tem que com essa "proibição"
 21. os em preços teriam que diminuir os
 22. funcionários, mas não teria tantos
 23. preços de empregos e os políticos de
 24. chocolate não teria que fechar suas
 25. portas.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. Os punk de hoje em dia são
2. muito imoral, fazendo com
3. que os crianças tenham mais
4. "Convívio" com os' drogas, porno-
5. grafia, criminalidade e linguagem
6. de baixo escalão.

7. Geralmente os próprios pais
8. ensinam os crianças desde
9. pequena a ~~de~~ ouvir este tipo
10. de música. Fazendo com que
11. isto influencie na infância deles

12. Raramente ouvimos músicas
13. que não tenha este tipo de
14. palavras e nem tanta imora-
15. lidade, e na questão desta
16. lei eu concordo pois os crianças
17. não tem que crescer ouvindo
18. este tipo de música. Até porque
19. não vai influenciar em nada
20. na vida deles.

		I	II	III	IV
1.	O 'avo de pávora				
2.	Eles não, devem fazer isso só por que				
3.	as crianças estão ficando mais gordas com				
4.	o aumento de chocolate, não precisa fazer outros				
5.	saberes de chocolate, como de tomate, alface e				
6.	repolho, as crianças pode comer chocolate sim mais				
7.	sem que ter restrições, para que não comam				
8.	muito chocolate para não ficarem obesas é				
9.	só, as pais das crianças colocarem regras				
10.	para que comam pouco chocolate não precisa				
11.	fazer chocolate de legumes.				
12.	Esses deputados não precisam fazer isso,				
13.	eles só vão deixar as crianças tristes,				
14.	por que toda criança gosta muito de chocolate				
15.	e nem todo mundo vai concordar com isso				
16.	que eles fizeram, mais algumas pessoas vão				
17.	concordar com isso por causa que muita,				
18.	gente tem diabetes e não podem comer muito				
19.	chocolate e vão aceitar isso normalmente				
20.	mas as crianças não vão gostar nem				
21.	um pouco disso.				
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

	I	II	III	IV
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1. Eu não estou de acordo com os deputados
2. fazerem isso com as crianças e adolescen-
3. tes do Brasil.

4. Isso é muita covardia com todos os
5. Brasil, não ia ser legal comer o ovo da
6. Páscoa em vez de chocolate comer tomate,
7. Repolho ou até Verdura.

8. Por que seria injusto ovo de tomate, Repolho
9. ou Verdura? Porque se em um merca-
10. do ou supermercado ou mercantil ou
11. em outro lugar seria legal o Produto
12. a vender. Estranho, é isso o funcionário o
13. funcionário é o dono do supermercado
14. Por isso o Produto com tomate, Repolho,
15. Verdura ou outro legumes iam fazer
16. o consumo com muito.

17. Por mim eu não compraria um ovo
18. da Páscoa de Verdura ou legumes eu pre-
19. firo comprar ovos da Páscoa de
20. chocolate se o ovo for de chocolate
21. o Produto vai acabar Rapido, Porque
22. todo o Brasil ia comprar.

1. Na minha concordância eu tenho abicolu-
 2. to certeza que, o funk no Brasil pode
 3. sim ser banido de forma justa, pois
 4. o Funk pode trazer para as crianças um
 5. pouco de indecência, pois o Funk fala
 6. de violência, abuso sexual, linguagem
 7. de baixo calão, Pornografia, o Funk tam-
 8. bém pode levar um adolescente as dro-
 9. gas ou até ingerir bebidas alcoólicas.
 10. O Funk está estragando com as
 11. mentes das crianças e adolescentes
 12. inclusive por causa do celular.
 13. No Brasil devia sim que o funk fosse
 14. banido pois os Brasileiros estão
 15. preocupados nos filhos caso afete a
 16. mente e o filho fique agredido com
 17. seus pais.
 18. Então pra mim eu concordo que o
 19. funk deve ser banido do Brasil
 20. pelo que ele trás.
 21.
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. - Eu considero isso um absurdo agora vamos
 2. falar de um do mesmo assunto principalmente isso não tem
 3. nada a ver com o que eles estão falando deixo de
 4. falar que tem que não vai acontecer nada de
 5. errado mas do mesmo jeito de outros lugares
 6. já sei o que vai acontecer de mundo.

7. - Por que isso vai ser mesmo lá talvez a
 8. comunidade e o país não se acham isso muito
 9. legal ultimamente os países do mesmo tem muito
 10. chocolate talvez 99,9% de chocolate no mundo
 11. para 75,9%. Para diminuir a obesidade de adultos
 12. e adolescentes em Portugal acho isso totalmente
 13. errado.

14. - Por que os candidatos candidatos e etc.
 15. não vão fazer isso para melhorar o Brasil?
 16. Não fazer isso para Europa e Brasil ai sim
 17. Eu acho isso totalmente errado a conclusão
 18. tem muitas coisas não fazer cometa sobre isso
 19. principalmente o Brasil tem 99% de pessoas
 20. com obesidade e muitas mais coisas.

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1. A algumas semanas atrás, foi publicado
2. em jornais, sites de notícias e até na tevê,
3. que os deputados federais aprovaram uma
4. lei, proibindo a venda de ovos de páscoa.
5. Proibiram a venda de ovos de páscoa, na
6. intenção de diminuir os índices de cri-
7. ças e adolescentes obesos.

8. Nesse caso, eu creio que proibir a ven-
9. da de ovos de páscoa, durante 5 anos con-
10. secutivos, não, na real, iria muito acabar com
11. o clima da páscoa, porque tipo, todos nós
12. sabemos, que quando alguém fala a palavra
13. "Páscoa", já pensamos em ovos de chocolate,
14. porque é uma tradição.

15. Os deputados federais, queriam colocar
16. ovos de tomate, repolho e alface, no lugar de
17. ovos de chocolate. Para mim, isso é uma gran-
18. de injustiça, o certo seria os próprios pais
19. terem a responsabilidade na alimentação
20. de seus filhos.

21. Então, nesse caso, eu sou totalmente con-
22. tra essa lei de proibição dos vendas de
23. ovos de páscoa.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1. Nas últimas semanas de 2017, surgiu um no-
2. vo projeto de lei de "Criminalização do funk
3. como crime de saúde pública à criança e
4. aos adolescentes e à família", por conta das
5. linguagens de bailes como pode acabar causando
6. o boicote do funk em regiões brasileiras.

7. Sim, exatamente, os deputados federais estão que-
8. rendo aprovar uma lei que causará o boicote
9. do funk no Brasil, crês que isso trará
10. muito resultado para alguns brasileiros, há um
11. lado para muitos adolescentes que escutam funk,
12. mas também depende muito do funk tocado, tem
13. aqueles funk's mais vulgares e tem outros bem
14. menos vulgares.

15. Por mim, boicotar o funk é um grande erro-
16. goso mesmo que eu não goste muito desse gê-
17. ro musical. Tem pessoas que gostam muito do funk
18. e sobre crianças escutam, os pais devem ter um
19. atitude de não deixarem elas escutarem esse tí-
20. po de música. Vai por mim, boicotar é um grande
21. erro.

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

OS OVOS DE CHOCOLATE NA PASCOA DEVEM
SER VENDIDOS SIM, COMPRAR QUEM QUER, QUE NÃO
GOSTA NÃO COMPRAR, SE COMER NEMAI PROBLEMA
É DE QUE COMER NEMAI, NEMER SER VENHAÇÃO
OS PAIS DAS CRIANÇAS SABER O QUE COMPRAR PARA
ELAS SE COMPRAR NEMAI É PORQUE É PORQUE
QUER QUE A FILHA OU FILHO COMER. ENTÃO PROBLEMA
MAS DOS PAIS QUE COMPRAR NEMAI, NÃO
QUER QUE SEUS FILHOS COMER, NA COMPRAR
ENTÃO ENTÃO DEPENDER DE PAIS NÃO NO
CHOCOLATE, O QUER SERIA NA PASCOA SEM
O OVOS NA PASCOA, SENDO DE CHOCOLATE
SERIA DE TOMATE, DO PIMENTÃO, CHUÍRO DE UVA
DO, E OUTROS TIPO DE TOMATES, VERBORES,
MAIS É NORMAL A PESSOA COMER O QUE QUER
EU NÃO ENTENDI PORQUE OS DEPUTADOS
VOLTARAM CONTRA OS OVOS NA PASCOA
SENDO DE CHOCOLATE E PARA SER SIM
SEMPRE FOI EU TEMPO CERTO DE QUANTO
OBS É PREVENO IGUAL A GENTOS ELOS COMIA
ATE NEMAI É PORQUE O GENTOS NÃO PODER
ISSO NÃO É UMA COISA MUITO MUITO FELIZ
TEM QUE VOLTAR CONTRA A VIOLÊNCIA, A SEGURANÇA
QUE ESTÁ PERCIMA A SAÚDE DE POVO,
QUANDO PEGAR UMA GRIPE E OUTROS COISAS,
MAIS IMPORTANTES.

60

1. EU VOU FALAR AGORA, DA LEI QUE OS DEPUTADOS FEDERAIS, PETENDE POR. NÃO É CORRETO PORQUE SE AS CRIANÇAS

2. ADOLÉSCENTES, QUEREM DANÇAS ESTA MUSICAS É PORQUE ALGUM

3. DA PRÓPRIA FAMÍLIA AUTORIZA AS CRIANÇAS A CANTA E A

4. DANÇA. AS MUSICAS, BLES OS PAIS COLOCAM A MUSICA PARA TOCAR.

5. ENTÃO PARA MIM NÃO É CORRETO POIS AS MUSICASSÃO

6. BOAS, MAS NÃO CORRETO NOS SABEMOS, MAIS É A VIDA TEM UM

7. BOAS, AGORA VAMOS FALAMOS DO ROLEZINHOS, EU NUNCA

8. FOI, E NEM VOU, PORQUE LA SIM, TEM DOGRAS, BEBIDAS,

9. PALAVRÕES, CONFUSÕES, ARMAS, E MUITOS VAGABUNDOS

10. OS TRAFICANTES DOS BAIROS MARCAM OS FAMOSOS

11. ROLEZINHOS. IÁ É OS BANDIDOS COMEÇAM A ROUBAR PARA

12. PODER A UM ROLEZINHO COM O DINHEIRO ROUBADO

13. AS MENINAS COMEÇA AS DANÇAS KAUSE PELADAS, ISSO

14. É POUO DE FALA PORQUE EU NUNCA FOI A UM ROLÉ.

15. OS BANDIDOS GOSTAM DISSO, MAS EU NÃO ACHO

16. ISSO CORRETO. PORIÃO TAL UMA LEI PARA FECHAR

17. OS ROLEZINHOS, AS MUSICAS JA NÃO É NORMA

18. PORQUE AS CRIANÇAS E ADOLÉSCENTES SO ESCUTAM SE

19. A MAM OU PAI ESCUTAREM EM CASO POR ISSO

20. TUDO ISSO TEM UNO COMEÇA COM A MAM E O PAI

21. QUE ESCUTAM EM CAS NÃO É PRECISO COLOCAR A

22. LEI NAO.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

1. Bom, Particularmente eu não gostei da Lei (30)
 2. Porque eu gosto bastante de chocolate, mais também
 3. tenho que admitir que tenho que comer bastante
 4. frutas e verduras.
 5. Para termos uma vida saudável e ter
 6. disposição no dia a dia, Bem o que eles poderiam ter feito em
 7. vez de tirar a venda de ovos da pascoa era concesso a comer
 8. Pais ou mandar um recado pelo "TV" para dar chocolate
 9. na pascoa
 10. de vez em quando, e só quando fizer por menos
 11. tipo comer todas as verduras arrumar o quarto
 12. limpar o prato etc, então Particularmente as pessoas
 13. poderiam vender legalmente nas suas, ou em vez de Ti
 14. rar ^{Todos} os chocolates
 15. Tirar só o chocolate ao leite deixar os
 16. os chocolates amargo, ou fazer até mesmo esses
 17. chocolates de frutas e verduras porque pode ter pessoas
 18. que podem gostar da ideia e comprar, por que
 19. tem aqui os pessoas
 20. querendo ser magrinha e mais saudável.
 21.
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. De finalmente banirem o "funk" do Brasil
 2. eu vou estar achando super ótimo, pois eu particula-
 3. rmente odeio funk, tipo tem algumas letras que não legais é
 4. tudo.

5. Mas tem alguns que as letras não fazem muito
 6. sentido, é tudo só sobre sexo, pularia, rancagem, malen-
 7. dragem etc, tem alguns que até parecem sobre am-
 8. or mais acaba sendo pularia e malendragem, ~~mas~~
 9. caso você não esteja

10. Entendendo eu ainda estou falando sobre as letras dos mu-
 11. sicanos, tipo antigamente tinha pularia nos musicos mais
 12. era aquela pularia mais comum não da lá para perubar. Tipo
 13. não era muito clara mais hoje em dia é horrível. Tipo
 14. Assim

15. Que você quele do para saber na hora, que ele tá fal-
 16. ando sobre pularia, em porra está errado, porra mais
 17. se tá se dan da a minha humilde opinião sobre
 18. este assunto, só o assunto de banimento do funk
 19. no

20. Brasil.

1. Esse metido é como metido mas que im
 2. portante por que, não se trata somente de
 3. Ores dos países ocidentais e raras em
 4. luxo, mas sim com a realidade de um
 5. por com a realidade, e se for seu tutelam
 6. no centro, porque não é preciso de
 7. Ores do país ou quando eles raras
 8. com raras que não fazer diminuir
 9. a realidade, muito pelo contrário, sempre
 10. aumento de emprego e renda e um
 11. outro de outros países, e os Ores do
 12. países que um propulsores e outros
 13. pelos seus recursos naturais de realidade, sem
 14. falar que se é trabalho, porque um
 15. mudar a realidade propulsores e outros
 16. me mundo todo? e se fossem fazer
 17. isso para tentar diminuir a realidade me
 18. Brasil, que teriam outros países que
 19. não teriam tanta realidade como se per-
 20. ceia ou então que diminuir a percentu-
 21. al de produção ou de realidade nos Ores
 22. dos países.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

2. Quem esse assunto de funk não é ali
 3. hoje e sim há muito tempo se rumo discutido
 4. não esse assunto, por isso de funk não se
 5. ali ser preciso, até por que eles estão gene-
 6. ralizando, nem todos os funks inventores
 7. são vândalos e os crimes, os abusos, as
 8. criminalidade e linguagem de alto nível
 9. e etc, muitos funks, inventores e implementam
 10. to inventores, por isso acho que eles
 11. generalizam, porque mesmo se funk ser mais
 12. simples, mas não acha de ser cultura, ali
 13. mas que uma cultura contemporânea mas
 14. é uma cultura, e não podemos verter
 15. essa cultura ser apurada assim e que
 16. se tirar que proibido, que seja somente os
 17. funks que inventores não errada e não
 18. que todos porquê se parte por isso
 19. ali porque isso queriam uma grande
 20. respeito por parte de quem brasileiros
 21. assuntos por funk

1.	- MINHA CONXTUALIZAÇÃO A MESPEIDO DOS			
2.	OVOS DE CHOCOLATE NA PROIBIÇÃO DOS			
3.	OVOS PARA A CRIAÇÃO DE OVOS DE:			
4.	QOMATE, CEBOLA E BERRHO.			
5.	- A E EU ESTOU NAO SOU A FAVOR DE			
6.	SEBEM PROIBIDOS OS OVOS DE CHOCOLATE			
7.	PARA SEBEM CRIADOS OVOS DE VERBOURAS			
8.	- PORQUE DESSE JEITO AS CRIANÇAS			
9.	VÃO COMEÇAR A FICAR PEDINDO OS OVOS			
10.	AOS PAIS E OS PAIS NÃO FICAM			
11.	NEGANDO, COM ISSO OCORRERIA REBELIÃO			
12.	NA FAMILIA COM OS PAIS E OS			
13.	FILHOS, POR CAUSA QUE OS PAIS			
14.	NEGAM OS OVOS DE CHOCOLATE			
15.	- E TAMBEM TAMBEM A IMPRESA DE			
16.	OVOS DE CHOCOLATE PALIARIA E COM ISSO			
17.	IRIA CONSTEAR EM REBELIÕES ENTRE OS CAN			
18.	DIOS E OS AS IMPRESAS			
19.	- A MINHA PROPOSTA E QUE OS			
20.	CANDIDATOS APLIQUEM UMA LEI DE			
21.	REDUÇÃO DE OVOS POR CRIANÇA			
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1.	PABA MIM SIM CERTEZA PORQUE IMAGINA			
2.	UMA CRIANÇA DE 8 ANOS CANTANDO MUSICAS			
3.	COM CERTOS PALAVRADOS, O ATE MESMO DANÇANDO			
4.	MUSICAS SEXUAIS, EU MESMO JA OUVI UMA			
5.	CRANÇA FALANDO BEM ***** E COM			
6.	ISSO FIQUEI ASSUSTADO, PENSANDO, NOSSA COMO			
7.	SEUS PAIS ADMITEM ISSO.			
8.	MAIS EU TAMBEM LEMBOTEI E FALEI?			
9.	A JA E ASSIM A MUITO TEMPO .OO QUE			
10.	VAI ADIANTAR, SO COM A CHEGADA DA NOVA LEI			
11.	SE TEM CRIANÇA DE 10 ANOS QUE JA PROVA			
12.	AQUELA CERTEZA AQUELA RED BULL.			
13.	VAI TA VOLTANDO AO ASSUTO PRINCIPAL			
14.	SIM EU TENHO CERTEZA QUE DEVE SER			
15.	ESTABELECIDO ESSA LEI PORQUE NAO			
16.	ESTABELECENDO ESSA LEI PREJUDICARIA ATE			
17.	OS ESTUDOS DAS CRIANCAS COM CERTAS			
18.	MUSICAS NA SALA DE AULA, ENTAO			
19.	SIM DEVE SER ESTABELECIDO ESSA LEI			
20.	#BOCA DE CRIMINOSA SO PARA COMEB			
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1. Eu acredito que essas coisas não gostam
 2. de viver da pessoa, porque se elas fossem elas não seriam
 3. proibidas, ou então alguém da família dele em não. Pode
 4. comer. Por isso de um proibiu todo mundo, isso não pode.
 5. Então sempre governante o senhor não pode proibiu
 6. a população de comer ovos de pessoa de chocolate o senhor
 7. tem um respeito o gosto das outras se o senhor
 8. ou alguém da sua família não gosta porque fazem
 9. nada, não ninguém pode fazer nada então se não comia
 10. senhor já viu na dele o senhor tem um respeito
 11. os gosto das outras, se o senhor gosta de ovo de tomate
 12. o senhor pode entender que senhor e para sua família
 13. e não deixar o ovo de pessoa para a população tomar
 14. então o senhor não pode fazer isso com a população
 15. Então minha opinião é, não, e isso com
 16. a população não vai aceitar isso, porque a popula-
 17. ção gosta de ovo de pessoa bem melhor, aí o senhor vai
 18. com essa história de proibiu o ovo de pessoa? Não
 19. aceitamos isso e o senhor vai ter um respeito os outros gosto
 20. de porque não temo respeito de o seu gosto
 21. e da sua família então se não comia senhor
 22. governante.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

44

1. Essas músicas já são proscritas a muito
 2. tempo, por isso tem alguém que também quer fazer apologia
 3. ao crime organizado, tipo me dá lá que fala no mundo
 4. Polícia e não incentivava os jovens a ir no crime
 5. então os funk com fala de Putaria de drogas,
 6. de apologia ao crime e de baixo calão realmente precisa
 7. ser proibido, por que o negócio não se dá está sendo
 8. a cidade não tem muita coisa a atividade, fica com a
 9. música de Putaria e ninguém está obrigada a ouvir isso não
 10. certo com ainda existe funk com conteúdo
 11. não de um ser proibido, por que fala a realidade do
 12. mundo, então existe dois tipos de funk, o funk
 13. com conteúdo que fala da realidade do mundo, o funk
 14. proibido que fala de Putaria e drogas
 15. então esse o funk com fala de Putaria,
 16. drogas, apologia ao crime, e de outras coisas tem que
 17. ser proibido sim, e quem fala um discurso mais que
 18. fazem essas músicas, tem que ser proibido, por que
 19. a cidade de não é obrigada a ouvir essas músicas
 20. não, e mesmo que não se faça a proibição
 21.
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. Os deputados estão jogando a coisa
 2. errada, porque tem gente que nunca comou
 3. a que comer mais não tem a sua venda.
 4. Esses diabólicos e cretinos tem que ter um
 5. acompanhamento para evitar chocolates e etc.
 6. Porque tem gente que não tem esse problema
 7. si fica chato pra pessoas que querem comer
 8. os chocolates. Por que eles podem comer choco
 9. late.

10. Esses deputados podem proibir para os que
 11. não podem comer os que tem doenças. Esses
 12. suas de pessoa que são de verduras e tomates
 13. e pra quem tá jogando dieta, mas pra
 14. quem por jogar a compra do que normal
 15. de chocolate tenha cuidado nas compras
 16. e não comar ele mais pode provocar dor
 17. de barriga e problemas no nariz. Esses de
 18. Verdura não dar pra comer pra quem
 19. não gosta então vende pra quem tem
 20. obesidade. Eles não gostam disso querem estar bem.

21. O certo era pra vender os pão pra
 22. que tem obesidade vende só Verdura se
 23. caso tiver com o pai ou algum res
 24. pousar ele vende um chocolate que não
 25. lhe faça mal. E os que não tem problema
 26. mas vende os pão. Esses deputados tem
 27. que pensar mais antes de jogar a coisa
 28. por que nunca sempre dar certo as coisas.
 29.

30

1. O funk não pode ser proibido porque ele é
 2. uma música, por isso toda música tem sua
 3. idade adequada para ouvir. A dança é uma
 4. coisa muito importante para os jovens
 5. que o do funk não é apropriado para crianças
 6. e adolescentes, por isso a notícia mais tem funk
 7. que não tem palavras e danças e outros
 8. os que tem e só deixam os menores escu-
 9. tar e dançar.

10. Nós brasileiros tem muitas boate funk
 11. nos pontos do Brasil. A maioria das vezes
 12. sempre tem tiros drogas e violências e tem
 13. mesmo no meio então essas boates tem que
 14. ser uma vitória para parar os abusos
 15. de que vai assim diminuir mais a violência
 16. nessa funk. Os cantores e compositoras de mu-
 17. sica evitar colocar violência e palavras nas
 18. músicas. Afinal nós tem a violência nas
 19. boate funk e funk é uma música.

20. Então o funk não deve ser escutado por todos
 21. o mundo por que é uma cultura e não pode
 22. ouvir todo mundo então é isso.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. a notícia dizia que uma lei foi aprovada
2. por deputados federais, essa lei fala sobre a proi-
3. bição de vendas de ovos de páscoa que ira
4. ser prolongada nos próximos 5 anos, fala também
5. sobre a proposta de criarem ovos de verdu-
6. ra, tudo isso diminuiu o índice de obesidade
7. de crianças e adolescentes.

8. Acredito que por um lado essa lei seja boa
9. e por outro não, porque realmente deve está aument-
10. ando o índice de obesidade no Brasil, mas não
11. vejo tanto motivo para isso, essa proposta tem
12. seu lado negativo e seu lado positivo, porque mes-
13. mo que vendem ovos de verduras, também ningu-
14. alguém iria comprar, mas iria ter muitos pei-
15. so abrigando seus filhos a comer e isso é
16. ruim, não vejo o mal que uma barra de
17. chocolate (da cacau show) possa fazer.

18. Comer sem exagero é muito bom, mas tem
19. umas pessoas que não sabem parar, os chama-
20. dos: chocolateiros.

21. Acredito que muitas pessoas iriam fazer
22. mal dessa lei, não gostei muito, mas se
23. botarem não foi por acaso.

Essa lei traria muitos benefícios para o nosso país nos tempos atuais, iria melhorar a educação, a saúde não só física mas também mental de muitas pessoas. Muitos jovens estão morrendo por isso, o funk pede influências muito menores de idade a cometerem atos ilícitos como: beber bebidas alcoólicas, consumir drogas, e até a fazer sexo, tudo isso pede acontecer precocemente na adolescência devido a esse fator.

Toda vez o funk também é cultura, arte e uma forma das pessoas se expressarem, pois não existe só funk pesado que fale sobre drogas, sexo e mortes também tem funk romântico, gospel e etc...

Acredito que essa lei seria boa se os Deputados federais não ameaçassem tirar o funk por completo, só as músicas que ^{podem} apresentar ameaças e burfar a saúde, a educação e a idade do menor, por tanto se esses senhores realmente se importassem com o país, eles talvez pensassem nessa lei.

1. Eu concordo com a opini-
 2. ão dos deputados federais
 3. se assim e a ideia de ser
 4. um país dos obesos, e a ajuda
 5. eretar diemcos para as
 6. eranças como cancer, anemia
 7. e diabetes.

8. Na C's mãos deviam ter
 9. consciência de não comprar
 10. aues de passeio, pois ils fazem
 11. muito mal para a sociedade
 12. de mas as pessoas mesmo
 13. sabendo que faz mal elas
 14. continuam comprando os aues
 15. de passeio para as eranças.

16. O que os pessoas podem fa-
 17. zem para evitar com isso
 18. era que cada chegue a
 19. passeio, os pais compram
 20. aues de passeio com vegetais
 21. dentro como o aue de repolho
 22. ou de alface e assim os
 23. pessoas em para de ficar
 24. obesos.

1. Eu ~~concordo~~ concordo assim
2. com a lei que foi criada
3. pelos os deputados federais na
4. ultima semana em Brasilia,
5. eu concordo porque muitas de-
6. ssas musicas são de baixa
7. padrão, as crianças com 3
8. ou 4 anos ja sabem cantar
9. essas musicas que a maioria
10. são de baixo padrão.

11. No meu ponto de vista o
12. funk não era para tem
13. essas musicas no nosso
14. país, pois eles publicam os
15. jovens, mesmos estudos, eles
16. também em fluencia os jovens
17. usa drogas e também usa
18. bebidas, claro nem todas essas
19. musicas são de ~~baixo~~ baixo
20. padrão mas sua grande
21. maioria não é ~~boa~~ boa in-
22. fluencia.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					
16.					
17.					
18.					
19.					
20.					
21.					
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

1. Eu sou contra, até porque
2. isso já se tornou uma cultura brasileira
3. e então tirando esse costume que
4. todo brasileiro tem.

5. É eu sei que o problema
6. de obsessão + está grande
7. mais a culpa não do feriado
8. da pessoa, o problema dos
9. pais que são irresponsáveis.

10. Todos nós sabemos que
11. a culpa não é do feriado,
12. até porque uma coisa que
13. acontece de ano em ano não
14. iria deixar a pessoa obesa.

15. Existem muitos pais por aí
16. que todo ou quase todo dia
17. que compra comida que não
18. faz muito bem, e aí está dando
19. esse tipo de comida, acostumando-a
20. e aí vão dizer que a culpa é do feriado

1. Eu não acho que seja necessário
 2. ³²criarem uma lei para proibir o funk,
 3. um estilo de música que 99% da população
 4. brasileira escutam esse estilo musical
 5. que já virou praticamente uma cultura
 6. brasileira.

7. Essas pessoas que estão querendo que
 8. o Funk acabe, estão totalmente erradas, pois
 9. isso porque não gostam, não querem proibir
 10. o estilo musical que tantas pessoas escutam.

11. O Funk é um estilo de música que
 12. quase toda população brasileira escuta,
 13. então estaria seria como se houvesse alguém
 14. acabando com uma de nossas
 15. culturas, e aí nosso país mudaria,
 16. pois seria como se qualquer outro
 17. país perdesse uma, de várias culturas
 18. e assim ele não seria mais o mesmo
 19. assim com o Brasil, mesmo tendo
 20. várias culturas, a falta de uma, já
 21. iria se tornar estranho. Então, para
 22. mim não seria necessário proibir o
 23. Funk.

1. No Brasil, a popularidade do funk está crescendo
 2. cada vez mais, a maioria dos jovens se abstém
 3. por um gênero musical, por conta dos vários palcos de
 4. -os clubes, por estar vulgares e de letra contenciosa.

5. Não é um gênero musical que irá fazer com que os
 6. jovens comecem a sair de casa. Essa questão não
 7. se trata de gênero musical, e sim de educação. Então, se
 8. hipster fosse verdadeira, todos os os jovens que gostam de
 9. rock seriam autistas.

10. As crianças devem estudar música, de acordo
 11. com a opinião do país. Já os adolescentes já devem ter
 12. o direito de estudar um gênero musical, e os músicos que
 13. devem estudar.

14. O funk, mesmo possuindo vários palcos de baixo nível
 15. e estar vulgares, não deve ser proibido, pois é apenas
 16. um gênero musical. Todos os jovens tem o direito de
 17. estudar os músicos que mais lhe agradam. O que deveria
 18. ser evitado é a proibição de um gênero, por conta de música
 19. alta, não há em consideração o seu gênero. Além de
 20. outros problemas educativos.

1.	A Páscua foi criada e muito tempo atrás, se tornou			
2.	do candomblé. Esta ocasião ocorre em diferentes países (países das Américas			
3.	hispanicas que a páscoa é feita, como o aumento de Jesus e outras coisas)			
4.	como por exemplo: proporciona um bom estado emocional			
5.	Esta nova lei talvez não seja adequada, pois de estar			
6.	procurado com a saúde das pessoas, estão tirando tirando algo que eis			
7.	fazem nem (não física, mas) emocionalmente. É preciso refletir mais sobre			
8.	este conceito, estudar mais sobre como as pessoas de outras com esta			
9.	ocasião. Talvez estejam dando apenas o ponto negativo.			
10.	Devemos considerar que chocolate proporciona o aumento de peso,			
11.	mas também existem os bons conceitos como por exemplo, o estado emoti-			
12.	onal do indivíduo que consome. Talvez o chocolate seja essencial em			
13.	nosso vida, se for consumido em doses moderadas. Alguém que consome			
14.	chocolate mostra uma boa saúde.			
15.	A páscoa também serve para unir pessoas, familiares e incentivar			
16.	um ambiente agradável. O ovo de páscoa pode ser usado como um presen-			
17.	te de pai para filha, de filho para mãe ou de um casal. Em um relaciona-			
18.	mento em que o casal está brigado, o ovo de páscoa é a solução para um			
19.	havermemto.			
20.	Devemos sim, comer chocolate, mas evitar o consumo exagerado.			
21.	O que vem primeiro é o bem estar emocional, depois o físico.			
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1.	A Páscoa é um feriado para as crianças e adolescentes ganhar				
2.	ovos de chocolate, mas isso está causando muitos problemas de				
3.	saúde. Então, a presidente da Câmara dos Deputados alegou				
4.	que o índice de obesidade das crianças e adolescentes está au-				
5.	mentando muito e, com o consumo de chocolate, vai aumentar				
6.	ainda mais. a situação estava grave, até eles proibiram a				
7.	venda de ovos de chocolate. Então, o ovo de chocolate deve				
8.	deixar de existir, para entrar os ovos de verdade, que				
9.	forte fazem e ajudam as crianças e adolescentes a se ali-				
10.	mentarem mais adequadamente, como, ovos de limão, de leite				
11.	e de café, além disso, não é atômico a qualquer pessoa,				
12.	para que qualquer um tenha mais saúde, e evita a obesidade				
13.	para qualquer um comer esse ovo com verdura vai começar				
14.	a se sentir mais forte e saudável, para a população				
15.	garante.				
16.	Nesses cinco anos, não vai existir mais ovos de chocola-				
17.	te, e qualquer um poderá comer sem problemas, ele				
18.	vai ter uma alimentação saudável, e ter mais				
19.	saúde, vida, e sem obesidade, todo mundo vai viver saudá-				
20.	vel!				
21.					
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					
16.					
17.					
18.					
19.					
20.					
21.					
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

1.	dan musician di FUNK, FUNK Partida da ditinjau musik				
2.	a index di Caminhadões, e Pedestre uma a estrada de Paris em				
3.	lavoura in Paris a J. B. e d. J. e mundo dan d. J. e m.				
4.	hinta e. J. e FUNK f. J. h. m. J. e. P. J. e. J. e. J. e. J. e.				
5.	h. J. e.				
6.	na h. J. e.				
7.	da h. J. e.				
8.	e funk P. J. e.				
9.	de h. J. e.				
10.	h. J. e.				
11.	em h. J. e.				
12.	h. J. e.				
13.	h. J. e.				
14.	h. J. e.				
15.	na h. J. e.				
16.	h. J. e.				
17.	h. J. e.				
18.	em h. J. e.				
19.	e funk P. J. e.				
20.	na h. J. e.				
21.	e funk P. J. e.				
22.					
23.					
24.					
25.					
26.					
27.					
28.					
29.					
30.					

1. Eu lembrando com muita frequência que
 2. elas faziam seus os de legumes para
 3. seu m esta uma do para. Eu m meo un-
 4. do que das trou os os de chocolate
 5. até por que jo e uma trabalho maneira em
 6. para os que uma função que estão como
 7. de para se um de m uma agosto que
 8. na para em em engorda por que tem
 9. muita gente que ama chocolate e
 10. na para em ver por na que os
 11. faziam como os para uma trabalho se
 12. trabalhar e com exageradamente chocolate
 13. para mim em na com com uma maneira
 14. indevidosamente em exager tempo então
 15. que m para uma obras em uma maneira
 16. uma vez em uma hora ^{que se trata} de uma maneira
 17. legitim em algumas maneira em uma
 18. uma maneira em uma maneira e uma maneira
 19. maneira em uma maneira em uma maneira
 20. maneira em uma maneira em uma maneira
 21.
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. Para mim o Funk não deveria ser
 2. banido por que Funk é cultura
 3. antigamente os Funkers não falavam
 4. de drogas e nem de pornografia
 5. mas hoje mim tem muitos Funk
 6. ers m e isso está indistivando
 7. os moleculares a fazerem o que
 8. a letra do Funk fala a máxi-
 9. oria parte mesmo é da batida
 10. da música então se quiserem
 11. com a letra do Funk mesmo pe-
 12. rmanos que fazem a letra do
 13. Funk deveria ter a máxi-
 14. cia de fazerem a letra com os fu-
 15. nks falando de drogas e por-
 16. nografia para mim não a le-
 17. tra da música não tem
 18. nada a ver com pornografia e não
 19. falam sobre drogas acho que
 20. não deveria ser banido.

1. Não era quem eles tiram uns pedaços de chocolate
2. na Páscoa, porque para todas as crianças e adolecentes
3. tem vai a tradição comer uns de chocolate na Páscoa,
4. os vezes algumas crianças esperam no ano todo por
5. na comer uns de chocolate na Páscoa. Por isso eu não
6. concordo em tirar uns pedaços de chocolate da Páscoa
7. não de vez das crianças ficarem felizes com a Páscoa
8. elas vão ficar triste pois elas vão ganhar uns
9. com verduras, é normalmente tem todos as cri-
10. anças gostam de verduras.

11. Minha sugestão para tudo isso é todas as crian-
12. ças reservarem uma hora do dia para fazer
13. exercícios físicos assim eles não ficam sedentários
14. e nem ficam sem fazer exercícios, e também as
15. mães das crianças poderiam comprar frutas para
16. as crianças comer e quando chegasse a Páscoa compra-
17. va um uns de chocolate para a criança mas
18. não deixaria a criança comer tudo sozinho, eu então
19. as mães poderia comprar chocolate sem muito açúcar,
20. ela poderia também comprar vários tipos sem muito
21. açúcar assim eles não engordaria tanto.

1. O funk é muito bom, tem varias musicas bem legais
 2. mas tem musicas desnecessarias escutar, o funk precisa
 3. ter limite. Pois tem varias criancas que tambem
 4. escutam funk e isso prejudica a mentalidade de uma
 5. criança. Por que as crianças escutam essas musi-
 6. cas e depois ficam carentes essas absurdas de
 7. se escutar, e tambem não é as crianças não tambem
 8. são os adolescentes. Pois isso ajuda a eles entra-
 9. rem no mundo de experimentar drogas e etc.

10. Então o funk deveria ajudar as pessoas
 11. e não prejudicar, poderia fazer musicas bem
 12. melhores, fazer um funk falando sobre os es-
 13. tudos falando sobre um trabalho digno, melhor
 14. do que falar coisas que não vai da futuro
 15. nenhum a ninguém e sem muitas coisas que
 16. não prestam, Por isso não escutam musicas que
 17. não vão da futuro nenhum a ninguém, não escu-
 18. tam musicas ruins falando sobre drogas, prostitu-
 19. ção e nem a criminalidade escutam funks
 20. que tenha essas coisas falando.

1. Assim os deputados federais não
 2. deveriam fazer isso por que os
 3. ovos de páscoa é uma cultura
 4. Brasileira, então se não estiver
 5. mais ovos de chocolate na cultura
 6. não iria existir, mas nós temos que
 7. Ver o lado bom e o lado ruim.
 8. O lado bom é que ovos de páscoa
 9. é muito deliciosos, cremosos e etc. O
 10. lado ruim é que traz muitas
 11. doenças diabéticas, obesidade entre outras.
 12. E eles estão errados por que ovos
 13. de tomate, verduras e repolho é muito
 14. saudável, por que nos crianças e
 15. adolescentes não vão querer comer.
 16. Mas se os pais dessas crianças e
 17. adolescentes sentirem pena ser que
 18. dar parte. Como eu disse no come-
 19. ço do texto os ovos de páscoa
 20. é uma cultura e eles não podem
 21. acabar com isso.

1. O funk é uma cultura a
 2. ele não deve ser tirado. Sim
 3. tem alguns funks, que não são
 4. apropriados, para crianças e adolescentes
 5. Esses funks passados eles se ego
 6. devem ser tirados, com diz o governo
 7. tem uns funks que contém,
 8. pornografia, linguagem de baixo calão, etc
 9. na, proibiu todos os funks que não
 10. tem sentido. Os funks passados são
 11. que vai, para todos os funks e tirado,
 12. tem todos os funks contém
 13. linguagem de baixo calão e pornografia
 14. e dão estímulos aos jovens.
 15. Então o governo tem que analisar
 16. os, funks quem nem todos os
 17. funks tem isso, linguagem e outras
 18. outras coisas, que ouvimos e adolescente
 19. só não podem ouvir e que, os pais
 20. não se preocupam com esse tipo de
 21. música.
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. Não sou a favor dessa lei por que chocolate
2. não faz tão mal a saúde, ao comer ele nós
3. produz energia para fazer coisas de dia a dia
4. Essa lei não pode ser aprovada, se for aprovada o
5. que sera da nova cultura? Eles devem criar uma
6. lei que o ser humano não possa consumir muito
7. chocolate ou criar ovos de pascoa com menos açúcar
8. e menos gordura, assim o indice de obesidade
9. ira diminuir aos poucos. O que tem que valer
10. é que chocolate de mais faz mal por conta do
11. açúcar, pode criar diabete, criar espinhas e etc.
12. Devemos consumir no maximo um chocolate
13. por semana, comer mais alimentos saudáveis e
14. praticar esportes ou exercicios fisicos, para manter
15. uma vida saudável. Criar uma lei de todas
16. as fabricas de chocolate produzirem ovos de
17. Pascoa ~~sem~~ sem açúcar e sem gordura para
18. os jovens e adolescente consumirem menos
19. chocolate e viver uma vida com saúde e
20. longe para fazer seus desejos.

De acordo como as pessoas que criticam o Funk após as suas críticas, pois eles tem todo o direito de dar suas opiniões. por que para eles ¹⁶Essas músicas levam seus filhos ao mundo das drogas, da criminalidade, da violência entre outros. No meu modo de pensar, concordo com o que pensam pois eles tem toda razão, a maioria das músicas existem muitas imoralidades, violências, palavrões e etc. temos que dar um jeito de bloquear esses tipos de músicas para os menores de idades que podem se influenciarem com essas músicas.

Existem algumas maneiras de mudar essas músicas para que todos possam escutar livremente, por exemplo mudar as letras que influenciam os adolescentes a pornografia, as drogas e as violências e colocar coisas legais como em vez de colocar coisas influenciando em matar ou usar drogas, colocar perdão as pessoas que lhe fizeram mal e não usar drogas por lá na frente pode prejudicar a sua saúde ou até te matar. São esses tipos de coisas que os criadores das músicas devem cantar.

1.	Eu sou super contra, ovo de páscoa branco sem de			
2.	chocolate, não de napolho, tomate, etc. os crianças ficam felizes			
3.	em ter ovo de chocolate branco, preto, e dos dois cores. Já está			
4.	dizendo páscoa e para os crianças comecem chocolate.			
5.	Os deputados poderiam pensar nos crianças, a maioria das			
6.	crianças não comem verduras, assim como eu não como verduras			
7.	e etc. de fato nenhum tipo eu não iria gostar de comer ovo			
8.	de verduras. se os deputados botarem ovo de páscoa de verduras			
9.	eu iria ficar triste porque páscoa sem chocolate não é páscoa.			
10.	Os lojas que forem vender ovo de páscoa de verduras a			
11.	maioria das pessoas não vai comprar por que ninguém gosta no			
12.	as pessoas de idade mais velha que iam gostar por que nos			
13.	crianças e adolescentes mais iria odiar essa ideia. assim eu			
14.	acho que cinco anos sem ovo de páscoa sem chocolate.			
15.	viam nos os piores cinco anos da minha vida. os mordos dos			
16.	ovos de páscoa de verduras viam nos lacta de verduras,			
17.	diamante de verduras, bis de verduras e etc. os brinquetes que			
18.	viam um dentro do ovo de páscoa viam nos tomate de brinquetes,			
19.	napolho de brinquetes, alface de brinquetes e a maioria os			
20.	crianças viam odiar.			
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

2. Assim nem todos os músicos de funk podem ser
3. proibidos, porque nem todos tem palavrões, tem oirança que hoje
4. em dia nem houve músicos assim, escutam mais de outro jeito,
5. mais eles escutam funk, mais não é funk pesado, Já os
6. adolescentes também escutam músicas assim, mais não é nessa culpa,
7. se eles os mc cantam essas músicas, eu não escuto músicas
8. que tem muitos palavrões, se eles os deputados proibirem os
9. músicos o que nos vamos ouvir por que eu escuto música da
10. igreja que é legal, mas tanto eu odeio exata. Então se
11. fosse eles, eu não tirava, os funk só diminuiria a quantidade
12. de palavrões, que eles os mc falam nas músicas, Todo funk
13. tem dança, mas só dança quem quer ninguém tá proibindo os
14. pessoas dança, por que tem funk, que nébola a banda tá
15. quebrando essas coisas, mais tem um funk que nós precisa
16. fazer isso, é legal (eles ou elas) escutam e dançam, por que
17. quando tiver Snow, não vai ter músicas de funk para alegrar,
18. a festa, por que quem já vive festa sem músicas de funk. Na
19. minha sugestão eu acho que eles não tirassem as músicas
20. de funk, nem as danças.

ALUNO31PT02

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1. O funk é um gênero de música que mu-
2. tas pessoas ouvem e gostam, mas sei que assim
3. como eu, tem muitas pessoas que não gostam,
4. pois o funk hoje em dia fala muito sobre
5. pornografia, palavras de baixo calão, drogas,
6. criminalidade etc.

7. Sei que os pais dão controle do que
8. os filhos ouvem e assistem, porém muitas vezes
9. os pais não tem como controlar, pois de qual-
10. quer maneira seus filhos irão ouvir o
11. funk, pode ser em algum supermercado, restau-
12. rante ou até mesmo na escola.

13. Então eu concordaria que os deputados
14. federais proibissem esse tipo de música no
15. Brasil, e que as crianças e adolescentes só
16. ouvissem músicas que estão de acordo
17. com a sua idade.

18. Sei que muitas pessoas não gostariam que
19. o funk fosse proibido, mas certamente seria o
20. mais coerente a fazer para que as crianças
21. parassem de ouvir letras pornográficas e pala-
22. vras de baixo calão.

	I	II	III	IV
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

1. Para mim sertamente é uma boa ideia
 2. de ser fazer Brasil os funk Parque o Funk
 3. e com a maioria das jovens estão se perdendo,
 4. Para meus dos festas, e principalmente a letra
 5. das musica e tambem o Funk ensinaram
 6. a substituição que é a sala tarissa que eu
 7. não acho errado Brasil o Funk fazer em seu
 8. lar, as crianças estão indo em mesmo
 9. rumo as crianças não podem ler
 10. uma letra de musica que já comecem a,
 11. depois: sertamente se comecem do si mesmo
 12. já crescer com uma possibilidade de ler
 13. como as festas e das festas que vai valerão
 14. a sala e a drogas e muito mais
 15. @ os Funk falam muita coisa em geral
 16. e pelo tambem das trocas eles não acha ruim
 17. a substituição, do funk Funk mas é o melhor para
 18. eles e das, por isso sertamente acho errado
 19. a substituição e de si as crianças aprenderão
 20. não aprendem coisas novas e ter um
 21. futuro maravilhoso-
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				
24.				
25.				
26.				
27.				
28.				
29.				
30.				

Para mim, não é necessário a venda de ovos de páscoa de verduras, vai ter que existir também o ovo de páscoa de chocolate, se for para tirar os ovos de páscoa de chocolate, tira logo os deis, nenhum e nem outro, mais para as pessoas que gosta de comer verduras, legumes e etc... vai ser legal então é para deixar os dois tipos de ovo de páscoa que seria mais interessante, quem se come verduras legumes esse tipo de leite inalterável tem o ovo de páscoa de tomate, e para quem se come chocolate esse leite não inalterável, tipo "eu" vai ter também o ovo de páscoa de chocolate, tem que ser bem compreensivo, tem que ter igualdade.

Então para mim, tem que ter os dois tipos de ovo de páscoa, até porque, quem não come verduras, pode até experimentar o ovo de páscoa de legumes, daí a pessoa gosta e começa a ver uma pessoa mais inalterável, então venham deputados federais que quem tira o ovo de páscoa de chocolate, eu não venho a favor dessa lei, para mim e os deis eu não, mais tira o ovo de páscoa de chocolate não!

1. Para mim as músicas de funk não
 2. precisa ser totalmente anulada da realidade,
 3. existe as que falam muito palavras, por que
 4. querendo que não tem brincos que brincem
 5. e a música ali falando palavras, talvez essas cri-
 6. anças que estão pensando esse tipo de música
 7. que falam essas palavras trocas nem sei se que
 8. é aquilo que o cantor está cantando. Se é que pre-
 9. tendem chamar isso de música, e sobre as danças
 10. inadequadas, pensando bem é uma dança ina-
 11. adequada mesmo, uma dança vulgar que expõe
 12. a pessoa que está dançando, não todas as
 13. danças, mas muita sim! Essas meninas que vão
 14. para baile funk pra até mesmo falar na boca
 15. de povo e isso é muito feio como fazem pala-
 16. da por causa de uma dança, então dançam
 17. direito como uma menina de verdade,
 18. não como essas outras que não quer saber
 19. de nada nem do fute que está dançando.
 20. Então pra mim não precisa ter lei pro funk,
 21. mas sim para aqueles que falam palavras por que
 22. aquilo não é funk.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

1. Eu acredito que os deputados estão
2. fazendo o melhor para o futuro das
3. Cidadãos, as docas são realmente um proble-
4. ma as crianças e adolescentes comem muitas
5. docas principalmente na época do Páscoa.
6.

7. As crianças e adolescentes da minha idade são
8. exageradas principalmente nas docas, mas
9. pra mim proibir o venda das docas de
10. Páscoa é um pouco demais.
11.

12. Eu sei que os docas podem causar Obesidade
13. e diabetes, mas pra mim vender docas de Pás-
14. coa de verduras é um pouco demais, mas ou-
15. tros vender docas de verduras e frutas
16. de frutas.
17.

18. Então essa lei que foi aprovada online
19. poderia ter algumas mudanças tipo: os
20. serem substituídas por frutas principalmente
21. que quase nenhum criança gosta de
22. verduras.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1. Bem, sobre o funk sem banido do Brasil eu
2. não me importaria com esse fato. Por que eu
3. simplesmente não gosto muito de funk
4. não é muito meu gosto. Mas algumas crian-
5. ças estão se pendendo por conta dessas musi-
6. cas que falam sobre bebidas, drogas, se-
7. xo etc... Exemplo, Ontem eu fui na beira mar
8. à noite com uns amigos meus, agente deu
9. umas voltas no calçadão e depois nos fomos
10. pra parte da Angra, agente ficou lá com a caixa
11. de som do Hill o amigo meu, aí ele colocou
12. uma playlist de funk, daí começou a vir
13. pessoas pra perto da gente, começamos
14. a dançar, pular, teve uma hora que todo
15. mundo tá olhando pra bancada de Inês
16. de nós. Quando eu vi que todo mundo
17. tá olhando eu fiquei chocada, em uma
18. menina de que? 10 anos no máximo dan-
19. çando funk até o chão de shant super
20. cunco. minha reação foi de que aquilo
21. era ridiculo
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

1. o projeto e iguete porque
 2. as creanças que de que de que
 3. velati i talvez exornando
 4. res mudando que das camelo
 5. itado selicuro o diaz d
 6. a pariu a rois um zero
 7. ita utuale quele pasome
 8. lo eulurose quele morate
 9. mudo rubeus roito mudo
 10. evo uo smes umudo
 11. mudo paraula pmoite
 12. a umudo eulo pmoite
 13. roidoro ~~roidoro~~ uloto
 14. amores ludo sumo amu
 15. lomas ruro eulo mozo
 16. kumsu evo isturaci
 17. roidoro eulo ludo
 18. como uio selgubus
 19. do emel ludo eulo uio
 20. morate amompu gate
 21. gulo
 22.
 23.
 24.
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.

ALUNO36PT01

1. O funk é um ritmo que ~~é~~ levou as
 2. adalécias a casa. o batido duplo foi
 3. as ruas e que tem mais de música
 4. muito gente são criados suas letras.
 5. não fosse susi se i dentes são um
 6. grande

7. as ~~ruas~~ músicas do funk te
 8. relata de um i ruim. utalécias
 9. e que elas falam do dia a dia. são
 10. mais que não são ritos de musicalidade
 11. aqui. ele usa um ritmo a fazer
 12. todo ilusão quis o danço do
 13. o que nasceu. utalécias tem
 14. que mais falam coisas boas
 15. que falam de fazerem di-
 16. rios

17. pra ele e aqui não é a natureza
 18. tem ritos de ~~seus~~
 19. com uma mensagem ~~de~~ aqui
 20. mas

21. se ~~é~~ no mesmo. Mc Katiamba
 22. e Mc Linnho eles falam de suas
 23. coisas imensas e inesperadas.
 24. imyama de um
 25.
 26.
 27.
 28.
 29.
 30.